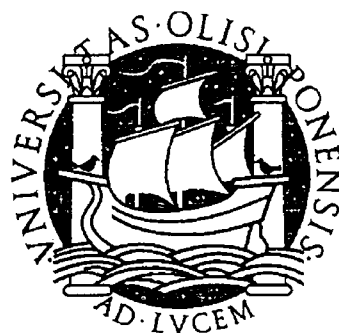


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



**A Prática Pedagógica e a articulação entre o Saber e o Saber – Fazer no  
quadro da Formação Inicial de Professores  
Um Estudo Exploratório**

Volume II  
(Anexos)

**Maria Fernanda da Cruz Esteves**

**Mestrado em Ciências da Educação  
Área de especialização em Formação de Professores**

2005

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



Faculdade de Psicologia  
e Ciências da Educação  
Universidade de Lisboa  
BIBLIOTECA

**A Prática Pedagógica e a articulação entre o Saber e o Saber – Fazer no  
quadro da Formação Inicial de Professores**

**Um Estudo Exploratório**

Volume II  
(Anexos)

**Maria Fernanda da Cruz Esteves**

Dissertação Orientada Por:  
Professora Doutora Maria Manuela Franco Esteves

**Mestrado em Ciências da Educação**

**Área de especialização em Formação de Professores**

2005

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO A</b> – Guião da entrevista à supervisora da Prática Pedagógica	2
<b>ANEXO B</b> – Análise de conteúdo da entrevista à supervisora da Prática Pedagógica	6
<b>ANEXO C</b> – Quadro com a síntese dos dados obtidos através da Análise de Conteúdo da Entrevista à supervisora da Prática Pedagógica	35
<b>ANEXO D</b> – Guião das entrevistas às professoras principiantes	38
<b>ANEXO E</b> – Análise de conteúdo das entrevistas às professoras principiantes	43
<b>ANEXO F</b> – Quadro com a síntese dos dados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas às professoras principiantes	128
<b>ANEXO G</b> – Protocolo da entrevista à supervisora da Prática Pedagógica	138
<b>ANEXO H</b> - Protocolo da entrevista à professora principiante F	158

**ANEXO A**

## GUIÃO DE ENTREVISTA

(a realizar à supervisora de Prática Pedagógica da instituição de formação inicial de professores)

**TEMA:** O contributo da formação inicial no desenvolvimento de competências profissionais dos professores principiantes

**OBJECTIVO GERAL:** Recolher a opinião do entrevistado quanto às competências profissionais que os professores devem desenvolver na formação inicial, e que poderão ajudar a ultrapassar as dificuldades sentidas no início de carreira

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE PERGUNTAS	TÓPICOS
Legitimação da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"><li>• Legitimar a entrevista</li><li>• Motivar o entrevistado</li></ul>	<p>Garantir a confidencialidade quanto à identidade do entrevistado</p> <p>Informar o entrevistado sobre a temática e objectivos do trabalho de investigação</p> <p>Sublinhar a importância da participação do entrevistado para o sucesso do trabalho</p>	

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE PERGUNTAS	TÓPICOS
Crenças sobre a Formação de Professores	Compreender quais os quadros de referência do entrevistado relativamente à Prática Pedagógica incorporada no programa de formação inicial de professores	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Que papel atribui à períodos de prática pedagógica na formação inicial de professores?</li> <li>➤ Que relação pensa existir entre esses períodos de prática pedagógica e a formação teórica?</li> <li>➤ Como é que habitualmente trabalha com os orientadores locais?</li> <li>➤ Como é que detecta as dificuldades e necessidades sentidas pelos alunos estagiários?</li> <li>➤ Quais as dificuldades que são mais frequentes nos alunos quando iniciam as suas práticas de estágio?</li> <li>➤ Como é que é o seu trabalho com os alunos no sentido de os ajudar a ultrapassar essas dificuldades?</li> <li>➤ Que importância tem para si a Prática Pedagógica?</li> </ul>	<p>Como vê o seu papel de formadora de futuros professores</p> <p>Modelo de formação e de supervisão subjacentes</p>
Competências trabalhadas no âmbito da Prática Pedagógica	Saber quais as competências que na opinião da professora necessário que os alunos_ estagiários desenvolvam.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quais são os objectivos que tem em mente desenvolver quando, no início do ano; elabora o Plano da Prática Pedagógica?</li> <li>➤ Com a publicação do Decreto-lei n.º 240/2001, é aprovado o perfil geral de desempenho do educador e do professor dos ensinos básico e secundário. Concorda com o perfil nele apresentado? Porquê?</li> <li>➤ E relativamente ao perfil específico de desempenho profissional do professor do 1º ciclo (Dec-Lei n.º 241/2001)</li> <li>➤ Em sua opinião a publicação destes normativos veio ajudar esta instituição de formação inicial de professores a orientar e a</li> </ul>	<p>Relação teoria - prática</p> <p>Perfil de professor</p> <p>Concepção de ensino e de escola</p>

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE PERGUNTAS	TÓPICOS
		<p>elaborar melhor os projectos de formação? Porquê?</p> <p>➤ A publicação destes documentos alterou o seu modo de trabalho com os alunos estagiários? Porquê?</p>	
<p>O acompanhamento ao professor principiante</p>	<p>Recolher a opinião do entrevistado relativamente à importância do acompanhamento dos professores no início de carreira</p> <p>Perceber se o modo de trabalho do professor é influenciado pelo conhecimento das dificuldades sentidas pelos professores principiantes</p>	<p>➤ Costuma manter contacto com os eus alunos quando estes iniciam a sua carreira profissional?</p> <p>➤ (Se sim), Quais as preocupações e dificuldades que eles mais manifestam sentir quando iniciam a sua prática profissional?</p> <p>➤ Em sua opinião quais são quais costumam ser os maiores motivos que contribuem para a manifestação dessas dificuldades?</p> <p>➤ E quais as satisfações que os professores manifestam sentir quando iniciam a sua prática profissional?</p> <p>➤ O conhecimento dessas dificuldades influencia a forma de trabalhar e planear a Prática Pedagógica? Porquê? Como?</p>	<p>Período de indução</p>

## **ANEXO B**



## ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA

**TEMA:** A Prática Pedagógica na Formação Inicial de Professores

CATEGORIA	SUB – CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Finalidades atribuídas	Possibilitar a articulação teoria prática	Mediar a integração na prática de forma articulada através de um percurso ziguezagueante, de forma lenta e progressiva	- <i>É preciso que tenhamos o cuidado de que na instituição formadora, a disciplina de prática pedagógica seja considerada mediadora desta integração na prática...</i>
			- <i>...porque esta entrada no objecto de intervenção que é a prática pedagógica é muito complexa, e que os alunos devem passar por percurso... ziguezagueante entre a teoria e a prática...</i>
			- <i>...e, portanto, (a formação inicial) deve convidar para que esta (relação) seja lenta, progressiva, cuidada, para que os alunos percebam imediatamente que se pretende que sejam bons praticantes</i>
			<i>O que considero é que na formação inicial a prática pedagógica tem que ser, desde o primeiro ano, uma entrada lenta, progressiva e muito bem mediada pela instituição formadora...</i>
			<i>...e que à luz dos problemas práticos que se colocam nas instituições vão progressivamente tentando integrar de forma articulada a teoria com a prática...</i>

	Aprender a praticar a profissão	Observando as várias dimensões pedagógicas ligadas ao ensino	<i>...eles aprendem a ser bons praticantes tentando integrar concepções teóricas da formação inicial nas realidades educativas que observam com crianças, na relação aluno – aluno e na relação aluno – professor nas instituições escolares, nas salas de aula, nos recreios, nas visitas de estudo...</i>
		Trabalhando de forma activa nos diversos contextos	<i>É importante porque estes senhores não vão desenvolver nenhuma actividade social, nenhuma actividade cultural, a não ser trabalhar com crianças do primeiro ciclo... eu tenho que as encaminhar já para uma intervenção na prática...para que os alunos não pensem que vão para as escolas treinar ou aprender com professores experientes, para que não pensem que se aprende a praticar olhando só para as práticas dos outros, mas que se aprende... pode aprender-se a praticar assim, mas dificilmente se aprende a ser bom praticante assim...</i>
	Conhecer os contextos de trabalho	Contactando públicos e realidades institucionais diferentes	<i>...significa que os nossos alunos têm que passar, têm que rodar por todas as dinâmicas institucionais, porque senão, não vão ter capacidade de análise, reflexão e de síntese.....é evidente que se estamos a preparar professores é importante que contactem com as instituições escolares, com várias dinâmicas institucionais...</i>
			<i>...dinâmicas institucionais onde se trabalha com públicos diferenciados mas se trabalha para a inclusão social e cultural... que o público é conhecido pelos estratos sociais que o frequentam...</i>

			<p><i>...o contacto com vários públicos escolares, com várias diferenças culturais e sociais e até económicas, não é?...mas principalmente culturais e sociais...</i></p>
			<p><i>...ou em dinâmicas institucionais, normalmente de carácter privado, mas onde se trabalha para uma sociedade mais elitista e mais virada para valores culturais, mas valores muito europeus, e portanto muito elitistas em cima do europeu, nomeadamente alguns colégios que nós conhecemos...</i></p>
			<p><i>...e quando falarem de questões organizativas das instituições não são capazes de perceber e de analisar estas dinâmicas à luz das componentes administrativas e de gestão da escola...</i></p>
Competências a desenvolver	Competências Científicas	Ligadas a teorias gerais e das ciências da Educação	<p><i>... qualquer programa de formação de professores deve ter como primeira orientação, na minha opinião, quatro componentes: a componente científica, científica de ordem geral, como a sociologia, antropologia, filosofia da educação, psicologia e por aí fora, que portanto, tem por detrás teorias gerais de disciplinas e que dão origem...são mãe das Ciências da Educação. Todas elas, no seu conjunto, são mães das Ciências da Educação.</i></p> <p><i>...Então é assim, para mim, quatro grandes componentes para a formação de professores, a teórica, a científica, a teórica e específica, a pedagógica, que também é mais alargada e mais específica... portanto a pedagógica, a tecnológica e a relacional...</i></p>

			<p><i>-...Eu desenvolvo este conjunto de áreas de competência, que estão todas relacionadas entre si...competências teóricas relacionadas com a formação científica...</i></p>
			<p><i>-...Mas para mim, áreas de competência... há grandes áreas de competências, porque falar de competências para a docência é tão complexo, tão complexo, que se formos desfiar pelos indicadores de competência corremos o risco de tornarmos o trabalho pobre e deixarmos pouca matéria para discutir...</i></p>
			<p><i>-...parece-me a mim que nestas competências todas temos aqui os princípios que devem subjazer a toda a acção pedagógica De qualquer modo isto não é fácil e leva muito tempo. Normalmente para se conseguir desenvolver minimamente estas competências leva o primeiro semestre...</i></p>
			<p><i>...portanto, temos aqui a componente científica, que são um suporte para aquilo que nós fazemos na prática, para a estrutura dos nossos programas, quer das disciplinas científicas que os nossos alunos tem que ensinar ou levar as nossas crianças a aprender da melhor forma...</i></p>
			<p><i>...para eu levar os meus alunos a desenvolver determinadas competências...tenho que ir buscar as componentes da formação inicial que são as componentes teórico – científicas das disciplinas, ... dominar os conteúdos que vão ensinar... teorias específicas que são inerentes às disciplinas que os alunos têm que dominar do ponto de vista científico...</i></p>

			<p><i>...que sejam capazes de gerir um programa de Estudo do Meio (por exemplo), com os blocos de informação que bebem na natureza específica de cada uma destas disciplinas...</i></p>
			<p><i>...portanto, há noções em blocos de informação de estudo do meio que pertencem na sua lógica disciplinar às ciências da natureza. Há outros que pertencem à Geografia e há outros que pertencem à História...</i></p>
		<p>Conhecimentos científicos ligados ao desenvolvimento de projectos educativos e de organização curricular</p>	<p><i>Mas os professores e os directores de escola, se calhar deveriam pôr nos seus projectos educativos, em vez de ficarem só pelo papel em muitas questões..., "desenvolver a cidadania", ...isso devem desenvolver todas as escolas, é competência básica de um professor...agora, se nós pusermos nos nossos projectos educativos, resolver questões práticas, questões éticas que se colocam diariamente aos professores nas relações com as famílias, isso sim, ...e para resolver questões é preciso pensar em dúvidas que se põem com frequência naquela escola e pensar em soluções...fica no domínio do objectivo, da meta que ninguém sabe onde chega nem quem chega lá., enquanto que nas resoluções das questões concretas, éticas, envolvem-se as pessoas e fica tudo muito mais claro para toda a gente...</i></p>
			<p><i>...continuo a achar que de projectos educativos as pessoas sabem pouco, precisam de muita formação. E de projectos curriculares de escola e de turma estão agora a querer arranhar, parece-me a mim. Enquanto as pessoas não segurarem nesses projectos, não se seguram nas suas áreas de competência em que a sua formação deve incidir ...</i></p>

			<p><i>...têm que dominar os conteúdos de tal maneira, científicos e numa estrutura curricular para o primeiro ciclo, que lhes permita fazer a montagem na lógica da disciplina e ao mesmo tempo irem buscar temáticas a uma estrutura de projecto de escola, por projectos, por temáticas, por ideias – chave, por conceitos...</i></p>
			<p><i>...portanto, o que é que eu quero em primeiro lugar, a estrutura curricular...em segundo lugar quero o domínio científico. Porque com o domínio científico e com a avaliação curricular eles são capazes de gerir uma planificação a longo prazo respeitando a lógica das disciplinas e até estruturando o projecto curricular de escola e de turma, por projecto, por ideias chave, por disciplinas, por ideias, por temas, por aquilo que quiser...</i></p>
			<p><i>...portanto, para poderem organizar curricularmente eles têm que, em primeiro lugar, saber técnicas de organização curricular...</i></p>
			<p><i>...ter noções, dominar quadros conceptuais de organização curricular e conhecer técnicas de organização e gestão de currículo...</i></p>
			<p><i>...quando chega à sala de aula já tem que ter trabalhado aquilo que têm em mãos com a escola, ou seja a competência organizativa já vem da capacidade de gerir o currículo na escola, e portanto saber fazer a ponte entre a capacidade de gerir o currículo na escola e a capacidade de gerir o currículo na sala de aula...</i></p>

		<p><i>...e então considero que a competência organizativa é indispensável, serem capazes de organizar e estruturar a parte curricular do seu trabalho é primeiro ponto...</i></p>
		<p><i>...os alunos têm que conhecer muito aprofundadamente e detalhadamente o instrumento chamado organização curricular para o nível de ensino onde vão intervir...</i></p>
		<p><i>que saber pôr esses conteúdos numa hierarquia muito bem feitinha, onde aparece a lógica da disciplina de estudo do meio, onde não perde a lógica disciplinar base que está por detrás, e onde aparece uma gradação dos conteúdos. Porquê? Porque vão ter grupos de desenvolvimento muito diferenciados e provavelmente até vão ter que pensar nesses conteúdos, no desenvolvimento que esses conteúdos têm no segundo ano, no terceiro, no quarto ano...</i></p>
		<p><i>...(Saber fazer) a hierarquização dos conteúdos das áreas curriculares disciplinares, mantendo a lógica da disciplina, não pode por isso perder uma organização curricular para que permita uma gestão, porventura, de projecto...</i></p>
	Competências pedagógicas	<p><i>...e depois gerirem assiduamente e pontualmente a sua intervenção diária na escola mas, depois, a segunda competência, a segunda área de competência que eu acho que nós desenvolvemos nos nossos alunos, e que eu considero que ela não é isolada, é a competência pedagógica e essa</i></p>

		<p><i>competência pedagógica, já está subjacente à curricular, ela já subjaz à científica e didáctica, ao gerirem projectos. Curricular, científica, e agora a pedagógica...</i></p>
		<p><i>...portanto, orientação teórico-prática virada para a intervenção pedagógica e aspectos didácticos que também vão buscar um bocadinho a essa orientação pedagógica, mas aspectos didácticos de cada uma das disciplinas. Porque componente pedagógica no específico corresponde à didáctica das disciplinas que elas têm que ensinar e que vão aprender aqui nas metodologias...</i></p>
		<p><i>Enquanto têm as disciplinas científicas e têm as metodologias para o ensino de cada uma, tratam também a componente pedagógica. Porque na componente pedagógica, ponho correntes pedagógicas gerais e depois ponho os aspectos didácticos de cada uma das disciplinas.</i></p>
	Saber planificar e gerir a planificação	<p><i>...portanto, o que é que eu quero em primeiro lugar, a estrutura curricular...em segundo lugar quero o domínio científico. Porque com o domínio científico e com a avaliação curricular eles são capazes de gerir uma planificação a longo prazo respeitando a lógica das disciplinas e até estruturando o projecto curricular de escola e de turma, por projecto, por ideias chave, por disciplinas, por ideias, por temas, por aquilo que quiser...</i></p>
		<p><i>...aqui joga-se logo tudo, joga-se o domínio curricular, o científico e o pedagógico...tecnológico também, conforme as planificações que nos vêm</i></p>



			<i>às mãos. Portanto aqui jogam-se logo todas as componentes de uma forma claramente integrada, as componentes da formação de professores...</i>
		Saber trabalhar numa perspectiva interdisciplinar	<i>...e trabalhando naturalmente numa perspectiva transdisciplinar ou interdisciplinar, mais do que por uma perspectiva pluridisciplinar. Isso era o último aspecto que eu gostaria que eles fizessem...</i>
		Diversificar as práticas	<i>...na competência pedagógica o que é que eu vejo? Vejo um elenco de actividades ou de tarefas que eles seleccionam para trabalhar com um grupo mais ou menos diferenciado. ...Só uma aluna que me faz este percurso, faz esta viagem com quatro ou cinco estratégias para introduzir estes conceitos é que me dá garantias de ser capaz de diferenciar a acção pedagógica...</i>
			<i>...para mim a diversificação pedagógica ou a competência pedagógica passa pela capacidade de diversificar as práticas...diversificar as práticas para mim passa, primeiro, pela observação do real, dos fenómenos concretos, dos objectos de estudo diversificar a aprendizagem é esta competência, é esta dinâmica comunicacional, a dinâmica comunicativa tem que ver com o ritmo que imprime à dinâmica de trabalho na sala de aula...</i>
		Avaliar os níveis de aprendizagem dos alunos	<i>...na prática, é a competência para diversificar a avaliação, ... quando tem registos diferentes para os vários meninos e tem três registos diferentes para três níveis diferentes de desenvolvimento é que eu digo: diversificou a</i>

			<i>avaliação. Se eu tiver o mesmo nível de desenvolvimento para todos os meninos não digo que ela diversificou a avaliação...</i>
		Saber valorizar as capacidades individuais	<i>...há aqui uma competência que eu acho que é indispensável e que já anda por aqui a subjazer a todas que é a positividade na aprendizagem, na avaliação, desenvolver expectativas ótimas para todos os seus alunos, ou seja, fazê-los acreditar que todos são capazes de ir tão longe quanto quiserem, basta quererem...</i>
			<i>...Princípio de positividade, princípio de congruência empática, princípio de empatia, princípio de positividade, acreditar que todos são capazes. ...respeito mútuo e por aí fora... ...essas expectativas ótimas...é preciso que o professor saiba pôr em marcha o princípio de positividade na aprendizagem e na avaliação...</i>
			<i>Valorizar o que o aluno sabe em primeiro lugar e não aquilo que ele não sabe, que é o que é muito frequente fazer-se...</i>
		Criatividade na organização das práticas	<i>...haverá muitas outras, como por exemplo a criatividade é uma... o pensamento fantástico do professor... porque está subjacente à criatividade à competência pedagógica do professor...depois eu poria a criatividade num plano muito em destaque, logo a seguir, entre a competência relacional e a competência para regular os conflitos na sala de aula e fora da sala...a seguir a criatividade e ao desenvolvimento do pensamento fantástico para animar e seduzir os seus alunos...portanto, a criatividade</i>

			<p>também entra aqui já nesta questão da disciplina e com muita força, como área disciplinar, não, desculpe, como área de competência e não como indicador de competência. A criatividade e o desenvolvimento do pensamento fantástico, vai revelar-se aqui...</p> <p>...a animação de leitura, capacidade para envolver os alunos em actividades de animação que é capaz de criar, são de facto uma competência pedagógica...</p>
	Competência técnica e tecnológica	Ligada a um saber fazer ao nível do uso das tecnologias	<p>É finalmente a componente técnica e tecnológica, que implica um domínio técnico, um saber fazer...e implica hoje um domínio tecnológico, que eu sou muito fraquinha nisso mas não admito às minhas alunas que sejam. Porquê? Porque eu sou muito fraca. É talvez um dos meus pontos mais fracos. É que há coisas que domino mas em que outras sou bastante fraca, porque eu produzo textos mas tenho imensa dificuldade em folhas de cálculo e outras coisas que deveria dominar e que tenho que começar, não posso admitir a mim mesma não dominar certas questões informáticas. É de analfabeta funcional, não se pode ser assim, não posso dizer...e, portanto, o desenvolvimento técnico e tecnológico é a terceira componente.</p>

Competência Relacional	Regulação de conflitos e contribuir para o bom clima relacional na sala de aula	<i>...implica logo aqui a regulação dos conflitos. Se tem dinâmica comunicacional é capaz de ter capacidade para gerir os conflitos e regular as situações de indisciplina. A dinâmica comunicacional e a riqueza das práticas, na minha opinião, regulam a competência para organizar...e não precisam basear a disciplina no controlo disciplinar constante...</i>
	Promover um clima favorável à aprendizagem na sala de aula	<i>...disto tudo resulta daqui um clima relacional favorável para a aprendizagem. ... as questões éticas ficam reunidas quando o clima relacional é claramente favorável à aprendizagem na sala de aula...</i>
		<i>...portanto, para mim, o clima relacional é muitas vezes uma consequência da capacidade organizativa, da capacidade de domínio pedagógico, de domínio avaliativo, da competência comunicacional. Aí tem já a competência para organizar, para gerir a relação pedagógica e a disciplina. A disciplina está controlada, a relação é favorável à aprendizagem. Não sei qual é que vem primeiro, vêm muito paralelamente...</i>
	Promover um clima favorável às relações interpessoais dentro da instituição	<i>...da questão relacional dificilmente deixamos de fora os aspectos éticos. Porque quem mantém um bom clima relacional com colegas e com alunos não vai ter grandes dificuldades em gerir essas emoções e essas relações de interesses intra-institucionais e interpessoais. Não vai ter muita dificuldade em gerir os interesses e as necessidades dentro da instituição...</i>

**TEMA:** A metodologia utilizada na Prática Pedagógica

CATEGORIA	SUB – CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Preparação da Intervenção dos estagiários	Formação Prévia/ Aulas Teóricas	Preparação teórica para projectos	<i>...os alunos que vêm à teoria, vem duas horas por semana,... têm algumas actividades, sugestões de actividades didácticas que eu faço, faço algumas...organizo isto de uma forma mais geral ...ora a disciplina de prática pedagógica no quarto ano é constituída por três componentes também ela. A primeira é a preparação teórica para projectos, para o projecto curricular de escola, para o projecto curricular de turma, integrado no projecto educativo que já trabalharam no ano anterior...</i>
		Metodologia da Língua Portuguesa	<i>...e depois tenho uma grande preocupação, porque também me sinto mais à vontade nisso, que é a metodologia da língua portuguesa. Vejo como é que estão os blocos da língua portuguesa com a comunicação oral, comunicação escrita e a aquisição de linguagem escrita, e depois o funcionamento de língua. Portanto, vejo a comunicação oral, integro também em leitura oral.</i>
		Actividades relacionadas com a escrita criativa	<i>...vejo a comunicação escrita e nessa comunicação escrita vejo também a compreensão textual da mensagem escrita...e vejo entre a comunicação escrita e o desenvolvimento da linguagem escrita, vejo a escrita criativa...e várias actividades de reformulação da escrita...</i>
		Construção de instrumentos de	<i>...depois tenho as aulas, onde no segundo semestre dou práticas de aprendizagem e práticas de avaliação, ou seja ponho a avaliação como o</i>

		avaliação	<i>centro do processo de aprendizagem...como é que planificam diariamente a aprendizagem...de que o modo é que planificam a avaliação formativa diariamente...e chego à conclusão que eles se vão gerindo muito bem com os instrumentos curriculares, já contemplam nas práticas de aprendizagem as de avaliação...Depois aprendem a construir instrumentos de natureza sumativa, mas com rigor científico...</i>
		Constituição de grupos	<i>...depois temos os atendimentos tutorais ou grupais que é a organização do trabalho de planificação da intervenção e onde se vê, de facto, quais são as maiores dificuldades dos alunos na gestão curricular e até na criatividade e no domínio científico e pedagógico...</i>  <i>...depois ir à procura de fazer uma análise de necessidades das áreas em que eles têm mais dificuldades em termos didácticos...</i>
	Observação dos formandos na prática (estágio)	Três a quatro observações de cada formando (quando o número de formandos não é grande)	<i>...este ano tive cem alunos... mas devo dizer-lhe que eu já não consegui ver toda a gente como gostaria. Vi duas vezes as pessoas, não consegui ver mais...Mas o ano passado, o último ano em que se fez um trabalho de prática pedagógica em que consegui ver toda a gente três vezes por ano, tinha 40 alunos, 40 e tal alunos. Vi – os três, alguns cheguei a ver quatro. ...se eu tiver 40 alunos eu direi que mais ou menos estão no caminho certo. Se eu tiver mais, antes de Março não consigo ter isto. ...deveria ter sempre não mais do que estes alunos...consegue-se até de uma forma muito equitativa, que os grupos tenham desenvolvimentos muito parecidos...</i>

			<p><i>Eu devo dizer-lhe que apesar de ter tido gente muito boa o ano passado, considero que poderia ter sido muito bem sucedido se eu não tivesse também três anos de prática pedagógica do terceiro ano, como o ano passado em que eu tive que administrar todo o trabalho que se faz e ver as pessoas uma vez e não mais. Aliás, os do terceiro ano nem foram todos visto...eu procuro conciliar. Acho que temos tido alguns bons resultados...Temos outros que não conseguimos, cá está, o aspecto humano e às vezes o relacional...</i></p>
Avaliação dos formandos	Participantes na avaliação	O formando (auto-reflexão baseada nas áreas de competência)	<p><i>... Para já, primeiro peço-lhes logo uma auto-reflexão, porque senão eles dizem logo "ai, concordo inteiramente consigo".</i></p>
			<p><i>-...primeiro conhecem os critérios na literatura que está à venda no mercado, na literatura que se defende e que se acredita, sabem perfeitamente quais é que são as áreas de qualquer programa de formação de professores. E as áreas de competência que é preciso minimamente que cada professor domine. Os indicadores de competência... normalmente peço-lhes que construam instrumentos e que cada grupo coloque os indicadores de competência que considera que são relevantes. E depois fazemos combinações. Vamos lá ver, "o que é que achou relevante?". E depois eu dou palpites...</i></p>

		O professor cooperante	<i>...depois peço uma opinião ao professor cooperante e só depois é que faço a minha...</i>
			<i>...portanto, primeiro peço ao professor cooperante se quer acrescentar alguma coisa à observação...</i>
		A supervisora da Prática Pedagógica	<i>...faço uma reflexão logo após a observação, na frente .....e a minha observação é sempre em cima do apoio que tiveram na preparação da aula, do que conseguiram fazer na prática e vou cobrando também aquilo que nas aulas teóricas eu integro...</i>
	Critérios de avaliação da Prática Pedagógica	Os indicadores de competência definidos para cada área de competência	<p><i>...devo dizer-lhe que essas áreas de competência são claramente definidas por mim e pelos meus alunos no início de cada ano...quer as componentes da formação, as quatro componentes da formação são relembradas, e depois definimos áreas de competência de acordo com a literatura que se conhece sobre essa matéria...</i></p> <p><i>...e definem também a ponderação que vai ser atribuída, o peso que vai ser atribuído em cada um dos momentos de avaliação. E nas práticas quero ver a eficácia com que o fazem perante as áreas de competência que defini com eles. É pelos indicadores de competência que são avaliados ...</i></p>



		A qualidade dos instrumentos construídos para a intervenção na prática	<i>...os trabalhos feitos nas aulas, porque fazem instrumentos para a prática pedagógica diariamente, e portanto é um trabalho terminal. e faz-se média em 23%, 20% para os trabalhos terminais e para as apreciações qualitativas sobre os trabalhos feitos nesse ano...</i>
			<i>...e definem também a ponderação que vai ser atribuída, o peso que vai ser atribuído em cada um dos momentos de avaliação...</i>
		A aplicação, na prática, da matéria dada nas aulas teóricas	<i>...o meu papel é o de fazer observações a cada um destes senhores e na intervenção que preparámos, já quero ver a matéria que dei nas aulas teóricas...</i>
		As planificações	<i>-... e a qualidade das planificações...</i>

**TEMA: Organização institucional da Prática Pedagógica**

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
O professor cooperante	O recrutamento	Com base num perfil de professor	<p><i>...portanto, estas pessoas têm obviamente características que nos indicam um perfil de professor que não tem que estar relacionado com o fazer a sua obrigação apenas na sala de aula...</i></p> <p><i>...mas a relação que estabelecemos com eles é de facto de muita interacção e de conhecimento do seu perfil...</i></p>
	O perfil do professor cooperante	Realiza trabalho em grupo e de projecto	<p><i>...não quero acreditar que quem é professor, quem se prontifica para ser professor cooperante não tenha também características que são inerentes a um trabalho de grupo numa instituição formadora. ... Ou seja, que não sejam professores resistentes a trabalhar com os seus pares, e a trabalhar com o conjunto dos professores da sua escola, com festas periódicas ou com eventos anuais.</i></p> <p><i>...vamos conhecendo até o desenvolvimento dos projectos, as avaliações que são dadas aos projectos...</i></p> <p><i>- ...se era com uma determinada organização por disciplinas ou se por temas, enfim como é que elas estavam organizadas e como é que iam desenvolver a prática pedagógica...?</i></p>

			<i>...porque em primeiro lugar está esta globalidade de acções e que já por si nos indica perfis dos professores... depois é que vamos chegar às competências...</i>
		Avalia as suas próprias necessidades de formação contínua	<p><i>- ...ou, inclusivamente, com análises de necessidades que têm relativamente à formação... que sentem ...se têm necessidade de fazer formação contínua e em serviço ...que participa em workshops, que procura fazer leituras actualizadas sobre este ou aquele aspecto em que considera que a sua formação ainda não é suficiente,</i></p> <p><i>- ...um professor que todos os anos participa e dá sugestões quanto às necessidades de formação, que baseia essas necessidades numa análise de necessidades baseada em balanços e avaliações feitas em intervenções dos anos anteriores.....que vem à instituição formadora sempre que é solicitado em alguma área de formação, algum workshop ou alguma conferência em que sinta que faz especial sentido para si...</i></p>
		Reflecte sobre as práticas dos formandos e sobre a sua própria prática	<i>- ...que faz uma reflexão periódica, constante e contínua e continuada com os seus formandos estagiários a propósito quer das suas práticas quer das dos seus formandos...</i>
		É um profissional de educação com preparação pedagógica e intelectual	<i>...ele deve ser um profissional, um profissional da educação... deve ter uma visão como profissional da educação, tem estatura pedagógica e parece-nos que procura estatura intelectual...é um bocadinho atrás destes dois aspectos que nós andamos atrás das pessoas...</i>

		Reflete sobre e na sua acção	<i>...este perfil implica variadíssimas competências. Implica que os professores revelem em primeiro lugar um estatuto de professor-investigador, mas principalmente aquilo a que Zeichner, e a Isabel Alarcão também, chamam do professor prático-reflexivo...</i>
			<i>...o professor que reflecte sobre a sua acção e na acção todos os dias, em todas as modificações, a partir das reflexões oportunas que faz e até baseadas nas auto e hetero avaliações que as sabe justificar conhece as fontes de erro, está em condições de lidar com elas, de reformular, de reinventar, de reorganizar e de construir...</i>
			<i>...o homem que sabe deitar fundamento às suas práticas...é portanto o professor que tem que ter um perfil de prático e teórico...</i>
		Orienta sua acção com base na reflexão que faz	<i>...e que as adapta todos os dias em função dos contextos educativos, sociais e culturais com quem vai ter que manter a sua actuação...</i>
		Com experiência enquanto professor cooperante	<i>...Não (têm formação específica) mas, normalmente, temos como preocupação, sobretudo para os que ficam com os formandos dos quartos ano, que tenham tido já experiência como cooperantes em anos anteriores...</i>
		Licenciado e com alguma experiência profissional	<i>...também como preocupação que não sejam professores recém-formados, têm que ter pelo menos três a quatro anos de experiência profissional, ser licenciados e ter um currículo que de algum modo...</i>

			<i>quer dizer, temos mais exigências para o quarto ano do que temos para os anos anteriores...</i>
	Relação entre a instituição formadora e o prof cooperante	Permanente, para conhecer, aferir e afinar critérios com os formadores da instituição	<p><i>-... normalmente vamos renovando os contactos com escolas e procuramos de ano para a ano manter essa constância, manter os professores cooperantes "presos" à nossa instituição...</i></p> <p><i>- ...tanto quanto possível nós temos a preocupação, por tudo o que foi dito, de manter alguma constância com os nossos professores cooperantes...</i></p> <p><i>...é também uma preocupação que os professores cooperantes vão ficando ligados à instituição formadora, que vão conhecendo os critérios dos formadores da instituição, para podermos ir aferindo, ir afinando pelo mesmo diapasão...</i></p> <p><i>...portanto vamos conseguindo apanhar o pulso a...digamos que as dinâmicas pedagógicas e a diversas dinâmicas de gestão...</i></p>
As instituições de acolhimento	Escolas de média dimensão públicas e privadas	Para os formandos perceberem as dinâmicas de gestão e organização escolares	<p><i>...portanto, instituições no máximo de seis professores, oito professores, para se poder perceber a organização e a instituição em si....</i></p> <p><i>...a instituição escolar e a dinâmica da instituição escolar e a gestão da instituição escolar é sempre um elemento muito forte...na nossa mobilização para ir às escolas...</i></p>

		<p>Para os formandos perceberem como a escola dá resposta a projectos locais e pedagógicos</p>	<p><i>...este ano só havia duas ou três instituições privadas e não muito grandes, onde se podia trabalhar um bocadinho o projecto curricular de escola e o projecto curricular de turma com grupos pequenos de professores, e onde se podia tomar um bocadinho o pulso à situação... que tipo de organização, que projecto curricular da escola, como é que se organizava o projecto curricular da escola e os projectos curriculares de turma...?</i></p> <p><i>...vamos percebendo também a resposta que as instituições têm para projectos locais e regionais. Projectos mais ambiciosos que os pequenos projectos das escolas.</i></p> <p><i>...uma das coisas que me faz não deixar a escola N.º ...é exactamente pelo conjunto de professores que lá está e pela Direcção da instituição...os projectos pedagógicos a que correspondem...</i></p>
		<p>Para os formandos perceberem como os professores gerem a sua própria formação contínua</p>	<p><i>...a forma como gerem a auto-formação em serviço. É tudo isso que nos leva a ter que continuar a colaborar com a escola da..., percebe? Esta globalidade de acções é que já por si nos indica perfis dos professores...</i></p>

**TEMA:** O acompanhamento ao professor principiante

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Motivos que se prendem com o acompanhamento ao professor principiante	A solicitação feita junto da instituição formadora	Apenas os mais humildes e os melhores alunos voltam a contactar os professores da instituição	<i>...uns dizem que ficam eternamente amigos, outros voltam muito raramente...</i>
			<i>- ...os mais humildes e os que sabem mais são os que mais perguntas fazem. E os que mais sabem, que foram os mais humildes na formação, são os que mais voltam...</i>
			<i>...o ano passado saíram daqui 60 pessoas, saíram daqui 20 ou 30 muito bons. Mas devo dizer-lhe que o ano passado eu já não consegui ver toda a gente como gostaria. Vi duas vezes as pessoas, não consegui ver mais...</i>
			<i>... Eu devo dizer-lhe que duas senhoras que saíram daqui, são reconhecidas nas escolas onde estão como pessoas de excepção...</i>
			<i>...devo dizer-lhe que a S.... e a E.... quando chegaram às escolas, os colegas disseram "estas miúdas têm uma formação espectacular". São mesmo profissionais...</i>
		Contactam sobretudo no início do ano escolar	<i>...normalmente não vêm durante o ano, mas vêm em Setembro no princípio de cada ano. Voltam muitos...</i>

	Preocupações e dificuldades manifestadas pelos professores principiantes	Preocupações relacionadas com técnicas de ensino da leitura e da escrita.	-...Relacionados com,... como é que eles vão trabalhar, o método global, ...nas técnicas do método das 28 palavras...
		Aspectos pedagógicos, didáticos ou que se prendem com a planificação	- ... <i>Questões pedagógicas e didáticas. Questões operativas. Não vêm com questões institucionais, vêm com questões concretas. " Professora, eu não entendi muito bem como é que vou fazer os planeamentos didáticos para produzir textos jornalísticos, pode fazer isso comigo". "Professora, não percebi muito bem estas grelhas aqui sobre comportamentos relacionais, ou isto ou aquilo" ...Pronto, há de tudo...</i>



TEMA: Dificuldades criadas pelos contextos sócio-culturais ao exercício da profissão docente

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Aumento da imigração	Heterogeneidade de culturas	Oriunda de vários países o que origina uma grande diversidade cultural e étnica	-... Temos uma sociedade, que é neste momento uma sociedade de imigrantes, com todas as culturas vindas das ex.- colónias....
			- Têm também públicos neste momento, de outras etnias, como os indianos os de leste e outros, que são grupos étnicos que frequentam as nossas escolas, fazem parte da nossa sociedade
			...numa escola e numa sociedade com estas características como é que as meninas (futuras professoras) não têm que se sentir apoiadas desde o primeiro dia que entram na instituição, no contacto com as instituições, no contacto com esta diversidade e complexidade de públicos...?
	Dificuldades de integração social dos imigrantes	Provocada pela iletracia e/ou dificuldade em dominar a língua portuguesa	- ...o que é que socialmente as famílias valorizam em termos culturais? Está tudo relacionado com os fenómenos da iletracia estão relacionados com factores culturais, hábitos de leitura e outros...
			-...em que, a língua portuguesa para nós é materna mas para eles não o é, é a segunda língua. E portanto quem não domina a língua, quem não é socialmente aceite no grupo, dificilmente se sente integrado na escola. E começam aqui as nossas dificuldades sociais e culturais que isso implica, e com toda uma aprendizagem que nós, sociedade integradora, temos que fazer para os integrar...

		Provocada pelo aumento da imigração clandestina	<p><i>-...temos um aumento populacional de clandestinos, têm menos condições de vida e portanto menos condições de integração</i></p> <p><i>-...estamos a braços com um problema excessivo de imigração... eu não sei se conseguiremos responder de braços abertos, e com tanta facilidade, a esta coisa da integração social e cultural</i></p>
A globalização	Novos problemas criado às sociedades desenvolvidas		<p><i>-...porque não sei até que ponto podemos ou não, travar esta avalanche que está a ser desmesurada, quer das pessoas de Leste que vêm para vários países da Europa e que procuram nomeadamente Portugal, quer inclusivamente dos brasileiros que vêm atraídos pela facilidade da língua, portanto vêm para Portugal e não para outro país europeu. É claro que nós gostamos... se entendemos que o mundo é uma aldeia global, temos que entender isto nesta perspectiva...</i></p> <p><i>...mas se calhar vamos ter que sofrer consequências muito duras, que neste momento podemos não estar a ser capaz de antecipar. ...embora eu esteja consciente das implicações que isso tem num país como o nosso, eu não lhe poderia chamar um país desenvolvido, ... nós lidamos com países desenvolvidos, estamos integrados nos países desenvolvidos mas não somos desenvolvidos. Nós gastamos como os desenvolvidos mas não produzimos como os desenvolvidos. E portanto cuidado com isso...</i></p>

<p>Exigências contraditórias feitas pelas famílias à escola</p>	<p>Exigências associadas a expectativas sócio-económicas</p>	<p>Famílias que esperam que a escola prepare os seus filhos para obterem um melhor nível social e profissional</p>	<p><i>...o problema hoje não se põe tanto em factores económicos, porque a maior parte das pessoas conseguem ter pontos de partida para combater aquilo que antigamente se chamava de miséria. Embora ainda haja muita, mas basicamente a maioria das pessoas consegue ter acesso a aspectos considerados minimamente decentes de vida. Portanto a diferença entre as pessoas e os públicos nas escolas, os públicos infantis e os pais das crianças, põe-se ao nível de questões culturais e de questões sociais...</i></p> <p><i>- E que papel a escola desempenhará, de importância na vida das pessoas? Se a escola é para colocar socialmente os alunos ou se a escola é um meio para as crianças se sentirem mais felizes e mais realizadas. Portanto, temos aqui vivências culturais e sociais, mesmo nas famílias europeias, com estas duas... polivalências. Há famílias que querem que os filhos sejam alguém e quando falo de famílias europeias falo essencialmente de famílias portuguesas... mesmo nas nossas famílias de vários bairros, de vários... seja qual for o contexto social e escolar em que se viva, ... seja qual for o contexto social e escolar em que se viva há claramente famílias que se orientam por padrões em que o meu filho tem que ser alguém para ter uma vida melhor do que a minha.</i></p>
---	--	--	---

	Exigências associadas a expectativas culturais	Famílias que esperam que a escola respeite a a individualidade e expectativas de cada um, ajudando os indivíduos na sua realização pessoal	- ...e há outro tipo de famílias, que normalmente são culturalmente e socialmente mais desenvolvidas e que se orientam por padrões de felicidade, ou seja, eu quero é que o meu filho seja feliz, se quiser ser bailarino é bailarino, se quiser ser doutor é doutor...e todos os papeis socialmente são importantes, desde que o meu filho seja um cidadão equilibrado, livre, autêntico, verdadeiro, uma pessoa boa e socialmente útil...para mim há normalmente estas duas famílias posicionais e orientadas ou centradas no desenvolvimento da pessoa, como diz Bernstein...
--	--	--	--

## **ANEXO C**

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES			
A Prática Pedagógica na Formação Inicial de Professores	Finalidades atribuídas	Possibilitar a articulação teoria prática	Mediar a integração na prática de forma articulada através de um percurso zigzagueante, de forma lenta e progressiva			
		Aprender a praticar a profissão	Observando as várias dimensões pedagógicas ligadas ao ensino Trabalhando de forma activa nos diversos contextos			
		Conhecer os contextos de trabalho	Contactando públicos e realidades institucionais diferentes			
	Competências a desenvolver	Competências científicas		Ligadas a teorias gerais e das Ciências da Educação Conhecimentos científicos ligados ao desenvolvimento de projectos educativos e de organização escolar		
			Competências pedagógicas	Domínio da didáctica das disciplinas Saber planificar e gerir a planificação Saber trabalhar numa perspectiva interdisciplinar Diversificar as práticas Avaliar os níveis de aprendizagem dos alunos Saber valorizar as capacidades individuais Criatividade na organização das práticas		
		Competências técnicas e tecnológicas		Ligada a um saber fazer ao nível do uso das tecnologias		
		Competências relacional		Regulação de conflitos e contribuir para o bom clima relacional na sala de aula Promover um clima favorável à aprendizagem na sala de aula Promover um clima favorável às relações interpessoais dentro da instituição		
				Preparação da Intervenção dos estagiários	Formação Prévia/Aulas teóricas	Preparação teórica para projectos Metodologia da Língua Portuguesa Actividades relacionadas com a escrita criativa Construção de instrumentos de avaliação Constituição de grupos
					Observação dos formandos na prática (estágio)	Três a quatro observações de cada formando (quando o número não é grande)
		Avaliação dos formandos			Participantes na avaliação	O formando (auto-reflexão baseada nas áreas de competência) O professor cooperante A supervisora da Prática Pedagógica
			Critérios de avaliação da Prática Pedagógica			Os indicadores de competência definidos para cada área de competência A qualidade dos instrumentos construídos para a intervenção na prática A aplicação, na prática, da matéria dada nas aulas teóricas As planificações

Organização Institucional da Prática Pedagógica	O professor cooperante	O recrutamento	Com base num perfil de professor
		O perfil do professor cooperante	Realiza trabalho em grupo e de projecto
			Avalia as suas próprias necessidades de formação contínua
			Reflecte sobre as práticas dos formandos e sobre a sua própria prática
			É um profissional de educação com preparação pedagógica e intelectual
			Reflecte sobre e na acção
			Orienta a sua acção com base na reflexão que faz
			Com experiência enquanto professor cooperante
	Licenciado e com alguma experiência profissional		
	Relação entre a instituição formadora e o professor cooperante	Permanente, para conhecer, aferir e afinar critérios com os formadores da instituição	
As instituições de acolhimento	Escolas de média dimensão públicas e privadas	Para os formandos perceberem as dinâmicas de gestão e organização escolares	
		Para os formandos perceberem como a escola dá resposta a projectos pedagógicos e locais	
		Para os formandos perceberem como os professores gerem a sua própria formação contínua	
Acompanham ento ao Professor	Motivos que se prendem com o acompanhamento	A solicitação feita junto da instituição formadora	Apenas os mais humildes e os melhores alunos voltam a contactar os professores da instituição
		Contactam sobretudo no início do ano escolar	
	Preocupações e dificuldades manifestadas pelos professores principiantes	Preocupações relacionadas com técnicas de ensino da leitura e da escrita	
Dificuldades criadas pelos contextos sócio-culturais ao exercício da	Aumento da imigração	Heterogeneidade de culturas	Oriunda de vários países o que origina uma grande diversidade cultural e étnica
		Dificuldades de integração social dos imigrantes	Provocada pela iletracia e/ou dificuldade em dominar a língua portuguesa
		Provocada pelo aumento da imigração clandestina	
	Globalização	Novos problemas criados às sociedades desenvolvidas	Provocada pela nova pobreza
	Exigências contraditórias feitas à escola pelas famílias	Exigências associadas a expectativas sócio-económicas	Famílias que esperam que a escola prepare os seus filhos para obterem um melhor nível social e profissional
		Exigências associadas a expectativas culturais	Famílias que esperam que a escola respeite a individualidade e expectativas de cada um, ajudando os indivíduos na sua realização pessoal

## **ANEXO D**



**GUIÃO DE ENTREVISTA**  
(a realizar às professoras principiantes)

**TEMA:** O contributo da formação inicial no desenvolvimento de competências profissionais dos professores principiantes

**OBJECTIVOS:** Recolher a opinião do entrevistado quanto às competências profissionais que sente serem necessárias desenvolver após a o seu primeiro ano de prática profissional; Detectar quais as suas representações e expectativas face à profissão bem como, quais as potencialidades que reconhece terem existido na sua formação inicial que permitiram prepará-lo para enfrentar a realidade docente; Compreender quais as representações da profissão no final do 1º ano de serviço

<b>BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>OBJECTIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DE PERGUNTAS</b>	<b>TÓPICOS</b>
Legitimação da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista</li> <li>• Motivar o entrevistado</li> </ul>	<p>Garantir a confidencialidade quanto à identidade do entrevistado</p> <p>Informar o entrevistado sobre a temática e objectivos do trabalho de investigação</p> <p>Sublinhar a importância da participação do entrevistado para o sucesso do trabalho</p>	

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE PERGUNTAS	TÓPICOS
O Encontro com a Realidade	Detectar os êxitos e dificuldades sentidos no primeiro ano de exercício	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Agora que terminou o seu primeiro ano de prática profissional docente que balanço faz desta experiência?</li> <li>➤ De que modo é que analisa a sua actuação enquanto professora?</li> <li>➤ Como avalia a relação que estabeleceu com os seus alunos, e estes consigo?</li> <li>➤ Como decorreram as suas aprendizagens?</li> <li>➤ E como avalia a sua relação com os colegas e os encarregados de educação?</li> <li>➤ Quais os aspectos que lembra com satisfação?</li> <li>➤ E quais os que sente constituírem-se como dificuldades ou preocupações?</li> </ul>	Grau de satisfação ou insatisfação

<b>BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>OBJECTIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DE PERGUNTAS</b>	<b>TÓPICOS</b>
Competências Profissionais	Saber qual a opinião do entrevistado quanto ao processo de formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quais os aspectos que considera serem importantes desenvolver para que um professor enfrente a realidade docente de forma mais segura e eficaz?</li> <li>➤ Que competências reconhece terem sido desenvolvidas mais fortemente na sua formação inicial que o ajudaram a enfrentar essa realidade? Porquê?</li> <li>➤ E quais as que sente que não foram desenvolvidas? Porquê?</li> <li>➤ Com a publicação do Decreto-Lei n.º 240/2001, é aprovado o perfil geral de desempenho do educador e do professor dos ensinos básico e secundário. Conhece o documento? (Se sim), Concorda com o perfil nele apresentado? Porquê?</li> <li>➤ E relativamente ao perfil específico de desempenho profissional do professor do 1º ciclo (Dec-lei n.º 241/2001)?</li> </ul>	Perfil de professor  Papel do professor

<b>BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>OBJECTIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DE PERGUNTAS</b>	<b>TÓPICOS</b>
Necessidades de Formação	<p>Saber quais as dificuldades sentidas e que sejam possível ultrapassar por via da formação</p> <p>Recolher a opinião do entrevistado relativamente à importância do acompanhamento dos professores no início de carreira</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Que soluções gostaria de propor para ver as suas dificuldades, ou preocupações, ultrapassadas? Ou seja, em sua opinião, qual seria a melhor forma de ajudar um professor em início de carreira a ultrapassar as dificuldades?</li>   <li>➤ Tem mantido algum contacto com os seus professores depois de ter iniciado a sua carreira profissional?</li>   <li>➤ (Se sim), Quais as preocupações e dificuldades que lhes manifesta?</li>   <li>➤ Neste momento se pudesse apenas escolher 2 acções de formação para nelas participar, em que domínios apostava?</li> </ul>	<p>Concepção de formação</p>      <p>Importância atribuída a um período de indução</p>

## **ANEXO E**

## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS PROFESSORAS PRINCIPIANTES

TEMA – Avaliação da experiência lectiva vivida no primeiro ano de serviço

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo	Professores Principiantes
Razões que contribuíram para um balanço positivo	As boas condições de trabalho nas instituições privadas	Maior facilidade em lidar com as famílias e os alunos das instituições privadas	<i>... acabei o curso, tinha assim uma ideia cor-de-rosa em relação aquilo que eu esperava, ...não ia para o estado já para não, para não.....na verdade, porque são outras realidades, e depois optei por um colégio... à partida poderia ser muito bonito pela condição social das crianças...o tipo de crianças que temos num colégio é muito diferente daquilo que temos numa escola pública...</i>	<b>E</b>
			<i>...os pais (das crianças dos colégios) também têm outro nível de formação, ...</i>	<b>D</b>
		Ter evitado enfrentar situações sociais difíceis em escolas públicas	<i>...é a realidade em que as pessoas, as famílias dos alunos das escolas públicas vivem...nem todas, as crianças têm a sorte de aceder a acontecimentos culturais, em que os pais as levam ao cinema, os pais as levam às bibliotecas, aos museus ...</i>	<b>E</b>

			<p>.....temos outro nível de necessidades que não são necessidades tão básicas, tão primárias como passar fome, como passar frio como não ter que vestir, pronto num colégio isso não acontece...temos outras dificuldades ao nível da estrutura das famílias se estão mais coesas se não estão, os divórcios, porque hoje em dia isto é uma realidade, infelizmente...</p>	D
			<p>... e tendo em conta aquilo que eu vi no estágio, na escola pública onde estagiei, nós temos muita sorte ali, não é? Peca às vezes pela,... pelo mimo a mais até, ...porque eles têm muita protecção por parte dos pais, e por vezes não há tanta autonomia porque eles sentem-se muito protegidos...</p>	C
			<p>...estive (no estágio) numa escola pública e sinceramente conhecendo os dois lados, apesar da escola pública ser muito boa, estar situada num bairro excelente, houve situações que me desagradaram... no sentido de ver as dificuldades que tinham as crianças, eu tive lá crianças que chegavam ao lanche da manhã e não tinham nada para comer, os pais não tinham dinheiro...</p>	C

			<i>...se calhar, também é a realidade em que as pessoas, as famílias dos alunos das escolas públicas vivem... ...e eu acho que trabalhar assim num ambiente desses (com alunos economicamente carenciados), eu não era capaz sinceramente e por isso, por essa razão, e por muitas mais, pronto, até mesmo pelo meu conforto, sinto-me muito bem no sítio onde estou...</i>	C
		Não estar interessada em concorrer para uma instituição pública	<i>...já tentei concorrer só mesmo para saber qual é que seria a minha posição no concurso público mas...não me interessa de todo ir para um público...sinceramente não até porque neste momento é assim...se eu quiser sair daquele colégio tenho convites para outros colégios...</i>	C
		Nas instituições de ensino privado há condições para preparar melhor os alunos	<i>...foi eu ter passado por duas realidades diferentes, uma realidade no público e outra realidade no ensino privado, e a realidade é esta, as crianças no privado têm acesso a uma educação ...diferente, porque acho que no privado, as crianças chegam ao fim do quatro ano estão muito melhor preparadas que um aluno do ensino público...</i>	E
			<i>...o professor numa instituição privada tem acesso a todo o tipo de instrumentos, desde informática, e as crianças também, têm acesso a todo o tipo de materiais</i>	E



			<i>pedagógicos, que no público não há, ou há muita falta e por vezes tem de ser o professor a comprar e nem todos os professores se dispõem para isso... no privado não é assim, os professores têm muito mais acesso, desde, sei lá, desde visitas de estudo...</i>	
	O trabalho numa instituição já conhecida	Recear experimentar conhecer outros contextos	<i>... Fiquei no colégio onde tinha andado a estudar até ao 12º ano, é uma realidade que já conheço... eu não me estou a ver noutra sítio...estou habituada aquele ambiente, aquele meio, espaço... tenho um bocado de receio de me aventurar noutros contextos...conheço os professores, alguns foram meus professores...</i>	<b>D</b>
	O resultado positivo do trabalho realizado	Foi produtivo e pôs à prova capacidades pessoais e profissionais	<i>Surpreendeu-me a mim própria... o meu primeiro ano de trabalho foi excelente, surpreendeu-me a mim própria, tal como já disse...</i>	<b>B</b>
<i>...Em termos de balanço, eu acho que foi bastante positivo... penso que foi bom, foi um bom ano de trabalho. ...as coisas correram bastante bem, ... fiquei muito contente e ainda hoje,...foi a semana passada, estava a falar com umas colegas minhas e disse-lhes que gostei imenso, do primeiro ano de escolaridade, e também do primeiro ano de trabalho...</i>			<b>E</b>	

			<i>...foi muito positivo, foi muito positivo, tenho aprendido muito, acho que foi muito interessante...</i>	<b>F</b>
			<i>...É assim, o meu primeiro ano de trabalho, eu achei-o muito produtivo...</i>	<b>A</b>
			<i>...quando nós saímos daqui, saímos muito entusiasmados e cheios de vontade de começar a trabalhar, não é? E digamos que quando chegamos ao estabelecimento de ensino damos tudo o que temos, e eu fiquei muito contente, embora estivesse...</i>	<b>D</b>
			<i>...é engraçado ver o percurso que os miúdos fazem e tem-se mais noção de um resultado mais eficaz, não é, e isso deu-me muita satisfação...</i>	<b>C</b>
		Poder acompanhar os alunos ao longo do 1º Ciclo de escolaridade	<i>...para os apanhar logo desde o início, de preferência até ao fim. Portanto, logo isso aí era o que eu queria...</i>	<b>B</b>
			<i>... Sinto-me muito satisfeita. E por tudo isso foi com certeza um balanço positivo. ...balanço extremamente positivo, porque fui colocada com o primeiro ano de escolaridade, uma coisa que eu queria muito, ficar com um primeiro ano, que eu posso acompanhar...</i>	<b>A</b>

		Grupo de alunos pequeno permitindo a realização de um trabalho mais eficaz	<p><i>...tive a vantagem de ter uma turma pequena, dá para fazer um trabalho interessante com os meninos, dá para abordar mais as coisas, para aprofundar, acho que acaba por ser um trabalho giro, porque conseguimos fazer coisas que com turmas grandes não conseguimos... Eu como tinha uma turma pequena consegui resolver o assunto... Havia 2 crianças com mais dificuldade, mas que com trabalho, conseguiram atingir todos os objectivos...</i></p> <p><i>...depois tinha uma turma pequena, com 14 alunos, dava para trabalhar muito bem...</i></p>	F
As características dos alunos	Por gostar especialmente dos alunos mais novos	...	<i>...Gosto especialmente pelos alunos,..eu acho que alunos mais velhos não, mas por isso é que eu escolhi também o primeiro ciclo...</i>	E
	A boa relação pedagógica com os alunos	...	<i>...e quando eu cheguei à minha turma e vi que era uma turma até relativamente homogénea percebi que o panorama não estava assim tão mau, tendo em conta visto a minha experiência anterior (referindo-se à turma de estágio) ...</i>	C

			<i>-...Gosto da minha relação com os alunos, gosto de os ver a aprender, isso sim, dá-me grande motivação para continuar...</i>	<b>C</b>
			<i>...eram alunos educados e portanto, e com boa formação, ...na parte pedagógica não tive problemas, pronto, não tive dificuldades, ...não tive problemas com as crianças, nem por isso... foi ótima a relação que tive com os miúdos e, não tive, durante o ano, ... não tive problemas...</i>	<b>E</b>
		Alunos educados e motivados para a aprendizagem	<i>... Eram crianças extremamente trabalhadoras, com muito apoio em casa...eram crianças que tinham um acompanhamento em casa, ...eram muito interessadas, estavam muito motivadas-...por exemplo, vou iniciar qualquer coisa novo... é incrível como eles gostam de aprender e é isso que me satisfaz!</i>	<b>A</b>
	A boa relação com os encarregados de Educação	Interessados pelo acompanhamento da aprendizagem dos filhos e pelo trabalho do professor	<i>... Não tenho problemas com os pais! São interessados, participam nas reuniões e manifestam interesse em acompanhar a aprendizagem dos filhos...</i>	<b>A</b>

			<i>...Eram pais muito acessíveis, muito interessados, muito preocupados, tive uma ótima relação os pais. Foram todos muito interessados...</i>	<b>B</b>
		Satisfeitos com o trabalho realizado	<i>Da parte dos pais também havia alguma ansiedade porque era o primeiro ano de escola dos filhos, mas ficaram muito satisfeitos, correu muito bem...</i>	<b>C</b>
			<i>...no privado os pais preocupam-se, vão ver os cadernos todos, se está tudo bem corrigido, também é, ao fim ao cabo, é ver o trabalho dos alunos e do professor, ...</i>	<b>F</b>
			<i>...eu todos os dias corrijo os cadernos e corrijo os livros e também sei que tenho pais que vão lá ver tudo, se eu tiver uma falha, no dia a seguir estão-me logo lá para corrigir aquela falha.... faz-me sentir que a responsabilidade ainda é maior...</i>	<b>E</b>
			<i>...aos pais faz-lhes confusão novas formas de ensinar ficam receosos, mas nós temos de explicar e eles acabam por aceitar porque vêem que as crianças aprendem na mesma apesar do ensino ser diferente do tempo deles...</i>	<b>D</b>

A boa relação com os colegas	Muito apoio por parte dos colegas mais experientes	<p><i>...tem sido muito importante a orientação que eu e a minha colega, lá do colégio, temos tido... reunimos com uma professora que nos dá mais apoio, a coordenadora, e planificamos juntas e com a orientação dela ...por vezes não temos a noção da gestão do tempo, não temos a noção do tempo que pode ser levado para tratarmos as várias áreas, e correr o risco de chegarmos ao final do ano e não termos cumprido o que estava previsto na planificação anual,...então tem sido muito importante a orientação que essa professora mais velha e com mais experiência nos tem dado...e nós queremos que ela fique connosco até ao final do quarto ano ... se não fosse esse apoio...</i></p>	<b>D</b>
		<p><i>...tive a sorte de estar colocada num colégio onde há realmente uma população muito boa de colegas... há muito apoio a todos os níveis, e não é só aquele apoio para nos ajudar a nível pedagógico...</i></p>	<b>A</b>
		<p><i>-...foi bastante positivo, mas também devido à...digamos... os diálogos que temos com as nossas colegas, que são um bocadinho mais experientes que nós e sempre que há algumas dúvidas, algumas ou muitas, que as há no primeiro ano...</i></p>	<b>B</b>

			<p><i>-...sou muito apoiada pelas minhas colegas e acabo por ter, lá está, o ambiente no colégio é tão bom que antes de eu ter de fazer as coisas, tenho sempre alguém que, "olhe vamos ter de fazer isto assim", "então como é que se faz...?"</i></p>	F
			<p><i>...eu nunca senti grandes dificuldades porque lá está, como tinha sempre o apoio dos meus colegas qualquer coisa que fui precisando fui falando com elas, acabei por ter uma orientação dentro do colégio para tudo o que eu precisei, portanto nunca senti aquela dificuldade de "oh meu Deus, o que é que hei-de fazer?", acabei por nunca sentir muito isso, porque dentro do colégio tinha sempre quem... as minhas colegas uma já tem 5 anos de serviço, a outra 3... portanto, conseguiam-me sempre apoiar de uma forma completamente diferente, já tinham passado pelo mesmo que eu estava a passar na altura...</i></p>	F
			<p><i>...como nos apoiamos tanto e nota-se... este ano temos uma colega nova e todas temos a mesma preocupação...às vezes chegamos as três professoras, portanto somos quatro, ...às vezes as outras três dizem a mesma coisa, uma lembra-se e vem dizer e também ajuda os outros...</i></p>	F

	Clima entre colegas muito bom e aberto	<i>-... as colegas têm um clima muito aberto e toda a gente fala dos problemas que vai encontrando...</i>	<b>B</b>
		<i>-...tive a sorte de estar colocada no colégio onde realmente há uma população muito boa de colegas...</i>	<b>A</b>
		<i>-...os professores que lá estavam eram ótimas pessoas e, e daí até saíram alguns amigos...</i>	<b>C</b>
		<i>-...Nós naquele colégio damo-nos todos muito bem a nível do corpo docente, quer professoras, quer educadoras temos um ambiente muito bom mesmo, damo-nos todos muito bem, funcionamos como equipa, trabalhamos em conjunto, ajudamo-nos uns aos outros quando é necessário, e a nível de corpo docente temos uma relação muito boa...</i>	<b>E</b>
		<i>...eu, agora, até acho que é importante desenvolver também esse aspecto do relacionamento pessoal... acho que isso é importante, é até uma mais valia...</i>	<b>E</b>
	O apoio dos colegas e um bom clima relacional são decisivos para enfrentar o 1º ano de profissão	<i>...penso que não deve haver muitas escolas com o ambiente que nós temos ali e isso realmente para nós é muito bom, é muito bom porque conseguimos ter um à vontade diferente e eu acho que a nossa profissão, nós na nossa profissão temos de estar confiantes naquilo que</i>	<b>F</b>



		<p><i>fazemos para podermos transmitir isso às crianças, se nós andamos inseguras e acabamos por ter um ano muito instável, porque não sabemos o que é que havemos de fazer..., acho que é muito complicado e transmitimos essa insegurança às crianças, enquanto ali acaba por não acontecer, ...</i></p>	
		<p><i>-...eu penso que o que fez com que o primeiro ano fosse assim, foi realmente o ambiente que foi, como já lhe disse várias vezes, noto isso nos meus colegas, que não têm o ambiente que eu tenho, que se sentem completamente desamparados...</i></p>	<b>F</b>
		<p><i>...é diferente se nós formos para a uma escola onde não haja este ambiente, onde cada professor faça o seu dia a dia, portanto da sua forma, onde não haja diálogo, acabamos por nos sentir sozinhos ... acabamos por sentir que se for perguntar alguma coisa que estou a incomodar, que tem de estar sempre a perguntar e como uma colega minha noutra dia me dizia, vocês não tenham vergonha de perguntar, ...</i></p>	<b>F</b>

	A boa relação com a direcção da escola	Apoio e orientação da directora pedagógica	<i>-.... a directora pedagógica, que nos ajuda bastante mas que é bastante exigente no trabalho. Portanto, nós temos que apresentar tudo, planificações mensais, semanais, objectivos que vamos propor nesse período, tudo, mas, nesse aspecto, ela ajuda-nos bastante....</i>	<b>A</b>
		Conhecimento mútuo e reconhecimento por parte da direcção pelo trabalho desenvolvido anteriormente	<i>...com eles foi tudo bem, eles também...já me conheciam, um deles até tinha sido meu professor....não tive problemas, como disse já me conheciam pelo trabalho que já tinha feito no colégio...</i>	<b>D</b>
Razões que contribuíram para um balanço negativo	Sentimentos de insegurança e ansiedade aliados à sensação de falta de preparação	Não se sentir preparada trabalhar com os primeiros anos de escolaridade	<i>...um bocado receosa de ir apanhar o primeiro ano de escolaridade, porque não senti que tenha sido bem preparada aqui para começar logo com os anos mais baixos da escolaridade ...</i>	<b>D</b>
			<i>... lá está, ainda por cima começando com um primeiro ano, temos que preparar para aprenderem a ler, a escrever e que corra tudo muito bem e depois temos medo de falhar nalguma coisa, eu penso que passa também um bocadinho por aí...</i>	<b>F</b>

		Número elevado de alunos	<i>-...sinceramente eu tive muito receio quando me deparei com uma turma com vinte e sete miúdos à minha frente eu fiquei muito preocupada e a pensar será que eu sou capaz, será que realmente tenho essas capacidades todas...?</i>	<b>C</b>
		Receio de manifestar incompetência perante os pares	<i>-...podemos ter tudo muito bem e achamos que não estamos preparados para tal, eu penso que tem também um bocadinho a ver com isso, porque queremos fazer tudo muito bem, queremos que corra tudo muito bem.....parece que eu não sei fazer nada e preciso de ajuda para tudo e que são coisas que nós nunca trabalhamos, como é que nós podemos saber fazer...?</i>	<b>F</b>
			<i>...depois quando vamos para a escola trabalhar temos uma certa ansiedade e temos receio de falhar, ficamos frustrados e vou algumas vezes para casa com os problemas e a pensar como é que vou dar a volta a isto, e isto tudo muito sozinha, porque criamos a ideia que devemos saber tudo e por isso não gostamos de mostrar as nossas falhas para não sermos ...avaliadas...e colocam-se dilemas que muitas vezes são difíceis de ultrapassar sozinhas...</i>	<b>D</b>

		Atitude de isolamento	<p><i>...no princípio não foi tão fácil porque se calhar também me fechei um bocado sobre o meu mundo e não me,... não me deixei muito dar a conhecer, não houve muita abertura também da minha parte...</i></p>	D
			<p><i>...se calhar a culpa também foi... acho que foi um bocado minha porque enfim... uma pessoa também não,... não sabemos o que é que vamos encontrar, que pessoas vamos encontrar,... e depois fechei-me um bocado sobre no meu mundo, sobre o meu trabalho, quer dizer as coisas estavam a correr bem e também me sentia feliz com isso, mas desliguei-me um pouco do grupo de colegas não estabeleci uma aproximação pessoal...</i></p>	D
			<p><i>...acho que é aquela necessidade que se tem de,... é o meu trabalho e eu tenho que o fazer e não me posso desligar disto e se calhar também, digamos que não partilhei muito, e se calhar as pessoas também se fecharam um pouco devido à minha atitude e eu penso que isso também teve influência no relacionamento com os colegas... um bocado por causa da experiência que já tínhamos tido aqui porque, ... e eu acho que em qualquer faculdade, as pessoas são muito..... competitivas...</i></p>	D

A má relação com a direcção da instituição	Devida à atitude de desconfiança pelo trabalho dos professores mais novos	<i>...mas depois o que interessa também é o ambiente de trabalho, e eu não tive muita sorte, portanto neste momento, sinto-me realizada profissionalmente mas, eu acabei o ano quase com um esgotamento... a direcção, eram pessoas que, que faziam a vida negra... daí ser um colégio de passagem de todas as pessoas que lá vão, só lá ficam aquele tempo, só ficam lá um ano e depois mudam logo...</i>	C
		<i>...eram pessoas muito complicadas que acham que os professores que acabam os cursos vêm, são pessoas sem cultura, são pessoas, eles são pessoas que gostam de espezinhar...</i>	C
		<i>...eles acham que aquelas pessoas que têm sessenta anos, que dão aulas há trinta e tal anos, é que são pessoas com uma grande cultura geral, eu aí concordo, porque têm mais cultura... mais experiência do que quem acaba o curso...</i>	C
		<i>...é um bocado tortura psicológica, não sei explicar porquê, é muito difícil porque, aquilo é o dia a dia daquele colégio, é, eles são os dois um..., eu não sei se vale a pena referir isto, são pormenores, aquilo era um</i>	C

			<i>casal, ela não estava a dar aulas o ano passado, portanto controlava muito os professores, controlava os filhos, controla tudo o que uma pessoa faz, entrava por um sala a dentro, são pessoas que... ela, inclusive, é uma pessoa que grita muito, as crianças não gostam dela. Ele, por exemplo, é uma pessoa que gosta muito de testar as pessoas em conversas, ... e fazem chantagens, se uma pessoa não fica lá até mais tarde é despedida, por exemplo, fazem-nos escrever papéis com coisas que não é verdade...</i>	
		Devida à interferência feita no trabalho realizado pelos professores	<i>...fizeram mudar a avaliação de um aluno, que é uma coisa muito grave, muito grave mesmo, tive que mudar no final do ano para ele ser expulso da escola, pronto, isto são coisas que considero muito graves...</i>	<b>C</b>
A dificuldade de relação com um encarregado de educação	Falta de consenso entre o encarregado de educação, a professora e a instituição quanto à forma de tratamento do problema do educando		<i>...a única dificuldade que senti foi realmente a nível de pais, portanto do pai de uma criança que eu tinha... tive em relação a esses pais, que não aceitavam o problema do filho... porque não aceitavam, e no final do ano lectivo acabaram por o levar do colégio por não quererem aceitar, ... portanto foi para outro colégio e neste momento deve estar a passar exactamente o mesmo que passou o ano lectivo passado...</i>	<b>F</b>

	<p>Dificuldades para lidar com situações de indisciplina</p>	<p>Alunos com problemas comportamentais</p>	<p><i>...tive um problema com um aluno, ah, isso tive, ...de ordem familiar, essencialmente...e de imaturidade da parte do aluno...era uma criança extremamente problemática, tinha dificuldades de aprendizagem, mas isso é outro caso...mas tinha problemas muito graves a nível de comportamento, de agredir os professores, os colegas, de estragar as coisas aos colegas ...enquanto ela esteve lá (referindo-se à criança que manifestou problemas), eu senti muita falta de preparação...</i></p>	<p>A</p>
			<p><i>... foi realmente o maior, ou se calhar o único, que se pode chamar problema, que eu defrontei ao longo do ano passado. ...porque realmente havia ali algum problema que eu não estava a alcançar. Agora se foi por falta de experiência profissional ou de preparação na faculdade também não sei... se calhar também é por falta de experiência profissional, não é? Entretanto, a criança esteve na minha turma desde Outubro a Dezembro e, em Dezembro, acabou por ser transferida... (para outro colégio) que acho que tem mesmo uma turma para crianças com problemas comportamentais e não só, para crianças com problemas de deficiências profundas...</i></p>	<p>A</p>

			<i>...Dava problemas a nível da sala de aula, a nível de recreio... era uma criança muito inteligente, podia estar a fazer alguma partida, podia estar irrequieto e desatento, mas acabava sempre por estar a ouvir e nós pensávamos que ele não tinha ouvido absolutamente nada e tinha ouvido, só que era muito agressivo para os colegas, tanto dentro da sala de aula como fora, era muito imprevisível...</i>	<b>F</b>
	Dificuldades relacionadas com aspectos pedagógicos e da didáctica das disciplinas	Dificuldades na utilização práticas de ensino inovadores para trabalhar os conteúdos disciplinares	<i>...tive uma aluna também com algumas dificuldades de aprendizagem a nível da leitura e da escrita... realmente deparei-me com uma menina que até aprendeu a ler umas coisas, o problema é que ela não conseguia ler os enunciados para os resolver. ..e eu realmente vi-me com aquele caso, (referindo-se à criança com dificuldades de aprendizagem da leitura)... não sabia muito bem para onde me havia de virar ...</i>	<b>B</b>
			<i>...tinha umas luzes de algumas coisas, por exemplo em relação aos métodos para ensinar a ler e a escrever mas,... eram coisas assim muito vagas, sabíamos muito, mas depois trabalhar com métodos em concreto e que nós tivéssemos a certeza que iriam funcionar não sabíamos,... e neste caso, digamos que utilizei o método</i>	<b>D</b>



			<i>que pensei que se calhar era o mais adequado, e funcionou...</i>	
			<i>...eu agora estou com o segundo ano, eu acho que devia ter um bocadinho mais de bases em relação, por exemplo, a técnicas para saber trabalhar com os alunos para não darem tantos erros... Esse tipo de coisas que nós não falámos na nossa formação...</i>	<b>B</b>
			<i>... nem gosto de me lembrar disso, sim, em dar matemática aos meus alunos,..., eu tive uma turma de terceiro ano de escolaridade este ano, e currículo do 3º ano é muito trabalhoso e extenso, em que se tem de dar muita matéria e eu tinha dificuldade por exemplo, em introduzir as matérias, para dar a noção de comprimento, o metro, para dar a noção de área, eu tinha que..., para preparar as minhas aulas eu tinha que, pedir ajuda porque não tinha muitas estratégias de ensino...</i>	<b>C</b>
			<i>... senti um bocadinho mais de dificuldades em relação ao Estudo do Meio, que é uma área curricular, nem sequer foi falado nada acerca de actividades para trabalhar nesta área...</i>	<b>B</b>

		<p>Dificuldades em utilizar as tecnologias como recurso à aprendizagem</p>	<p><i>...neste momento todas as crianças têm um fascínio muito grande pelas tecnologias e acabam por pesquisar e se nós formos sempre os orientadores na pesquisa as coisas funcionam duma forma completamente diferente, agora quando nós não temos formação para, também não nos aventuramos a fazer essas inovações..., se não nos sentirmos preparadas para os orientar, também não o vamos fazer e acaba por, lá está, as novas tecnologias são muito importantes e se nós não temos formação para conseguir trabalhar com eles, também não vamos estar a levá-los para uma coisa que não sabemos fazer apesar de achar que isso seria muito importante...</i></p>	F
		<p>Dificuldades relacionadas com a avaliação da aprendizagem dos alunos</p>	<p><i>...quando comecei a dar aulas fiquei a saber que tinha de fazer uma avaliação diagnóstica no início do ano, por exemplo, uma coisa que eu não tinha, até começar a trabalhar, a mínima noção, é que no início de cada ano lectivo tínhamos de fazer uma avaliação diagnóstica e que tem de constar no processo do aluno...</i></p>	F
			<p><i>...eu senti mais dificuldades a nível de tudo foi a parte das avaliações...por exemplo, nunca foi tratado nada a nível de testes, de fichas de avaliação, acho que é uma coisa muito importante...por exemplo, eu sei que há</i></p>	F

			<i>várias formas de corrigir um teste, mas tentar ver o que é que é mais importante, o que é que é menos importante, as cotações que devemos dar, o número de perguntas que deveremos ou não fazer...</i>	
	Dificuldades na elaboração e gestão de projectos	Dificuldade em transpor para a prática a teoria adquirida na formação inicial sobre projectos	<i>- O que eu senti mais dificuldade foi em relação à área de projecto, ...pouco, ou nada, foi abordado ao longo do curso, pouco ou nada falámos, e em relação a projectos nada... estávamos completamente à nora...!</i>	<b>B</b>
<i>-...mesmo na sua elaboração, porque nós não tínhamos sequer ideia como é que ele se fazia... envolvi-me, mas com dificuldades, especialmente em relação ao projecto curricular de turma...</i>			<b>B</b>	
<i>... mas foi mais em relação aos projectos que a gente tem que fazer na instituição, por exemplo, o projecto curricular de escola, turma, projecto educativo, nesse aspecto...</i>			<b>B</b>	
<i>-...tínhamos a teoria toda, sabíamos os decretos-lei, quando é que tinha sido posto em vigor mas isso, mas a prática mesmo nunca ninguém nos tinha mostrado como é que era...</i>			<b>C</b>	

		Desconhecimento da necessidade de elaboração do projecto curricular de turma	<i>...quando cheguei ao colégio, assim que assinei o contrato, a directora imediatamente informou-me que tinha que fazer o projecto curricular de turma...e eu fiquei...ok, projecto curricular de turma, o que é isso? ...nunca tinha ouvido falar disso...</i>	A
			<i>-...Projecto curricular de escola é construído pelo corpo docente, também não sabia. Área de Projecto também me senti assim um bocadinho desfasada, não é? Porque não é só pôr as coisas em prática, temos que fazer documentos sobre tudo aquilo...e realmente isso aí, principalmente com o projecto curricular de turma, fiquei assim um bocadinho sem saber para onde é que me havia de virar...</i>	A
			<i>-... mais a nível do projecto curricular, o de escola, de turma, como é que se fazia, este tipo de coisas, este tipo de dificuldades ...</i>	C
			<i>...-...quando chegamos a uma escola e nos dizem têm que fazer o vosso projecto curricular de turma, ...mas o que é que é, como é que se faz, por onde é que pegamos...?</i>	C
			<i>-...o que eu senti mais dificuldades a nível de tudo foi a parte das áreas de projecto... nós temos de nos reger</i>	D

			<p><i>pelo regulamento interno, temos de ter em atenção o projecto curricular de escola, temos de fazer o projecto curricular de turma e temos de saber lidar com tudo, e para isso devíamos ter formação para tal e acho que aí há muitas lacunas porque são coisas que são completamente esquecidas na nossa formação inicial, eu penso muito nisso...</i></p>	
			<p><i>... eu quando fui chamada para trabalhar, a minha directora disse-me em quanto tempo tinha de fazer o projecto curricular de turma, e eu, "o que é um projecto curricular de turma...?"</i></p>	<b>D</b>
			<p><i>--...durante o meu quarto ano (da licenciatura), eu só trabalhei Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio... tivemos acesso ao projecto, ao plano de actividades e ao projecto curricular de escola, agora por exemplo, o projecto curricular de turma quando sai aqui da faculdade não sabia fazer, portanto tive de aprender tudo. ...</i></p>	<b>F</b>
			<p><i>...eu não tinha a noção que no final do ano lectivo tinha de fazer uma avaliação ao meu projecto curricular de turma, tinha de fazer um relatório para saber se tinham</i></p>	<b>F</b>

			<i>sido necessárias alterações ou não, se o projecto era ou não adequado à turma, não tinha a mínima noção... chegámos ao final do ano lectivo, eu tinha de fazer um relatório...</i>	
Aspectos relacionados com admistração e gestão escolar	Dificuldades no preenchimento do livro de registos de faltas		<i>...mas encontrei algumas dificuldades, essas dificuldades foram principalmente a nível burocrático, a nível de todo o processo burocrático que estava por detrás do estar na sala de aula, não a nível de construção de planos nem nada que tenha a ver com isso, mas, até em preencher um livro de registo de faltas, porque nunca ninguém nos tinha mostrado o que era um registo de faltas, como é que se preenchia, se tinha termo de abertura ou de encerramento, nunca ninguém nos tinha mostrado e é aí que, pronto, que encontrei muitas dificuldades...</i>	C
	Dificuldades na elaboração dos processos individuais dos alunos		<i>...por exemplo, uma coisa que eu acho que também deveria ser tratado na faculdade e que não é, lá está, é uma coisa também muito prática, outra é o processo do aluno, o que é que o processo do aluno tem de ter, o que é que não tem, nós nunca aprendemos, nunca falámos nisso, o processo do aluno só falei quando entrei no</i>	F

			<i>colégio quando comecei a trabalhar...</i>	
		Dificuldades na realização e preenchimento do registo de avaliação dos alunos	<i>... uma das coisas que senti foi quando a primeira vez, quando comecei a dar aulas, o ano passado não sabia portanto como preencher um registo de avaliação, nunca tinha preenchido, não sabia como é que se preenchia, não via um registo desses desde que andei no primeiro ciclo, porque nunca foi tratado cá; acho que era uma coisa importante porque todos os professores no final de cada período têm de preencher o registo. ...eu senti mais dificuldades a nível daquelas burocracias em termos de escola...</i>	F
		Dificuldades na elaboração de actas	<i>...por exemplo, uma acta, nós na faculdade nunca aprendemos a fazer uma acta, ...começamos a trabalhar, há reuniões de conselho dos docentes todos os meses, há reuniões de coordenação todos os meses onde têm de ser feitas actas. Eu não sabia fazer uma acta, percebe...?</i>	F
	Dificuldades nas áreas curriculares não disciplinares	Estudo acompanhado e formação cívica	<i>...e nas áreas não curriculares, e que aqui (na faculdade) são falados como importantes áreas que os professores devem saber trabalhar, ... foi aquilo que eu senti mais dificuldade. Foi aí que eu achei que nós estávamos menos preparados...formação cívica, área de projecto e estudo acompanhado, em que tenho um tempo lectivo para cada</i>	A

		<i>uma para trabalhar com os alunos...</i>	
		<i>...nós também não temos essa noção de estudo acompanhado, o que é que se trata no estudo acompanhado, o que é que é formação cívica, o que é que temos de fazer na formação cívica...</i>	<b>F</b>
Dificuldades de gestão de tempo	Para preparação das aulas	<i>-...organizar a nossa vida a nível pedagógico – administrativo, aí faria falta (tempo para reuniões) ... o problema é que não temos horário para isso, e isso teria que ser por volta das seis e meia, sete da tarde...</i>	<b>A</b>
		<i>...aquele trabalho que deve ser feito nas horas de coordenação, nas horas não lectivas, isso aí não fazemos, porque temos um horário muito complicado, para gerir com horas não lectivas e com horas de coordenação e tudo isso, desde planificações, a fichas, trabalhos para isto... porque a verdade é que nós estamos na sala com as crianças, podem ser poucas, mas nós não temos um minuto de descanso, não é? ...</i>	<b>A</b>
	Para trabalhar com os alunos	<i>...mas também acho que tenho pouco tempo com os miúdos, porque eles têm uma série de áreas curriculares também, ... e que lhes preenchem o tempo lectivo e às vezes parece que não tenho tempo para trabalhar e fazer</i>	<b>D</b>



			<i>tudo o que gostaria, ...e que as coisas nem sempre correm também como eu gostaria...</i>	
Estratégias utilizadas para ultrapassar as dificuldades encontradas	Recurso a Psicólogos	Da própria instituição, para ajudar a resolver problemas de aprendizagem e disciplinares dos alunos	- ...falei com a psicóloga do Colégio, para ela fazer alguns testes, alguma coisa, para tentarmos entender de onde é que derivava aquele problema...	A
			-...temos também uma psicóloga no colégio que nos ajudou também na condução do estudo acompanhado. ... Às vezes não sabia como é que havia de lidar, especialmente, mas pronto, como nós temos uma psicóloga a tempo inteiro é ela que nos vai ajudar...	B
		Fora da instituição, para ajudar na resolução de problemas mais graves	-...Inicialmente era apoiada por uma psicóloga educacional, entretanto a nossa psicóloga viu que não tinha capacidade porque era bem mais grave e pedimos uma psicóloga clínica exterior ao colégio que também não conseguia resolver o assunto, entretanto pedimos depois um psiquiatra e fomos sempre pedindo, mas os pais a partir da altura, sempre que começávamos a chegar perto, os pais fugiam, entre aspas...	F
	Recurso aos colegas da instituição	Através de conversas informais de café, no intervalo, na hora da refeição	...não trabalham em grupo formalmente, trabalham informalmente...em conversas de café, em conversas ao longo do intervalo....mas a nível informal acho que é um grande apoio...	A

			<p><i>-... não temos momentos formais para o fazer, podemos normalmente aproveitar as reuniões de docentes mas não achamos que seja necessária ter tanta formalidade para resolver questões que ao fim e ao cabo é de cada uma de nós e encontramos no grupo de colegas, um grupo de amigas e é assim que ultrapassamos normalmente as nossas dificuldades...</i></p>	<b>C</b>
			<p><i>diálogos com as nossas colegas...nunca cá vim (à faculdade) para isso (pedir ajuda)...não porque eu trabalho também com uma colega minha daqui e tenho colegas minhas ao pé...</i></p>	<b>B</b>
			<p><i>-... trabalhamos muito em conjunto, é um grupo de docentes bastante grande em que todos os dias nos encontramos e aproveitamos normalmente a hora da refeição para o fazer...</i></p>	<b>B</b>
			<p><i>-... resulta também de conversas informais...nós como já temos uma relação muito boa, vamos beber café juntas, estamos sempre juntas, almoçamos todas juntas, todos os tempos que temos livres estamos todas juntas, portanto acabamos por muitas das coisas resolver assim...</i></p>	<b>F</b>

	Colocando dúvidas e trocando ideias	<i>...então quando nós temos dúvidas e isso, juntamo-nos e falamos...como há pessoas mais experientes também à nossa volta, nós recorremos a elas ...cada uma depõe os problemas que encontrou nesse dia que está com algum problema, que não sabe como ultrapassar...</i>	<b>B</b>
		<i>...peço ajuda a colegas, ... para ter ideias, não é?... para fazer actividades até relacionadas com todas as áreas...</i>	<b>E</b>
		<i>...às vezes tenho dúvidas tento ser eu primeiro a dar a volta...caso não consiga, pergunto ...e falamos ...por causa da forma como introduzimos as várias matérias e conceitos...</i>	<b>D</b>
	Partilhando experiências profissionais	<i>-...cada uma perante aquele problema diz se já teve ou não essa mesma experiência, partilha essa experiência...</i>	<b>C</b>
		<i>-...como é que resolveu e portanto não nos dão soluções, simplesmente nos deixam pensar...</i>	<b>C</b>
		<i>... acho que uma partilha de experiências profissionais será mais útil, para colmatar as situações que nos aparecem no dia a dia. Com os colegas que conhecem a realidade, não é...?</i>	<b>B</b>
		<i>...o problema é o primeiro, lá está, o primeiro ano que a pessoa trabalha é tudo novo, não é? ...os colegas foram dando apoio, mostraram-me como é que tinham feito...</i>	<b>A</b>

		<p><i>...É muito mais fácil ser eu, que conheço realidade, dar um conselho ou pedir um conselho a um colega meu, do que ouvir um conselho ou um relato de uma experiência de uma pessoa que está noutra sítio completamente diferente...e é naquele contexto, quem conhece o contexto é que se calhar nos pode orientar melhor...</i></p>	<b>B</b>
	<p>Para debater aspectos relacionados com a didáctica das disciplinas</p>	<p><i>...e mesmo com alguma questão a nível pedagógico com que se depare muitas vezes temos dificuldade em introduzir determinado conceito que não nos parece tão acessível como chegar às crianças esse conceito e é assim que nós, pelo menos eu, consigo passar esse obstáculo...</i></p>	<b>C</b>
	<p>Reuniões formais de professores e de coordenação de ciclo</p>	<p><i>...Há as duas reuniões formais, mensalmente, ... temos uma reunião, portanto entre docentes todos, ... depois temos também outra reunião por mês só do primeiro ciclo, é a reunião de coordenação, ... portanto a coordenadora com as professoras de primeiro ciclo portanto resulta dessas duas reuniões...</i></p>	<b>F</b>

	Recurso a outros colegas	Para relembrar momentos vividos de trabalho em conjunto e debater dúvidas	<p><i>...tinha a minha colega que era a minha colega de estágio, que é essa colega com quem já falou...está noutra escola, também particular..., e falávamos e dizia-lhe olha tenho muitas saudades de nós trabalharmos juntas, porque havia muito entendimento entre nós...</i></p> <p><i>...na parte pedagógica, eu não tive problemas porque, sempre que sentia dificuldades ia ter com os colegas ...eu própria também estou a tirar a pós-graduação aqui na faculdade, aqui também tinha contactos com outros colegas...</i></p>	D
	Recurso à instituição de formação inicial	Para obter informação sobre um problema relacionado com necessidade educativas especiais	<p><i>...eu recorri a esta instituição e fui muito bem acolhida relativamente a uma necessidade educativa especial que encontrei na turma e não sabia realmente, nem sequer conhecia essa necessidade, nunca tinha ouvido falar e por isso recorri aqui à docente dessa disciplina que foi impecável, portanto ajudou-me naquilo que podia, fez pesquisas para me ajudar, disse-me onde é que eu me podia dirigir para pedir mais informações, portanto foi a única vez que eu recorri aqui à instituição para me apoiar nesse sentido...</i></p>	C

Faculdade de Psicologia  
e Ciências da Educação  
Universidade de Lisboa  
BIBLIOTECA

	Recurso à professora cooperante	Para tirar dúvidas	...eu mantenho também uma boa relação com a minha professora cooperante, e quando tenho dúvidas e tudo, vou ter com a professora cooperante...e vemo-nos frequentemente...	B
	Recurso a publicações	Para obter mais informação relacionada com a área de projecto curricular de turma	...comprei uma quantidade de livros, li uns livros por minha conta e risco...comecei por estudar o projecto curricular de turma, porque era uma coisa que eu nem sequer tinha ouvido falar que existia.	A
			...e pronto, de qualquer maneira eu fui estudar, comprei livros, para ver como é que se fazia (referindo-se ao projecto curricular de turma) e fiz à minha maneira...por acaso ficou muito bem feito, tivemos lá uma inspectora este ano, que viu tudo isso, e disse que estava muito bem feito...	A
			-... se não pesquisarmos não sabemos porque são coisas que nunca foram debatidas...	F
			...fui imediatamente para as livrarias, comprei uma quantidade de livros para me informar, para ler, para tentar estruturar as coisas. ...por acaso a primeira coisa quando tenho alguma necessidade é ir ver aos livros, nem é perguntar, só se tiver mesmo aquela dúvida que não	B

		<i>consigo resolver sozinha.....Pesquisas, a ler livros, ...ler bastante, procurar.... E nós tivemos que andar a procurar e a pesquisar em muitos sítios...comprar livros, ir a bibliotecas, ...</i>	
	Para ter ideias e organizar actividades diferentes	<i>...compro muitos manuais... para ter ideias, não é, para fazer, actividades até relacionadas com todas as áreas...</i>	<b>E</b>
		<i>... neste momento, começamos a trabalhar, vamos procurar livros que nos... de onde consigamos tirar alguma coisa e fazer algum trabalho...</i>	<b>F</b>
Recurso à internet	Para procurar jogos e actividades que motivem os alunos para a aprendizagem	<i>...às vezes vou à internet procurar jogos para poder trabalhar com os alunos, para encontrar maneiras divertidas, aliciantes e poder motivá-los...</i>	<b>D</b>
		<i>...os livros não dão oportunidade para criar uma forma mais motivadora para organizar actividades...por isso procuro mesmo na Internet, faço essas pesquisas porque sinto talvez essa falta de preparação e se calhar de experiência...</i>	<b>D</b>
Recurso a professora de apoio pedagógico da instituição de trabalho	Para apoiar alunos com dificuldades de aprendizagem ao nível da língua portuguesa	<i>. ...tivemos alguns casos em apoio, eram vinte e oito alunos na turma, e tive seis casos que, três vezes por semana, saíam da sala e iam ter com a professora que os ajudava na parte da escrita ou na interpretação mas,</i>	<b>D</b>

			<i>nada assim de preocupante...com esta ajuda, até foi relativamente fácil organizar as actividades com o grupo, apesar de ser grande...e depois as dificuldades não eram graves, nem se podem considerar do nível de casos com necessidades educativas especiais...</i>	
--	--	--	--	--



## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS PROFESSORAS PRINCIPIANTES

TEMA – Avaliação de experiências docentes não lectivas desempenhadas no 1º ano de carreira

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Professores Principiantes
Professora cooperante		Levar os estagiários a participarem em actividades em que também teve dificuldades quando iniciou funções como professora	<i>... tento mostrar-lhes as dificuldades que eu encontrei e que ainda hoje continuo a encontrar e como solucioná-las pelo menos mostrar o mais que eu possa, para que elas não sintam as mesmas dificuldades que eu já senti...</i>	C
		Marcar faltas no registo de frequência	<i>...também lhes peço, por exemplo, sempre que vão ao estágio são elas que marcam as faltas, já conhecem o que é que é um registo de frequência, como é que se faz, como é que não se faz, pronto já têm um bocadinho essa experiência porque lá está foram as dificuldades que eu encontrei aqui, e que eu transmiti-lhes...</i>	C

		Participar das reuniões com os encarregados de educação	<i>... mas as reuniões de pais eu tenho sempre, faço sempre a proposta quem quiser assistir que o faça porque é bom e foi também, uma das dificuldades que eu encarei,... foi o que é que eu faço numa reunião de pais, o que é que eu digo, como é que eu actuo, devo fazer determinadas coisas, não devo, pronto porque também nunca tinha assistido...</i>	C
			<i>...hoje eu peço-lhes, e comunico sempre quando vou para uma reunião de pais peço-lhes para assistirem..</i>	C
		Participação em actividades extra – escolares	<i>...mas normalmente o que gostam de fazer, e participam, é quando há... ...actividades extra-curriculares, nomeadamente visitas de estudo, festas dentro do colégio, e não só...</i>	C
		Participação em reuniões com os outros docentes	<i>...as reuniões de docentes é complicado que assistam porque a direcção acha que não se deve abrir tanto o colégio a esse tipo de coisas, portanto entendo que é muito bom termos estagiários, entendo qual é o papel dos estagiários mas tenho de manter as reuniões fechadas às estagiários...</i>	C

Coordenadora do 1º ciclo	Motivos que levaram ao desempenho do cargo	Ausência da coordenadora a meio do ano lectivo	<i>...foi a meio do ano passado, porque a coordenadora teve de se ausentar, porque estava em licença de parto, e eu não estava nada à espera que me escolhessem a mim...</i>	D
		Solicitação por parte da direcção da instituição escolar	<i>...e escolheram pelo desempenho profissional que tinha tido, se calhar pela parte da responsabilidade que talvez tenham reconhecido em mim, cumprimento... e isso é importante...</i>	D
	Dificuldades encontradas	Realização de relatórios e o cumprimento de prazos...	<i>...há aquelas reuniões da coordenação ...e é preciso fazer isto, avisar daquilo, mas algumas coisas devem ter passado ao lado, houve relatórios que tiveram que ser feitos no final de ano e que não tinha qualquer conhecimento de como é que aquilo se fazia.....não tinha conhecimento de nada, ... não tinha qualquer noção, ... quando me pediram para substituir a coordenadora não me explicaram nada...</i>	D
	Formas encontradas para ultrapassar as dificuldades	Recurso a outras coordenadoras com experiência no desempenho da mesma função	<i>... conforme as coisas começaram a aparecer...e a tentar dar-lhes a volta,... tive que me desenrascar sozinha.....às vezes alguma dúvida maior que tinha perguntava a colegas coordenadores...</i>	D

A mais valia retirada do exercício dessas funções	Aprender aspectos relacionados com o exercício de outras funções e coordená-las com a função docente	<i>...eu acho que foi até muito bom a escolha ter recaído sobre mim não só para aprender um pouco mais sobre aspectos que se relacionam com o desempenho de outras funções, e com as quais nunca tinha estado em contacto, como para ver também a dificuldade que se tem em coordenar um ciclo...</i>	<b>D</b>
		<i>...sobretudo para quem tem uma turma desde as nove até às quatro e meia e depois ainda tem que pensar noutras tarefas...num colégio particular ainda se torna mais difícil porque é o tempo inteiro com as aulas, o tempo é mais limitado para preparar tudo, necessitamos de muita disponibilidade...</i>	<b>D</b>
	Aprender a relacionar-se com os pares melhorando o relacionamento inter pessoal	<i>...mas foi muito bom porque me ajudou também a poder relacionar-me melhor com os outros. No aspecto do meu relacionamento pessoal acho que foi muito importante, e este ano, sinto que as coisas vão correr bastante melhor...</i>	<b>D</b>
	Melhor aceitação por parte dos pares	<i>... e eles puderam conhecer-me melhor a mim...as pessoas acabaram por reconhecer que o meu trabalho não foi mau,...houve momentos em que não foi nada fácil, e foram só três meses, , depois, foi</i>	<b>D</b>

			<i>bom e acho, digamos que cresci muito este ano pessoas com já alguma idade lá na escola e que não aceitaram tão bem que uma miúda fosse para lá desempenhar esta função mas foi, no fundo...</i>	
Responsável pela biblioteca e pela internet	Actividades desenvolvidas	Organização de livros e de horários de funcionamento para cada turma	<i>...pela biblioteca, pela Internet. Pela Internet, estive responsável até Dezembro, porque depois o Ministério cortou, não sei se foi em Dezembro se foi em Janeiro, sei que depois deixámos de ter Internet... porque era um acordo com o Ministério da Educação que depois foi cortado e durante o ano lectivo inteiro, estive responsável pela biblioteca, a organizar os livros as horas que cada turma tinha para ir à biblioteca, foi basicamente isso...</i>	F
	Valor da experiência anterior	A experiência anterior (em ATL) facilitou o desempenho do cargo	<i>-...já tinha uma certa experiência como coordenadora de um ATL, ocupação de tempos livres... o à vontade é diferente, porque somos nós que estamos a gerir, portanto acabamos por ter um à vontade diferente e começamos logo a trabalhar, é diferente, já temos um contacto diferente com as crianças, é diferente....., eu lá também planificava, portanto acabava por ter tudo a ver com o ensino, com a organização, penso que facilitou muito...</i>	F

## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS PROFESSORAS PRINCIPIANTES

### TEMA – A Avaliação da Formação Inicial feita pelos Professores Principiantes

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Professores Principiantes
Aspectos positivos da formação inicial	O estágio	Para tomar conhecimento de dificuldades encontradas na realidade profissional	...mas, realmente, aquilo que eu considero mais relevante foi o estágio... o mais importante para mim foi o estágio, não a <i>Prática Pedagógica</i> (a componente teórica) ...	<b>B</b>
			... mas depois de acabar, realmente dá-nos a sensação que aquilo era essencial, passar por uma realidade daquelas para aprendermos a ver o que é a realidade, não é? Porque eu tenho uma realidade cor-de-rosa neste momento no colégio...	<b>A</b>
		Para pôr à prova as motivações para a docência	... no primeiro ano de estágio foi logo com o que me deparei, professores do segundo ciclo que dão aulas ao primeiro ciclo, e eu tinha uma, tive uma professora de estágio, que era professora de educação física de segundo ciclo e estava ali, numa escola pública a dar aulas... não gostava daquilo que estava a fazer e nem percebia muito bem aquilo que fazia, mas estava ali porque se ia casar e tinha de ganhar dinheiro... é uma grande injustiça	<b>E</b>

			<i>para aqueles que, sendo professores do 1º ciclo, ficam em casa sem colocação, e uma injustiça para os alunos, e pronto, acho que isso é péssimo...</i>	
			<i>...percebi desde logo que, é muito importante, ...que é preciso gostar-se muito, muito, muito de dar aulas...não é só paciência com as crianças, é preciso gostar, é uma profissão que dá muito trabalho, e tem de ser para quem gosta, eu trabalho desde que me levanto até, às vezes, à meia-noite, ainda estou a fazer coisas para os meus alunos, e também posso fazer isso porque ainda vivo na casa dos meus pais...dedico-me demais, gosto imenso e se pudesse voltar atrás, voltava a fazer tudo de novo...</i>	<b>E</b>
			<i>... tive a sorte ou o azar, no 4º ano, de ser colocada na escola... de Chelas para fazer estágio...e realmente acho que todos os alunos deviam passar por aquela escola, ou por escolas do mesmo estilo. Porque ao fim de duas semanas a pessoa põe tudo em causa...pensa "eu não nasci para isto, eu vou-me embora, vou desistir do curso". Acho que todos os que foram para a ... pensaram isso...</i>	<b>B</b>
			<i>...quando me vi lá realmente, entrei em pânico completamente...mas no fim de estágio cheguei à conclusão que foi o melhor que eu fiz foi ter ido para aquela escola estagiar...</i>	<b>A</b>

			<i>porque aquilo é uma escola de vida, aquilo realmente, ali uma pessoa lida com situações que depois de as ultrapassar, consegue lidar já com uma grande parte das coisas... enquanto lá está anda de rastos completamente, e põe tudo em questão, mas depois de passar acho que é excelente...</i>	
		Para enfrentar melhor o primeiro ano de carreira	<i>...como tinha passado pela experiência do estágio, no primeiro ano já estava mais à vontade... se não tivesse havido a prática pedagógica (estágio), especialmente no quarto ano, a esticar..., o primeiro ano de trabalho teria sido pior...</i>	<b>B</b>
			<i>...e como acho que também o quarto ano correu bem, a nível da intervenção e da prática pedagógica, pronto uma pessoa também veio com bastante vontade e entusiasmo para o primeiro ano de trabalho, não é...?</i>	<b>D</b>
			<i>...porque não me tinha apercebido ainda das capacidades que tinha adquirido aqui nesta instituição, mas também, porque eu acho que quando entramos num curso, seja ele qual for, temos que crescer não só dentro da instituição, ao nível da formação, mas também depois o nosso desenvolvimento pessoal...</i>	<b>B</b>



O trabalho realizado em algumas das metodologias de ensino	A metodologia da matemática foi boa porque teve exemplos práticos destinados ao nível de ensino para que os formandos estavam a ser preparados	...como ensinar a matemática no primeiro ano de escolaridade, alguns passos, técnicas, actividades...nesse aspecto eu acho que fomos muito bem preparados.	A
		...tive uma metodologia da matemática excepcional. ...com exemplos práticos, com coisas práticas, excepcional. Foi das melhores disciplinas que eu tive ... porque nós não íamos para lá para ouvir a história da matemática e coisas dessas. Não, era coisas práticas. "Querem dar isto? Então podem fazer isto ou isto...", dava muitos exemplos de coisas, de jogos, de problemas...dizia-nos qual era o melhor modo de darmos isto ou darmos aquilo ...	A
		...eu ainda hoje vou ao caderno dessa disciplina procurar, "tenho que dar isto, deixa lá ver como é que vou dar"... ainda hoje vou, não faço isso com mais nenhuma outra disciplina...	A
		...em áreas curriculares, aquela em que me senti mesmo mais à vontade foi matemática, porque eu acho que fomos muito bem preparados...	B
		...por exemplo, Matemática, acho que aprendemos muita coisa, já tínhamos vários jogos, jogos diferentes para dar várias matérias, portanto acaba por ser diferente, formas giras e interessantes para trabalhar a matéria com as crianças. Acho que deveria ser feito em todas...	E

		A metodologia das Ciências foi bem organizada ao nível dos conteúdos trabalhados, e as actividades estavam relacionadas com os conteúdos curriculares do 1º ciclo	<p><i>...esse professor de Ciências por acaso, pediu-nos para realizarmos trabalhos, que se destinam a actividades com os alunos, desde saber os planetas de cor, e é verdade que um professor pode chegar a uma sala de aula e um aluno pergunta quantos são os planetas...</i></p> <p><i>...Ciências da Natureza, acho que gostei bastante, fomos muito bem preparados pela professora que cá estava, porque, era muito exigente mas valeu a pena porque, falou da matéria em torno do que iríamos dar, dos seres vivos, do planeta Terra, dos planetas portanto, deu mesmo uma abordagem muito geral da matéria que está inserida na área curricular do Estudo do Meio...</i></p>	E
	O bom acompanhamento da professora de matemática junto dos estagiários	Disponível para acompanhar as intervenções dos seus formandos, deslocando-se à escola de estágio	<i>... era uma professora que ainda ia à escola...às vezes, alunos dela telefonavam "professora, queria dar isto mas não sei como"...ela ia à escola dar essas aulas, era uma professora que ainda estava muito relacionada com a vida activa...ela tinha estado em Timor a dar aulas há pouco tempo, no ano anterior ou dois anos antes...e chegou ali e foi uma lufada de ar fresco, esta professora...</i>	A

			<i>-... via-se perfeitamente que era uma pessoa que estava muito ligada à vida profissional no primeiro ciclo. o exemplo dessa professora que nos deu a matemática, eu acho que é o melhor exemplo. Porque nos motivava a todos...</i>	<b>B</b>
O bom acompanhamento da professora cooperante	Com aconselhamento e apoio nas intervenções		<i>...na prática o que acontecia é que a professora cooperante que estava lá diariamente e a todo o minuto connosco, no final de cada tempo lectivo dizia-nos correu bem, correu mal, gostei disto, não gostei, portanto, expunha também os pontos dela...</i>	<b>C</b>
			<i>...tinha uma boa professora cooperante boa que nos dava apoio, que nos dizia “não deves fazer assim”, “deves fazer doutra maneira”, “se fizeres assim dá mais resultado”, “se calhar se tivesses feito de outra forma as crianças estavam mais motivadas”, acabava por ter esse apoio...</i>	<b>F</b>
			<i>-...a professora cooperante dava-nos larga liberdade para fazermos aquilo que trazíamos planificado e depois, no final da aula, dizia se concordava ou não e no que é que concordava e no que é que não concordava...</i>	<b>F</b>
			<i>...em termos do professor cooperante fomos ajudadas, fomos, tirámos muitas ideias,...mais do que com a professora de prática pedagógica...aliás todos os temas eram acordados antes, com ela, e pronto, preparávamos as coisas...</i>	<b>D</b>

	O bom acompanhamento da Supervisora da Prática Pedagógica	Observações regulares acompanhadas de reflexão e debate	<i>...com alguma assiduidade a professora de Prática Pedagógica ia lá à escola onde nós estávamos a fazer estágio e via também a nossa forma de trabalhar...ela observava e depois reflectíamos e debatíamos os pontos que achávamos relevantes ...eu acho que nesse ponto teve tudo muito bem, correu tudo muito bem...</i>	C
			<i>...ao longo dessa semana nós tínhamos todo o à vontade para chegar junto da professora de Prática Pedagógica e dizer preparei um plano, tenho todo o material de apoio preparado, por favor veja se está bem, se é isto que se pretende se não é...ela corrigia os pontos que havia a corrigir, ajudava-nos muitas vezes...pelo papel não se chega,... não se percebe muito bem a forma como queremos alcançar esses objectivos e em conversa chegávamos lá e ela limava as arestas que havia a limar e depois íamos para a prática...</i>	C
	A boa base teórica obtida ao longo do curso	Ao nível da orientação bibliográfica	<i>... é assim, mais uma vez eu tenho que referir, ... porque é assim, quem souber aproveitar e crescer à medida que for avançando aqui no curso, for fazendo pesquisas por fora até questionando a professora sobre isto ou aquilo,... pelo menos a que eu encontrei aqui foi excelente e nesse aspecto estava sempre muito aberta a dúvidas, a questões, a orientar-nos, essa obra não é tão importante para esta altura, ele é mais esta porque vai ensinar mais alguma coisa sobre isso...</i>	C

		Aspectos da cidadania bem abordados	<i>...aspectos da cidadania também foi bastante abordado no primeiro e segundo ano, lá está, na formação dos alunos, da pessoa. Acho que foi muito bem abordada pela professora e gostei bastante dela, é uma professora que já tem bastantes anos de ensino, e dava a Prática Pedagógica nos primeiros anos...</i>	<b>D</b>
		O contacto com diferentes instrumentos de avaliação apresentados nas aulas de Prática Pedagógica	<i>...a professora da Prática Pedagógica do quarto ano, não sei se foi no terceiro, se foi no quarto ano, mas sem dúvida pôs-nos em contacto com vários instrumentos de avaliação. Pedia-nos para construir os instrumentos de avaliação, aqui sem dúvida houve um óptimo trabalho...lá está, isto são as competências que tem que se exigir a um professor, é verdade...</i>	<b>A</b>
			<i>...há competências como por exemplo ligadas à avaliação, por exemplo, e na Prática Pedagógica falou-se muito, na avaliação, foram abordados todos os tipos de avaliação, tanto para o professor como para os alunos e de avaliação formativa, sumativa, contínua, demos todos os tipos de avaliação. ...</i>	<b>D</b>
			<i>A parte da avaliação, seja a avaliação contínua, seja a auto-avaliação... este assunto foi muito bem abordado aqui na faculdade...</i>	<b>D</b>

Críticas à formação inicial	Deficiências apontadas à metodologia da Prática Pedagógica	As observações nos primeiros anos baseada apenas na caracterização da instituição, não abordando as questões pedagógicas	<i>...primeiro e segundo ano eram 2 horas de observação, ...tínhamos no final de fazer um trabalho, em que consistia, não na turma que tinha sido observada, mas sim na instituição, acabávamos por fazer uma caracterização da instituição e de turma, mas não a nível de questões pedagógicas, apenas a nível de ... portanto mesmo caracterização básica, o número de alunos, o horário, nada de especial. Era uma observação assim, livre, cada um observava por si e depois daí não resultava nada...</i>	F
		Pouco tempo atribuído à observação de situações educacionais e à intervenção	<i>...terceiro ano eram 2 horas de observação e de intervenção e quarto ano eram 3 dias de intervenção. E é assim, como é que eu lhe hei-de dizer, acho que a prática pedagógica é importante, acho que sim, mas lá está, nós temos muito pouco tempo de observação, apesar de estarmos 2 anos a observar, são apenas 2 horas, eu acho que era muito pouco...</i>	F
			<i>...as observações não interessavam na altura, só interessava para adquirirmos alguns conhecimentos, mas nunca tivemos de escrever nada, escrever relatórios, nunca fizemos nada nas observações...a Prática Pedagógica nos dois primeiros anos é mais ao nível a formação pessoal, ou seja, aquela formação que se prende com o que o professor deve ser, como se deve relacionar com os alunos, com...com o rigor do seu desempenho, ... e do seu trabalho...</i>	E

		As áreas curriculares do 1º ciclo e a gestão do currículo pouco trabalhados	<i>...por exemplo, os conteúdos, o programa do primeiro ciclo, que eu acho que deviam ser abordados mais, mais em pormenor nas aulas de prática pedagógica e não falar tanto em teoria, tantos livros, e aquilo que é a realidade, que é os professores terem de se preparar, conhecer o programa que têm de cumprir perante os seus alunos, isso é que devia ser mais trabalhado na parte pedagógica, a forma como o professor deve dar as diversas matérias, eu acho que isso é importante.....mesmo de como cumprir o programa...</i>	E
		Excessiva teorização da formação sobre a avaliação	<i>...nós tratámos da avaliação, eu lembro-me bem perfeitamente das aulas de avaliação, quando nos davam um dossier com vários documentos e que cada grupo analisou um documento, portanto, ...não é ouvir um colega meu ou uma colega minha a ler uma folha que vou perceber o que é que é uma avaliação formativa. Nós sabemos o que é, mas a forma... deveria ser trabalhado de uma forma diferente...</i>	F
			<i>-...em vez de estarmos a debater a avaliação da forma como debatemos, se tivesse feito de uma forma diferente, se tivéssemos debatido os problemas que íamos encontrando na prática, era diferente, assim acabamos por ter sempre aquelas lacunas...</i>	A

			<i>...as aulas de prática pedagógica do quarto ano principalmente no segundo semestre, como é que eu hei de dizer, na minha opinião não tiveram utilidade nenhuma.... tivemos de comprar um dossier de práticas de avaliação.</i>	<b>F</b>
			<i>...acabávamos por não debater nada, porque cada um fazia um resumo, era o que eu estava a dizer há pouco, as únicas coisas que foram tratadas em termos da avaliação foi assim, nós comprámos um livro, um dossier, cada um ficou com um documento, aquilo era dividido por documentos, fazíamos um resumo e líamos à turma, portanto a matéria ficou dada, não havia debates sobre nada...</i>	<b>F</b>
		Não havia momentos para debater a realidade encontrada nos estágios	<i>...agora nos dois últimos dois anos, em que eu acho deveria ser mais trabalhado o programa, as planificações, a realidade das escolas, eu acho que, falta, ...fala-se muito em teoria e pouca prática, acho... é essa a minha opinião...</i>	<b>E</b>
			<i>...na Prática Pedagógica ainda hoje estou para saber o que é que nós aprendemos...porque ainda não entendi...no terceiro e no quarto ano era "comprem este livro, este, este e este, e leiam em casa"... nós sentíamos dificuldades, ... e não é bem assim como está só no papel, não é?</i>	<b>C</b>



			<i>... nós aprendemos um bocadinho por nós próprios, pronto... sabemos que agora vamos estagiar para aquela escola, com um professor cooperante, que é bastante importante...</i>	<b>C</b>
			<i>...nós como alunas temos sempre as nossas inseguranças, não é? Estamos a dar aulas, ainda não somos professoras, acabamos por... apesar de ter a responsabilidade da turma, não somos professores titulares, não sentimos tanto essa responsabilidade, mas queremos fazer o melhor possível porque vamos fazer daquilo o resto da nossa vida profissional e gostávamos de sair da faculdade a saber muita coisa e quando começamos a trabalhar é que vimos que realmente há muita coisa de que não tínhamos noção...há coisas que são muito básicas que no dia a dia deveríamos ter aprendido cá...</i>	<b>F</b>
	Deficiências na preparação para a intervenção no estágio	Prática Pedagógica muito teórica e centrada na planificação de cada grupo	<i>... a nossa Prática Pedagógica é teórica, grande parte das aulas a professora com os grupos de estágio, a corrigir e a alterar planificações...portanto, metade das aulas era isto...</i>	<b>A</b>
<i>-...nós tínhamos que, todas as semanas, fazer a planificação com uma semana de antecedência e depois... até algumas situações foram aqui vistas com a professora de Prática Pedagógica nestas salas, os objectivos, os conteúdos, dizia o que é que tínhamos que formular, dava dicas para as actividades...mas</i>			<b>D</b>	

			<i>senti, por vezes, é que perdeu-se muito tempo em coisas que se deveria ter aproveitado de outra forma...</i>	
			<i>... no quarto ano a preparação para a intervenção, resumia-se mais à planificação...</i>	F
			<i>...nós tínhamos de fazer a planificação com uma semana de antecedência, tínhamos de a mostrar à nossa professora que era quem nos corrigia a nossa planificação, para depois então a podermos colocar em prática...</i>	F
		Poucas momentos para esclarecer dúvidas e debater diferentes formas de organizar actividades e novas estratégias de trabalho	<i>...nós tentávamos fazer... arriscávamos, e não era explicado se fizemos bem como se pode fazer melhor, outras formas de trabalhar, de diversificar as actividades... para trabalhar competências em todas as áreas curriculares...</i>	F
			<i>...cá (na faculdade) de vez em quando tínhamos conversas (com a professora de Prática Pedagógica), mas nada de especial...tivemos de fazer, no final do ano lectivo, um relatório sobre como correu, mas muito geral, não tínhamos de especificar nenhum acontecimento, nenhum episódio específico...</i>	F
			<i>...a maioria das vezes éramos nós que íamos à procura para nos tentarmos desenrascar ou em livros ou à partida íamos já com tudo feito não é de maneira a que não houvesse falhas..., e</i>	D

			<i>nunca houve assim muitas, ela poderia por vezes não concordar com alguma coisa, aí poderíamos esclarecer com a professora caso tivesse sido ela, a da Prática Pedagógica, tivesse sido ela a sugerir essa alteração não é...</i>	
			<i>...lá está, planificação, fazíamos sempre de uma forma muito geral, por exemplo, íamos aos livros, víamos objectivos gerais, objectivos específicos, mas pronto, acabava por não haver muito aquele apoio de explicar como fazer...</i>	F
			<i>-...eu acho que não é só indo o professor da nossa instituição ver-nos actuar... nem é bem no sentido de nos avaliar, era no sentido de ver como é que nós estávamos, o que é que precisávamos de melhorar, como, a necessidade mesmo de falar na aula, partilhar ideias entre colegas, isso não acontecia muito...porque poderia dedicar esse momento para partilhar com a turma, os alunos até poderiam levar o trabalho planificado se calhar em acetatos, partilhavam com a turma, acho que todos poderíamos aprender com isso...mas acho que se calhar deveria de haver momentos em que se deveria falar da prática....</i>	A
			<i>-...considero importante, (a componente da Prática Pedagógica), acho é que deveria ser feita com parâmetros diferentes....acabávamos por não ter um apoio que se calhar na altura precisávamos...</i>	D

<p>Falta de coordenação entre os métodos de trabalho a supervisora da profª. Prática Pedagógica e dos da professora cooperante</p>	<p>Necessidade em adaptar a planificação às metodologias e os conteúdos exigidos pela professora cooperante</p>	<p><i>...quando nós fomos para a prática pedagógica, para o campo, encontramos lá uma turma já formada em que já tinham métodos de trabalho que supostamente não são os ideais para os dias de hoje, mas nós tivemos que nos adaptar a esses métodos que já estavam adoptados, embora a professora não aceitasse muito bem a nossa forma de trabalhar, mas depois de nós explicarmos que não podíamos alterar, não podíamos chegar à segunda, terça e quarta termos um método de trabalho, quinta e sexta termos outro, não, era impensável não é...?</i></p>	<b>B</b>
		<p><i>-...nós adaptamo-nos à professora cooperante e a professora de práticas pedagógicas adaptou-se a nós, pronto foi assim ..., depois de muita conversa e depois de algumas conversas assim mais acesas com a professora de Prática Pedagógica chegámos à conclusão que aquele era o ideal e não podíamos alterar isso...</i></p>	<b>D</b>
		<p><i>.... nós é que nos temos de encaixar naquela sala de aula, portanto, nós é que nos temos de adaptar às crianças que temos, naquele caso tem de ser também com ao professor cooperante, porque ele é que decide, que sabe o que é melhor...</i></p>	<b>E</b>

			- A professora cooperante dizia-nos com uma semana de antecedência quais os conteúdos que poderíamos desenvolver na semana seguinte, normalmente nós tínhamos uma semana para preparar tudo...	C
			...a professora cooperante não concordava com o método que a nossa professora defendia. A professora cooperante utilizava o método tradicional...portanto, a nossa professora cooperante utilizava o método tradicional, tinha o primeiro ano de escolaridade, ensinava a leitura e escrita apresentando a letra e depois então formavam as sílabas...e a nossa professora da faculdade, de Prática Pedagógica, não queria esse método, e então acabava por não conseguir conciliar muito bem, tínhamos de tentar um lado e o outro, acabava por ser muito complicado, e então tivemos muito poucas intervenções...	F
			-...eu acho que não somos bem preparados aqui, preparados na aula, na prática pedagógica, para aquilo que vamos enfrentar quando, ...por exemplo, aqui fala-se muito, muito, da escola moderna e depois chegamos, por exemplo, a uma escola em que o professor cooperante acha que não é benéfico, não trabalha segundo uma metodologia de trabalho adoptada pelo movimento da escola moderna...portanto, é complicado, porque às vezes há	E

			<i>essa situação, ...o professor (cooperante) acha que não, e diz, desculpe, mas não vai dar a aula dessa forma...</i>	
			<i>-...cá era defendido o método das 28 palavras e lá era defendido o tradicional e acabava por não dar para conciliar, é obvio, e eram poucas actividades que conseguíamos fazer...</i>	F
Deficiências na concretização do estágio	O estagiário deveria estar inserido em todas as actividades da escola para ter uma noção mais correcta da realidade		<i>...por exemplo, eu tenho um familiar meu que neste momento que está a tirar o meu curso, mas está a tirar noutra faculdade e eu acho que a prática pedagógica já funciona duma forma diferente porque além de inicialmente ter o mesmo estágio que eu tinha, 2 horas semanais, tem depois um mês por ano, que está o mês inteiro só na escola, não tem aulas na faculdade, está só a leccionar...</i>	F
			<i>...portanto é o estágio e acaba por ter noção de tudo o que se passa na escola, porque está lá a tempo inteiro e a fazer tudo o que os professores fazem...porque aprende-se a fazer... acho que, acaba por ser um ensino diferente, onde se consegue ter uma noção mais correcta da realidade...</i>	F
	O início do estágio devia ser coincidente com o início do ano lectivo nas escolas para facilitar a		<i>...acho que não deveríamos começar a estagiar no final de Outubro ou início de Novembro, mas sim sempre no início do ano lectivo, porque é crucial, para uma adaptação quer das crianças quer nossa enquanto estagiários...acho que sim,</i>	F

		<p>adaptação de todos à nova situação</p>	<p><i>deveríamos começar mais cedo e ser de uma forma diferente, porque acho que, lá está, acaba por falhar muita coisa...</i></p>	
		<p>O estágio não foi acompanhado de momentos de reflexão</p>	<p><i>...a necessidade que o professor tem de reflectir sobre o seu trabalho...nesse aspecto é uma falha da formação inicial não nos cria momentos para reflectirmos sobre os problemas que encontramos e não nos ajuda a encontrar formas de ultrapassar os problemas ou as dificuldades em concreto...</i></p>	D
			<p><i>...fazer com que a reflexão faça parte já de uma atitude mesmo, que vá para além da realização apenas do nosso trabalho, também na nossa vida, ...quando chego a casa penso não só como correu o meu trabalho ao longo do dia, mas também nas minhas relações pessoais, e depois ver, por exemplo...amanhã já não vou fazer assim, vou tentar doutra maneira...</i></p>	D
			<p><i>...discutíamos muitas vezes os problemas que sentíamos no estágio no caminho para a faculdade ou no bar e pronto...</i></p>	A
			<p><i>...outro aspecto que falhou foi, se calhar, a orientação que nos deram ou o acompanhamento no estágio, que não foi, não quero dizer que não houvesse vontade, deveria haver... não foi um acompanhamento com debate, reflexão sobre as dificuldades que encontrávamos na escola, onde tínhamos já um intervenção com os alunos...</i></p>	C

		<p>Poucas oportunidades dadas aos estagiários para porem à prova capacidades relacionadas com a resolução dos problemas</p>	<p><i>...eu acho que tem de haver um querer da nossa parte, não é...não podemos estar à espera que os professores nos resolvam tudo, se há coisas que no momento surgem é preciso dar a volta de qualquer maneira... há aspectos que dependem muito da capacidade de iniciativa de cada um...até mesmo para o próprio professor...ele deve saber avaliar o seu trabalho, esses aspectos deviam estar mais patentes na formação inicial...</i></p>	<p><b>D</b></p>
			<p><i>...sinto que só intervimos no quarto ano, para mim o terceiro ano, em termos de intervenção não foi muito significativo, foi muito estranho, sinceramente ...éramos capazes de fazer uma ficha ou outra para realizar uma actividade com os alunos, para introduzir um conceito, mas não conseguimos consolidar nada, porque não tínhamos hipótese para isso e lá está...</i></p>	<p><b>F</b></p>
			<p><i>...e acabei por não sentir muito a responsabilidade entre aspas pela turma porque tínhamos sempre a professora cooperante, tinha muitos anos de experiência e aliás, já estava reformada do estado e estava no particular, e tinha muitos anos de experiência, tinha muito à vontade e nós acabamos por ser um bocadinho..., não sei, abafadas, entre aspas... qualquer coisa que acontecia, era quase sempre ela a resolver, portanto nós estávamos muito protegidas, acabávamos por não ter a</i></p>	<p><b>F</b></p>



			<i>autoridade da turma que nos era exigida, ou pretendida neste caso...</i>	
Deficiente acompanhamento por parte da professora cooperante	Muitos momentos com ausência da professora cooperante		<i>...a professora cooperante não era muito presente...fazia apenas o relatório das nossas intervenções... mas estava ausente.....</i>	D
			<i>... nós estivemos muito tempo sozinhos com os meninos, porque entretanto a nossa professora de estágio (professora cooperante) meteu baixa.....entretanto estivemos duas semanas sozinhas a assegurar a turma...</i>	C
			<i>...nós tínhamos praticamente a turma por nossa conta, e portanto a professora também ficou grávida e a turma estava entregue a nós... não chegou a haver substituição...</i>	D
			<i>-...de início orientava-nos, quer para prepararmos as aulas quer no que achava que devíamos fazer, falando também do que tínhamos feito...mas depois quase que nos entregou a turma...tipo eu estou aqui mas, ... não era muito presente... (A profª cooperante) fazia apenas o relatório das nossas intervenções mas estava ausente...</i>	D
			<i>-...também porque muitas vezes os professores cooperantes querem é fazer o trabalho e quanto mais concentradas estiverem mais depressa conseguem despachar que é mesmo assim e não nos deixam também estar tão envolvidas...</i>	D

		Professora cooperante com falta de experiência de ensino	<i>... depois veio outra professora cooperante, que era o seu primeiro ano de serviço também ficou completamente em pânico, quando viu aquela turma... era uma turma de primeiro ano, ... o resto era muito pior, mas aquela já era tão má, ...</i>	<b>D</b>
Deficiente acompanhamento por parte da supervisora da Prática Pedagógica	Desconhecimento da realidade e dos problemas		<i>...a professora de Prática Pedagógica está alheada da realidade há não sei quantos anos, ela não conhece a realidade docente...</i>	<b>A</b>
			<i>...acho que nós tivemos professores de Prática Pedagógica que já não deviam estar no activo há muito tempo. Já há dez anos ou há quinze anos que não davam aulas no primeiro ciclo... porque realmente nós às vezes ouvimos coisas a nível... às vezes conselhos que nos davam e que não nos serviam de nada. E nós pensávamos e comentávamos, esta professora com a turma da ..., dava em doida, por exemplo. "é o cúmulo", disse isto várias vezes, ...</i>	<b>A</b>
			<i>...e acho, não sei se isto é possível sequer, mas acho que os orientadores da prática pedagógica (da instituição de formação inicial) deviam estar no activo, a darem aulas no primeiro ciclo...é o que eu lhe estou a dizer, não sei se é possível coordenar as coisas sequer, é a minha opinião...</i>	<b>D</b>

			<i>...até que ponto é que não seria benéfico termos professores do primeiro ciclo, a darem-nos as aulas de Prática Pedagógica?... não quer dizer que tivéssemos estágio com ela, atenção..., podíamos fazer estágio com outro professor qualquer...</i>	<b>D</b>
		Com poucas observações	<i>...a não ser na única observação que a professora fez... só fez uma mesmo... aí já houve um feedback também da professora das práticas pedagógicas...</i>	<b>F</b>
			<i>...por exemplo, era preciso ... sabíamos que amanhã podíamos ter uma aula com observação, íamos ser observados, que a professora iria estar presente iria avaliar e depois, isso não acontecia, e para quem está na formação inicial, em que a pessoa dá tudo e quer dar o máximo...depois não aparecer?! É uma desilusão...e depois em termos de avaliação as pessoas depois tinham uma nota mas nem sabiam como é que tinham tido essa nota...</i>	<b>D</b>
			<i>...acho que foi importante, acho que nos ajudou, mas lá está, pronto,... eu acho que fomos um bocado abandonados nesse eu pelo menos, senti-me um bocadinho abandonada...</i>	<b>B</b>
			<i>...portanto penso que também terá a ver com a postura da nossa professora de prática pedagógica, porque acabava por...penso que tem, na minha opinião um papel muito importante e acho que nós aqui não tínhamos o apoio. falo um bocadinho por mim</i>	<b>F</b>

			<i>que precisávamos ou que achávamos necessário e acabávamos por ter de fazer tudo, entre aspas, por nós e havia coisas que corriam melhor e outras que corriam pior...</i>	
Efeitos negativos da avaliação do estágio	Provocou um clima de competitividade entre colegas		<i>...eu sentia no meu grupo de colegas que parecia que estávamos aqui numa competição, a ver quem é que tem a melhor nota, ...eu também tinha uma boa relação com a professora de Prática Pedagógica e gosto imenso dela, embora não concorde com algumas coisas não é?... mas gosto dela, e depois isso também fez criar... criou por vezes mau ambiente com as minhas colegas e depois uma pessoa cria determinadas... defesas mas ... não me abria tanto não é, e eu senti que quando fui para começar a trabalhar não me abri também...</i>	<b>D</b>
	Desenvolveu nos alunos mecanismos de defesa		<i>...por exemplo nós consideramos a avaliação como uma forma de nos expormos e há aqui aspectos de sobrevivência que se desenvolvem mesmo que consideremos os momentos de auto-avaliação como momentos de reflexão, ...porque achávamos que não podíamos mostrar a nossa parte fraca...que éramos penalizados quer pela professora cooperante quer pela da prática pelo que fazíamos mal, por isso tentávamos não nos expormos, e não é isso que eu agora entendo que deva ser a reflexão, é pensar no que está mal não para avaliar mas tentar fazer melhor...</i>	<b>D</b>

			<i>...acho que a atitude que deveria ser tomada era de nos por à vontade para colocarmos as dificuldades sem estarmos com receio que isso iria ser utilizado no sentido da nossa avaliação...cria esse tal espírito de defesa...não quer dizer que se tivéssemos alguma coisa não fossemos perguntar mas...evitávamos porque queríamos mostrar que estávamos seguras...para acabar o curso sem grandes problemas...</i>	<b>D</b>
	Curso excessivamente teórico	Falta de ligação entre a teoria e a prática	<i>- ..primeiro, o curso é um muito teórico...se calhar, interessaria ser mais prático em algumas disciplinas acho que por vezes os problemas que apareciam deveriam ter sido ser debatidos...deveria haver um espaço para isso, mas lá está, há um programa a cumprir, não é? E há um horário limitado semanal. E o tempo não chega para tudo, também entendo isso perfeitamente...</i>	<b>A</b>
			<i>-...nós fizemos aqui imensas coisas, aprendemos muito, mas depois se formos interligar as coisas, se calhar não há, não houve, o consenso...ou não nos deixou tão claro as ideias, como pensava, como esperava...o que eu senti foi que eu é que tive que nesse primeiro ano ir à procura de como é que eu me iria desenrascar...</i>	<b>D</b>

		O curso devia estar mais ligado ao ensino	<i>... acho que um curso que é de ensino acho que deveria estar ligado directamente ao ensino, formas novas de se dar a matéria, acho que deveria ser directamente direccionado ao ensino e acaba por não ser, porque é muito teórico...</i>	F
			<i>...a teoria é muito bonita, é muito importante, dá-nos bases...mas a prática também é muito importante...e é isso que eu acho...o curso é muito teórico....deveria ser mais prático...</i>	B
			<i>... o que era importante para mim era partir para a prática, termos noção do que é que era a prática, pormo-nos a trabalhar na prática ...não nos mostrar decretos-lei porque infelizmente quando vamos para a nossa vida não partimos de decretos-lei, podemos fazer referênci a um ou outro mas não é relevante...</i>	C
			<i>...fala-se muito da escola moderna, aqui nesta faculdade, acho que isso é muito importante, e eu também concordo, eu aliás, faço os possíveis para conseguir ir de encontro ao movimento da escola moderna, mas é tudo falado ao nível teórico e como se faz, que tempo temos para experimentar... fazer isso tudo...</i>	E
			<i>...eu acho que, lá está, o nosso curso acaba por ser muito teórico e o que nós precisamos na prática é daquelas coisinhas básicas que temos de fazer ao longo do dia a dia e que acaba por ser esquecido a nível de formação, porque se calhar também</i>	F

			<i>lá está, para quem nos dá formação são coisas tão básicas que nunca pensam que nós no início em que começamos a trabalhar vamos sentir essas dificuldades...</i>	
			<i>... eu penso que o nosso curso é muito teórico, e acho que aprendemos muita coisa que não nos vai servir para absolutamente nada... eu notei é que as disciplinas, muitas delas, algumas tiveram interesse, mas houve algumas que não... não tiveram muito interesse porque eram muito teóricas...</i>	<b>F</b>
			<i>...até que ponto nessa Organização e Administração Escolar, se calhar, em vez de estarem a falar da história da administração, que não era só escolar, era história da administração em si...todas aquelas teorias e tudo isso, até que ponto não seria mais importante pegar nos aspectos práticos e trabalhar esses aspectos práticos...?</i>	<b>A</b>
			<i>...eu achei os primeiros anos demasiados teóricos, perdeu-se muito tempo em coisas que não... não quero dizer que não valessem a pena, mas senti que para não nos prepara para o terceiro e quarto ano, ... e o que nós teríamos que aprender deveria ser para depois podermos ir para o estágio, para intervirmos já numa turma real, e trabalhar já com os casos em concreto, não se trabalhou tanto tendo em conta este aspecto que é o mais importante...</i>	<b>E</b>

			<i>...eu senti o curso todo muito teórico...há coisas que são abordadas que não são essenciais, há outras que são muito importantes...</i>	<b>E</b>
Falta de preparação para as inovações curriculares	A área de projecto teve uma abordagem muito teórica		<i>... como já referi em relação aos projectos curriculares, em que tivemos uma cadeira específica,... foi-nos dada muita matéria, e tivemos que fazer alguns trabalhos sobre isso mas aquilo que realmente era importante falhou e é isso que eu acho, que em alguns casos falha...</i>	<b>B</b>
			<i>...o projecto curricular de turma... quando saí aqui da faculdade não sabia fazer, portanto tive de aprender tudo. São este tipo de coisas que acho que era importante fazer na escola mesmo ao nível do estágio ...</i>	<b>E</b>
			<i>...depois, os projectos da escola também foram abordados mas a nível teórico...</i>	<b>C</b>
			<i>...foi bastante abordado teoricamente mas...na prática... é mais complicado, ... nós demos muito a parte teórica e também tivemos uma disciplina, uma cadeira,... não, foi no seminário (de Projecto)...</i>	<b>D</b>
			<i>- ...nos projectos também, é assim, aqui também nos foi mostrado muita teoria do que era o projecto, de como é que se fazia, mas propor fazermos um projecto, nunca nos foi proposto...</i>	<b>C</b>



		Não foram tratados aspectos relacionados com estudo acompanhado e formação cívica...	<i>-...nós a nível de faculdade trabalhamos a Língua Portuguesa, a Matemática e o Estudo do Meio, mas quando começamos a leccionar temos de incluir a Área de Projecto, o estudo acompanhado, a formação cívica, que nunca foram tratadas aqui na faculdade, nunca foi tratado aqui...</i>	F
Conteúdos das disciplinas desadequados do ensino	Os conteúdos de algumas disciplinas não estão relacionados com os conteúdos para o ensino		<i>-...eu acho que nesta instituição o currículo está extremamente bem elaborado, mas tem algumas falhas, ...que é assim as disciplinas estão no currículo, os conteúdos é que não estão adequados..., mas isso não parte da instituição, acho que parte do docente que as lecciona ...</i>	C
			<i>- ...sinto alguma falta de conhecimentos, vá lá, administrativo-pedagógicos. ...nós tivemos Organização e Administração Escolar, penso que era assim que se chamava, mas aquilo era mais uma história da organização e administração escolar ao longo dos tempos...</i>	A
			<i>...acho que o docente tem que preparar os conteúdos que acha que são mais relevantes para a cadeira...e é isso que eu acho... as cadeiras aqui no currículo estão todas...o conteúdo das disciplinas propriamente dito é que, em algumas, deixa alguma coisa a desejar eu senti isto ...</i>	C

		<p><i>...História de Portugal, o que demos acho que não tem nada a ver, também falamos daquilo que vamos abordar no quarto ano, mas é dito de uma forma completamente diferente, foi dado História como uma cadeira de História, que não tem nada a ver com ensino de primeiro ciclo, porque já que nós somos de primeiro ciclo, já que os professores são divididos entre primeiro ciclo e segundo ciclo e terceiro ciclo, acho cada um deveria trabalhar principalmente sobre aquilo que fala...</i></p>	<b>F</b>
		<p><i>... eu tive Metodologia de Estudo do Meio, e eu não aprendi nada de metodologia de estudo do meio, eu aprendi correntes educacionais. O que é que isso contribuiu para as minhas aulas de estudo do meio actualmente tenho que preparar? Não contribuiu em nada. A verdade é essa. Tudo bem que aprendi correntes educacionais, ok, mas até que ponto é que isso nos interessa no dia a dia? Mesmo no dia a dia, na prática...?</i></p>	<b>B</b>
		<p><i>...houve muita coisa que aprendemos...métodos quantitativos, sei lá...se for do ponto vista de aquisição de conhecimento, está bem, mas houve coisas, como essa dos métodos quantitativos e que depois voltámos a repetir aqui e que...eu acho que era mais importante aprender técnicas para ensinar os conteúdos do programa que temos que trabalhar, sei lá...</i></p>	<b>D</b>

			<i>...por exemplo, Desenvolvimento Curricular supostamente era para aprendermos a fazer planificações, que acabámos por repetir no terceiro ano, quando nos ensinaram a fazer planificações e que não tinha nada a ver com planificações que tínhamos feito antes, portanto acaba por não ter uma ligação que deveria ter... Nós conseguíamos fazer as planificações...mas não havia interligação, portanto os professores eram diferentes, não havia interligação. Nós podíamos dar uma coisa de uma forma, utilizando uma metodologia, mas depois tínhamos de fazer outra coisa...</i>	F
	Metodologias de ensino e didácticas pouco trabalhadas ao longo do curso	Falta de preparação para diversificar técnicas e métodos de ensino	<i>...na matemática, eu acho que tivemos tão pouco tempo para a metodologia da matemática, tão pouco, foi abordado tão pouco, ou quase nada, tivemos um semestre que nós tivemos com uma professora que deu jogos para ajudar-nos no ensino da matemática e, deu assim algumas coisas para desenvolvermos actividades com os alunos, para introduzir o conceito de quantidade às crianças, mas, também, foi muito pouco, o programa de matemática para o 1º ciclo pouco, ou nada foi abordado, durante as aulas...</i>	E
			<i>... por exemplo, o inglês, tivemos inglês que supostamente seria para ensinar inglês, mas foi um semestre em que acabámos por não ter tempo para praticamente nada...</i>	F

		<p><i>...acho que apesar de termos tido Metodologia do Estudo do Meio, Metodologia da Matemática e Metodologia da Língua Portuguesa, acabou por ser uma coisa muito básica, muito geral, porque também não tínhamos tempo para isso, porque como eu acabei de dizer as metodologias, por norma eram um semestre, portanto passava muita coisa à parte...</i></p>	F
		<p><i>-...não há continuidade, por isso o que se aprende é também muito teórico sem tempo para vermos como podemos aplicar na prática, aliás todas as metodologias, foram sempre de um semestre, acho que seriam as disciplinas que deveriam ser mais trabalhadas, porque, por exemplo, tivemos metodologias da matemática um semestre, portanto acabámos por aprender muito pouca coisa, enquanto que havia coisas que eram bastante interessantes desde que fossem exploradas, mas que não eram porque não havia tempo para isso, ...</i></p>	D
		<p><i>...faltou-me passar pela experiência de ensino ao nível do primeiro ano em que vamos ensinar a ler e a escrever e para nós é muito complicado, será que vão aprender a ler, será que não vão, será que sabem, será que não sabem...</i></p>	F
		<p><i>...perante esta matéria, como trabalhá-la com os alunos, como motivar os alunos para determinada matéria...</i></p>	E

			<p><i>...aquelas competências que deveriam ser trabalhadas tendo em conta a aprendizagem dos alunos, não foram, acabaram por ser muito em geral, acabávamos por falar planificações em todo o lado, em todas as metodologias e em toda a Prática Pedagógica</i></p> <p><i>...cada grupo trabalhava o que ia dar naquela semana, mas lá está, tirávamos os objectivos específicos e pronto, não tínhamos, acabávamos por não trabalhar a fundo as coisas...</i></p>	F
			<p><i>...acho que as cadeiras que nos poderiam ensinar alguma coisa eram muito pequeninas, eram um semestre normalmente... uma das coisas que nós professores temos de dar são as expressões... nós, acho que tivemos uma boa expressão plástica na faculdade, mas lá está, um semestre, tudo o que tinha a ver com metodologias era um semestre ...</i></p>	F
			<p><i>...olhe outra, Educação artística também acho que tem uma falha, tivemos uma ótima professora mas foi só um semestre, eu acho que devia ser os quatro anos, pronto, nem que fosse um semestre em cada ano para, uma pessoa estar mais preparada nessa área...</i></p>	E
			<p><i>...lá está, nós quando chegamos ao ensino é que reparamos nas dificuldades que temos e acho que há certas coisas que...se prendem com as metodologias e a didáctica...</i></p>	F

			<p>- ... a disciplina de Metodologia da Leitura e da Escrita, eu acho que foi muito fraca, muito fraca. Como o professor era adepto do método das 28 palavras, então dá-se especificamente o método das 28 palavras. Fala-se que existe o método natural, mas era tudo sobre o método das 28 palavras. Um semestre inteiro de método das 28 palavras. Até que ponto é que isto está adaptado à realidade, vamos lá a ver...até que ponto nós não tivemos necessidade de ouvir outras coisas? Tudo bem, a professora pode ter a opinião que aquele é o melhor, mas até que ponto não tem de dar a conhecer outros métodos ...?</p>	A
			<p>...eu agora comecei com o segundo ano, eu acho que devia ter um bocadinho mais de bases em relação, por exemplo, a técnicas para saber trabalhar com os alunos para não darem tantos</p>	B
			<p>erros... esse tipo de coisas que nós não falamos na nossa formação...não sei se era suposto falar, mas senti um bocadinho mais de dificuldades...</p>	
			<p>...e em relação ao Estudo do Meio, que é uma área curricular, nem sequer foi falado nada acerca de actividades para trabalhar nesta área...</p>	B

			<i>...mais a nível das didácticas das disciplinas relacionadas com os quatro anos de escolaridade...aí é que encontro a grande falha...cada ano que leccionar vai ser tudo novo para mim ...de técnicas...é, sinto que não trabalhamos muito isso...</i>	<b>D</b>
			<i>...porque depois nós acabamos por ter essa dificuldade a nível do ensino, com novas formas, novas técnicas para trabalharmos os conteúdos das disciplinas do currículo...</i>	<b>F</b>
			<i>... mas sobretudo técnicas, métodos, actividades diversas para trabalhar com as crianças...</i>	<b>D</b>
		As metodologias da Educação Física e Musical não foram abordadas	<i>...Na área da educação física nada, porque não tivemos preparação e nos documentos legislativos sobre o perfil de competências do professor do 1º ciclo, são referidas, competências a este nível, e não tenho ideia nenhuma,.. nos colégios lá está, têm um professor para educação física por isso eu não sinto dificuldade nenhuma, mas, aí a formação foi nula, em Educação Física....</i>	<b>E</b>
			<i>...Educação Musical nunca tivemos, lá está neste momento temos professores no colégio que dão e que acabamos por não ter de dar, mas eu sei que se for para o estado, tenho de dar. Educação Física e Educação Musical não estão minimamente</i>	<b>F</b>

			<i>preparadas, tenho plena consciência disso, nem nunca falei disso na faculdade.....por exemplo, Educação Física nunca tivemos...</i>	
		A área das tecnologias da Informação não foi abordada numa perspectiva de recurso para o ensino e aprendizagem	<i>...nós tivemos Tecnologias da Informação e Comunicação no primeiro ano, em que a faculdade tinha mudado de instalações e acho que houve um assalto à faculdade que os computadores acabaram por desaparecer e então as tecnologias da informação foram teóricas e não práticas, deviam ter sido a trabalhar no computador...mas acabávamos por não praticar nada, acabamos por, lá está, temos a teoria toda, mas a prática funciona de uma forma diferente...</i>	F
			<i>...nós só tínhamos que fazer os trabalhos em computador ou organizar uma aula utilizando as tecnologias para apresentar a matéria que queríamos introduzir...nesse aspecto sim...</i>	D
		A disciplina de Necessidades Educativas Especiais muito teórica	<i>...no curso também tivemos uma cadeira em que falámos nas diversas doenças que havia e nos sintomas das doenças, mas não falamos absolutamente mais nada, acabámos por não ter, ... é tudo muito teórico, acabamos depois por não ter noção do que é que podemos fazer... muitas vezes são muito difíceis de nós as analisarmos e trabalhar na sala de aula com o grupo de alunos...</i>	F



			<p><i>...e depois temos necessidades educativas especiais profundas, e para isso aí não temos qualquer tipo de preparação. Porque quando são problemas comportamentais, problemas de dificuldades de aprendizagem, tudo bem, não é?...nós aí estamos ainda minimamente preparados, nem que seja por uma questão de senso comum conseguimos lidar com a situação...</i></p>	<b>A</b>
			<p><i>...na Prática Pedagógica esses problemas devem ser logo colocados e ajudarem-nos a resolvê-los com a professora de necessidades educativas especiais...</i></p>	<b>C</b>
			<p><i>...uma disciplina de necessidades educativas especiais, com estudos de caso mais aprofundados, se calhar teria melhor resultado, em vez de ser aquele semestre que fiz...que aquilo que eu fiz nessa disciplina foi tudo muito teórico, muito, muito teórico...</i></p>	<b>B</b>
			<p><i>...Necessidades Específicas Especiais, ...se estivesse numa escola como sei que há muitas, em que o ambiente de trabalho é muito complicado, para os professores acaba por ser muito complicado resolver tudo se não têm apoio de lado nenhum...</i></p>	<b>F</b>
			<p><i>...cada criança é uma criança, cada criança tem os seus problemas, as crianças não são todas iguais, e nós aqui somos levados, ou aprendemos a lidar, como se as crianças fossem todas iguais...aqui não nos é explicado que as verdadeiras</i></p>	<b>E</b>

			<i>dificuldades que hoje existem nas escolas, e eu já nem estou a falar de problemas que existem nas escolas públicas com, ...com os problemas sociais e por aí fora...estou a falar mesmo já de problemas concretos, como dislexia, problemas que provocam dificuldades de aprendizagem vários...e com os quais não sentia ter tido preparação para lidar...</i>	
--	--	--	---	--

## ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS PROFESSORAS PRINCIPIANTES

**TEMA –** Perspectivas de desenvolvimento profissional futuro em articulação com a formação

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	Professores Principiantes
Realização de Mestrado ou pós graduação em	Administração e gestão escolar	Associados a aspectos práticos de administração escolar e da organização de projectos	<p><i>...já pensei em fazer esse mestrado...se calhar porque sinto necessidade, a nível da organização e administração escolar ou se calhar porque gosto mesmo...porque gosto realmente de organizar coisas, de gerir papeis, coisas que geralmente ninguém gosta, eu gosto de fazer. O nosso projecto curricular de escola ficou completamente a meu cargo, porque disse "eu não me importo de fazer"...e ninguém gosta de fazer esse tipo de coisas, eu, curiosamente, gosto...</i></p>	A
			<p><i>- ...o que eu sinto necessidade de fazer seria uma formação ao nível das necessidades educativas especiais. Mas não uma formação de um dia, uma formação mesmo. ...A faculdade teve aqui uma formação de um dia, num sábado, o dia inteiro,</i></p>	A

			<i>sobre necessidades educativas especiais. Agora até que ponto é que seis horas de formação me vão trazer algo de novo relativamente a um semestre de necessidades educativas especiais, que tive durante a minha licenciatura? Uma formação mesmo a nível de necessidades educativas especiais, com estudos de caso concretos, com partilha de experiências...</i>	
	Necessidades Educativas Especiais	Para saber diagnosticar e fazer acompanhamento mais especializado de casos	<i>...eu própria também estou a tirar a pós-graduação aqui na faculdade...era uma área que senti que de todo a formação inicial não me tinha preparado e eu senti que perante um caso específico de acompanhamento mais especializado, ou até mesmo para saber diagnosticar o problema, não estava preparada...</i>	<b>E</b>
			<i>... estou a falar mesmo já de problemas concretos, como dislexia, problemas que provocam dificuldades de aprendizagem vários...e com os quais não sentia ter tido preparação para lidar, daí eu estar a tirar a pós-graduação aqui na faculdade...em Necessidades Educativas Especiais...</i>	<b>D</b>

			<i>-...uma que escolho sempre é tudo o que tenha a ver com necessidades educativas especiais...e então por isso, estou a tirar uma pós-graduação...</i>	<b>F</b>
	Educação Artística	Para organizar as actividades com mais criatividade	<i>...uma que eu gostava imenso era educação artística, se houvesse eu tirava uma pós-graduação ou, ou um curso que houvesse, porque gostava mesmo, ... para não tornar as aulas monótonas, não é, eu gosto muito de variar as minhas aulas...</i>	<b>E</b>
	Psicologia Infantil	Relacionados com aspectos do desenvolvimento físico e cognitivo e porque a psicologia dá uma visão mais ampla dos problemas	<i>- ...já pensei em fazer o mestrado, ...as minhas escolhas dirigiam-se mais para os domínios da psicologia, psicologia infantil, que acho que abarca vários temas, Necessidades Educativas Especiais, desenvolvimento da criança, portanto aí abarca vários temas...</i>	<b>A</b>
			<i>...pensei na área da psicologia, porque acho que a psicologia nos dá uma visão mais alargada, mais ampla. Se calhar envolveria mais aspectos, de desenvolvimento físico, psicológico, necessidades educativas especiais, várias coisas...</i>	<b>A</b>
	Supervisão pedagógica	Para valorização pessoal e continuar a sua formação, adquirir currículo	<i>...eu este ano já me inscrevi aqui numa formação em supervisão pedagógica e de formação de formadores porque é importante para uma pessoa</i>	<b>D</b>

			<i>continuar a aprender...continuar a sua formação... do ponto de vista do enriquecimento da minha formação, gostaria de, ... inscrevi-me nesta pós-graduação mais para valorização pessoal, para adquirir currículo, mesmo sabendo que não vai ter uma aplicação directa no exercício da minha função, como docente.....para ver onde é que houve falhas...se tinha sido bem orientada...</i>	
Realização de cursos de Formação Contínua em	Didáctica da Língua Portuguesa	Relacionada com a aprendizagem da leitura e escrita	<i>... outra, talvez uma formação ao nível da escrita criativa, alguma coisa relacionada com língua portuguesa, relacionada com aprendizagem da leitura e da escrita, alguma coisa assim, alguma coisa desse estilo</i>	<b>A</b>
			<i>-...se calhar ia mais para a didáctica da língua portuguesa...pelas dificuldades que disse atrás e que se me colocam quando tenho que preparar as actividades com os alunos...</i>	<b>B</b>
			<i>...aprofundar técnicas de ensino... didácticas, metodologias, seja qual for a área curricular...para poder trabalhar...</i>	<b>D</b>

	Gestão de Sala de Aula	Ao nível da diversificação das actividades e estratégias de aprendizagem	- Também se torna um pouco complicado para nós conseguirmos gerir uma turma e depois ter um ou dois alunos com necessidades educativas especiais, e trabalhar com esses alunos com um ensino mais dirigido para eles, com tudo isso...	A
			...Eu gosto muito de variar as minhas aulas, mas pronto, tenho de andar sempre à procura, a estudar outras formas de diversificar as actividades... e se houvesse uma oportunidade, escolhia...	E
	Necessidades Educativas Especiais	Ao nível da deficiência	...desenvolveria, (uma acção de Formação) sem sombra de dúvidas de necessidades educativas especiais... e também porque eu tinha tido uma turma, durante o estágio, tinha tido uma turma em que tínhamos um aluno com o síndrome de down e logo aí percebemos o que é que era na realidade ter um aluno com necessidades educativas graves dentro da sala...	C
			... uma acção de formação sobre dislexia, e sempre que aparece alguma coisa sobre algumas dificuldades tento sempre tirar porque, lá está, é o	F

			<i>nosso papel dificuldades de aprendizagem, necessidades educativas especiais, acabam por ser coisas que nos dizem muito respeito, porque tudo o que se possa fazer é muito bom para tentar melhorar e conseguir fazer um bom trabalho...</i>	
		Aquisição e aprofundamento de conhecimentos relacionados com problemas de aprendizagem	<i>...quando lidamos realmente com problemas profundos não sabemos, não sabemos realmente, não tivemos formação, mas lá está, isso tudo vem da tal formação contínua que nós temos que fazer, com professores...</i>	A
	Trabalho de Projecto	Elaboração de projectos curriculares de turma	<i>-...a outra era sem sombra de dúvida os projectos curriculares de turma e tudo o que daí advém, porque acho que ainda hoje, e depois de lidar com estes problemas do dia a dia, percebo que ainda não me sinto à vontade...</i>	C
	Novas tecnologias	Para trabalhar com os alunos utilizando jogos didácticos e actividades de pesquisa na Internet	<i>. -...acho muito importantes são as novas tecnologias porque acho que são muito importantes para eles para os alunos. Nós temos no colégio Informática que é dado por uma empresa exterior e notamos, portanto eles gostam muito de passar um texto a computador é muito melhor do que passar um texto à mão...</i>	F



			<i>... há jogos didácticos neste momento muito bons, a própria pesquisa na Internet, nós temos trabalhado muito... lá está seria outra das acções que eu iria frequentar...</i>	<b>F</b>
Participação em grupos de Investigação – acção na escola	Formação de equipas na escola com o apoio da faculdade	Para a resolução dos problemas resultantes da acção na prática	<i>...se calhar precisaríamos de mais apoio, não só a nível da faculdade, a nível teórico e prático na faculdade, mas também dentro das próprias escolas... também não sei até que ponto poderia ter sido a faculdade a dar-me aquela preparação, porque isto é uma preparação que nos vem com a experiência, com o lidar com a situação...</i>	<b>A</b>

## **ANEXO F**

TEM A	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPIANTES
Avaliação da experiência não lectiva vivida no primeiro ano de serviço	Razões que contribuíram para um balanço positivo	As boas condições de trabalho nas instituições privadas	Maior facilidade em lidar com as famílias e os alunos das instituições privadas	D, E
			Ter evitado enfrentar situações sociais difíceis em escolas públicas	C, D, E
			Recear experimentar conhecer outros contextos	D
			Não estar interessada em concorrer para uma instituição pública	C
		O trabalho numa instituição já conhecida	Nas instituições de ensino privado há condições para preparar melhor os alunos	E
		O resultado positivo do trabalho realizado	Foi produtivo e pôs à prova capacidades pessoais e profissionais	A, B, C, D, E, F
			Poder acompanhar os alunos ao longo do 1º ciclo de escolaridade	A, B
			Grupo de alunos pequeno permitindo a realização de um trabalho mais eficaz	A, F
		As características dos alunos	Gostar especialmente dos alunos mais novos	E
			A boa relação pedagógica com os alunos	C, E
			Alunos educados e motivados para a aprendizagem	A
		A boa relação com os encarregados de Educação	Interessados pelo acompanhamento da aprendizagem dos filhos e pelo trabalho do professor	A, B
			Satisfeitos pelo trabalho realizado	C, D, E, F

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPANTES
Avaliação da experiência lectiva vivida no 1º ano de serviço	Razões que contribuíram para um balanço positivo	A boa relação com os colegas	Muito apoio por parte dos colegas mais experientes	A, B, D, F
			Clima entre colegas muito bom e aberto	A, B, C, E
			O apoio dos colegas e um bom clima relacional são decisivos para enfrentar o 1º ano de profissão	F
		A boa relação com a direcção da escola	Apoio e orientação da directora pedagógica	A
			Conhecimento mútuo e reconhecimento por parte da direcção pelo trabalho desenvolvido anteriormente	A
			Sentimentos de Insegurança e ansiedade aliados à sensação de falta de preparação	Não se sentir preparada para trabalhar com os primeiros anos de escolaridade
	Número elevado de alunos	C		
	Receio de manifestar incompetência perante os pares	D, F		
	Atitude de isolamento	D		
	Razões que contribuíram para um balanço negativo	A má relação com a direcção da instituição	Devida à atitude de desconfiança pelo trabalho dos professores mais novos	E
			Devida à interferência feita no trabalho realizado pelos professores	E
		A dificuldade de relação com um encarregado de educação	Falta de consenso entre o encarregado de educação, a professora e a instituição quanto à forma de tratamento do problema do educando	F
	Dificuldades para lidar com situações de indisciplina	Problemas comportamentais dos alunos	A, F	

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPANTES
Avaliação da experiência lectiva vivida no primeiro ano de serviço	Razões que contribuíram para um balanço negativo	Dificuldades relacionadas com aspectos pedagógicos e da didáctica das disciplinas	Dificuldades na utilização práticas de ensino inovadores para trabalhar os conteúdos disciplinares	B, C, D
			Dificuldades em utilizar as tecnologias como recurso à aprendizagem	F
			Dificuldades relacionadas com a avaliação da aprendizagem dos alunos	F
		Dificuldades na elaboração e gestão de projectos	Dificuldade em transpor para a prática a teoria adquirida na formação inicial sobre projectos	B
			Desconhecimento da necessidade de elaboração do projecto curricular de turma	A, C, D, F
		Aspectos relacionados com administração e gestão escolar	Dificuldades no preenchimento do livro de registos de faltas	C
			Dificuldades na elaboração dos processos individuais dos alunos	F
			Dificuldades na realização e preenchimento do registo de avaliação dos alunos	F
			Dificuldades na elaboração de actas	F
		Dificuldades nas áreas curriculares não disciplinares	Estudo acompanhado e formação cívica	A, F
		Dificuldades de gestão de tempo	Para preparação das aulas	A
			Para trabalhar com os alunos	D

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPANTES
Avaliação da experiência lectiva vivida no primeiro ano de serviço	Estratégias utilizadas para ultrapassar as dificuldades encontradas	Recurso a Psicólogos	Da própria instituição, para ajudar a resolver problemas de aprendizagem e disciplinares dos alunos	A, B
			Fora da instituição, para ajudar na resolução de problemas mais graves	F
		Recurso aos colegas da instituição	Através de conversas informais de café, no intervalo, na hora da refeição	A, B, C, F
			Colocando dúvidas e trocando ideias	B, D, E
			Partilhando experiências profissionais	A, B, C
			Para debater aspectos relacionados com a didáctica das disciplinas	C
		Reuniões formais de professores e de coordenação de ciclo		F
		Recurso a outros colegas	Para relembrar momentos vividos de trabalho em conjunto e debater dúvidas	C, D
		Recurso à instituição de formação inicial	Para obter informação sobre um problema relacionado com necessidade educativas especiais	C
		Recurso à professora cooperante	Para tirar dúvidas	B
		Recurso a publicações	Para obter mais informação relacionada com a área de projecto curricular de turma	A, B, F
			Para ter ideias e organizar actividades diferentes	E, F
		Recurso à Internet	Para procurar jogos e actividades que motivem os alunos para a aprendizagem	D
		Recurso a professora de apoio pedagógico da instituição de trabalho	Para apoiar alunos com dificuldades de aprendizagem ao nível da língua portuguesa	D

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPIANTES
Avaliação de experiências docentes não lectivas desempenhadas no 1º ano de carreira	Professora cooperante		Levar os estagiários a participarem em actividades em que também teve dificuldades quando iniciou funções como professora	C
			Marcar faltas no registo de frequência	C
			Participar das reuniões com os encarregados de educação	C
			Participação em actividades extra - escolares	C
			Participação em reuniões com os outros docentes	C
	Coordenadora do 1º ciclo	Motivos que levaram ao desempenho do cargo	Ausência da coordenadora a meio do ano lectivo	D
			Solicitação por parte da direcção da instituição escolar	D
		Dificuldades encontradas	Na realização de relatórios e no cumprimento de prazos	D
		Formas encontradas para ultrapassar as dificuldades	Recurso a outras coordenadoras com experiência no desempenho da mesma função	D
		A mais valia retirada do exercício dessas funções	Aprender aspectos relacionados com o exercício de outras funções e coordená-las com a função docente	D
			Aprender a relacionar-se com os pares melhorando o relacionamento inter pessoal	D
			Melhor aceitação por parte dos pares	D
	Responsável pela biblioteca e pela Internet	Actividades desenvolvidas	Organização de livros e de horários de funcionamento para cada turma	F
		Valor da experiência anterior	A experiência anterior (em ATL) facilitou o desempenho do cargo	F

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPANTES
A Avaliação da Formação Inicial feita pelos Professores Princiinantes	Aspectos positivos da formação inicial	O estágio	Para tomar conhecimento de dificuldades encontradas na realidade profissional	A, B
			Para pôr à prova as motivações para a docência	A, B, E
			Para enfrentar melhor o primeiro ano de carreira	B, D
		O trabalho realizado em algumas das metodologias de ensino	A metodologia da matemática foi boa porque teve exemplos práticos destinados ao nível de ensino para que os formandos estavam a ser preparados	A, B, E
			A metodologia das Ciências foi bem organizada ao nível dos conteúdos trabalhados, e as actividades estavam relacionadas com os conteúdos curriculares do 1º ciclo	E, F
		O bom acompanhamento da professora de matemática junto dos estagiários	Disponível para acompanhar as intervenções dos seus formandos, deslocando-se à escola de estágio	A, B
		O bom acompanhamento da professora	Com aconselhamento e apoio nas intervenções	C, D, F
		O bom acompanhamento da Supervisora da Prática Pedagógica	Observações regulares acompanhadas de reflexão e debate	C
		A boa base teórica obtida ao longo do curso	Ao nível da orientação bibliográfica	C
			Aspectos da cidadania bem abordados	D
			O contacto com diferentes instrumentos de avaliação apresentados nas aulas de Prática Pedagógica	A, D



TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPIANTES
A Avaliação da Formação Inicial feita pelos Professores Principiantes	Críticas à formação inicial	Deficiências na preparação para a intervenção no estágio	Prática Pedagógica muito teórica e centrada na planificação de cada grupo	A, C, F
			Poucos momentos para esclarecer dúvidas e debater diferentes formas de organizar actividades e novas estratégias de trabalho	A, C, F
		Deficiências apontadas à metodologia da Prática Pedagógica	As observações nos primeiros anos baseada apenas na caracterização da instituição, não abordando as questões pedagógicas	F
			Pouco tempo atribuído à observação de situações educacionais e à intervenção	E, F
			As áreas curriculares do 1º ciclo e a gestão do currículo pouco trabalhados	E
			Excessiva teorização da formação sobre a avaliação	A, F
			Não havia momentos para debater a realidade encontrada nos estágios	C, E, F
		Falta de coordenação entre os métodos de trabalho da supervisora e os professores cooperantes	Necessidade em adaptar a planificação às metodologias e os conteúdos exigidos pela professora cooperante	B, C, D, E, F
		Deficiências na concretização do estágio	O estagiário deveria estar inserido em todas as actividades da escola para ter uma noção mais correcta da realidade	F
			O início do estágio devia ser coincidente com o início do ano lectivo nas escolas para facilitar a adaptação de todos à nova situação	F
			O estágio não foi acompanhado de momentos de reflexão	A, C, D
			Poucas oportunidades dadas aos estagiários para porem à prova capacidades relacionadas com a resolução dos problemas	D, F

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPANTES
A Avaliação da Formação Inicial feita pelos Professores Principiantes	Críticas à formação inicial	Deficiente acompanhamento por parte da professora cooperante	Muitos momentos com ausência da professora cooperante	C, D
			Professora cooperante com falta de experiência de ensino	D
		Deficiente acompanhamento por parte da supervisora da Pedagógica	Desconhecimento da realidade e dos problemas	A, D
			Com poucas observações	B, D, F
		Efeitos negativos da avaliação do estágio	Provocou um clima de competitividade entre colegas	D
			Desenvolveu nos alunos mecanismos de defesa	D
		Curso excessivamente teórico	Falta de ligação entre a teoria e a prática	A, D
			O curso devia estar mais ligado ao ensino	A, B, C, E, F
		Falta de preparação para as inovações curriculares	A área de projecto teve uma abordagem muito teórica	B, C, D, E
			Não foram tratados aspectos relacionados com estudo acompanhado e formação cívica...	F
		Conteúdos das disciplinas desadequados do ensino	Os conteúdos de algumas disciplinas não estão relacionados com os conteúdos para o ensino	A, B, C, D, F
		Metodologias de ensino e didácticas pouco trabalhadas ao longo do curso	Falta de preparação para diversificar técnicas e métodos de ensino	A, B, D, E, F
			As metodologias da Educação Física e Musical não foram abordadas	E, F
			A área das tecnologias da Informação não foi abordada numa perspectiva de recurso para o ensino e aprendizagem	D, F
			A disciplina de Necessidades Educativas Especiais muito teórica	A, B, C, E, F

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	PROFESSORES PRINCIPIANTES
Perspectivas de profissional desenvolvimento em articulação com a futuro formação	Realização de mestrado ou pós graduação em	Administração e gestão escolar	Associados a aspectos práticos de administração escolar e da organização de projectos	A
		Necessidades Educativas Especiais	Para saber diagnosticar e fazer acompanhamento mais especializado de casos	D, E, F
		Educação Artística	Para organizar as actividades com mais criatividade	E
		Psicologia Infantil	Relacionados com aspectos do desenvolvimento físico e cognitivo e porque a psicologia dá uma visão mais ampla dos problemas	A
		Supervisão pedagógica	Para valorização pessoal e continuar a sua formação, adquirir currículo	D
	Realização de cursos de formação contínua em	Didáctica da Língua Portuguesa	Relacionada com a aprendizagem da leitura e escrita	A, B, D
		Gestão de Sala de Aula	Ao nível da diversificação das actividades e estratégias de aprendizagem	A, E
		Necessidades Educativas Especiais	Ao nível da deficiência	CF
			Aquisição e aprofundamento de conhecimentos relacionados com problemas de aprendizagem	A
		Trabalho de Projecto	Elaboração de projectos curriculares de turma	C
	Novas tecnologias	Para trabalhar com os alunos utilizando jogos didácticos e actividades de pesquisa na Internet	A, F	
	Participação em Grupos de Investigação – acção na escola	Formação de equipas na escola com o apoio da faculdade	Para a resolução dos problemas resultantes da acção na prática	A

## **ANEXO G**

## **PROTOCOLO DA ENTREVISTA REALIZADA COM SUPERVISORA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

(Realizada em 30 de Julho de 2003)

**Já há muitos anos que desempenha funções como professora de Prática Pedagógica na formação inicial de professores?**

Sim, sim... estive cerca de dez anos colocada nas escolas anexas ao antigo magistério primário e orientei estágios....mais tarde, quando abriu esta faculdade fui convidada para vir trabalhar para cá como supervisora da Prática Pedagógica...

**Qual é, na sua opinião, a importância que a prática pedagógica tem na formação inicial de professores?**

Para responder vou... não sei muito bem como é que lhe vou responder... vamos então... não quero fugir à questão, mas quero disciplinar o meu conhecimento para lhe poder responder com clareza e com rigor. É evidente que quase se torna... quase se torna desnecessário porque é por demais evidente a relação que deve ter... a importância dada à prática pedagógica, porque estes senhores não vão desenvolver nenhuma actividade social, nenhuma actividade cultural, a não ser a de trabalhar com crianças do primeiro ciclo. E é desejável que assim seja, oxalá não sejam colocados noutra nível de desenvolvimento do ciclo, porque considero que não estão preparados para tal, nem ao nível de conteúdos, nem ao nível de aspectos didácticos. Agora é evidente que se estamos a preparar professores que... o contacto com as instituições escolares, com várias dinâmicas institucionais, o contacto com vários públicos escolares, com várias... diferenças culturais e sociais e até económicas, não é? ...mas principalmente culturais e sociais.

O problema hoje não se põe tanto em factores económicos, porque a maior parte das pessoas conseguem ter pontos de partida para combater aquilo que antigamente se chamava de miséria. Embora ainda haja muita, mas basicamente a maioria das pessoas consegue ter acesso a aspectos considerados minimamente decentes de vida. Portanto a diferença entre as pessoas e os públicos nas escolas, os públicos infantis e os pais das crianças, põe-se ao nível de questões culturais e de questões sociais. O que é que socialmente as famílias valorizam em termos culturais? Está tudo relacionado. Os

fenómenos da iletracia estão relacionados com factores culturais, hábitos de leitura e outros. E que papel a escola desempenhará, de importância na vida das pessoas? Se a escola é para colocar socialmente os alunos ou se a escola é um meio para as crianças se sentirem mais felizes e mais realizadas. Portanto, temos aqui vivências culturais e sociais, mesmo nas famílias europeias, com estas duas... polivalências. Há famílias que querem que os filhos sejam alguém e quando falo de famílias europeias falo essencialmente de famílias portuguesas... mesmo nas nossas famílias de vários bairros, de vários... seja qual for o contexto social e escolar em que se viva, há claramente famílias que se orientam por padrões em que o meu filho tem que ser alguém para ter uma vida melhor do que a minha. E há outro tipo de famílias, que normalmente são culturalmente e socialmente mais desenvolvidas e que se orientam por padrões de felicidade, ou seja, eu quero é que o meu filho seja feliz, se quiser ser bailarino é bailarino, se quiser ser doutor é doutor. E todos os papéis socialmente são importantes, desde que o meu filho seja um cidadão equilibrado, livre, autêntico, verdadeiro, uma pessoa boa e socialmente útil. Portanto, temos estas duas... para mim há normalmente estas duas famílias posicionais e orientadas ou centradas no desenvolvimento da pessoa, como diz Bernstein.

Depois temos também inserido na nossa sociedade, que é neste momento uma sociedade de imigrantes, com todas as culturas vindas das ex-colónias, portanto já tínhamos os povos africanos, que são nossos irmãos de sangue com toda a diversidade cultural e social que isso implica, e com toda uma aprendizagem que nós, sociedade integradora, temos que fazer para os integrar, desde a língua materna, que eles têm outra língua materna. A língua portuguesa para nós é materna mas para eles não o é, é a segunda língua. E portanto quem não domina a língua, quem não é socialmente aceite no grupo dificilmente se sente integrado na escola. E começam aqui as nossas dificuldades sociais e culturais. Eu estou a falar de coisas que normalmente não têm nada que ver com a importância da prática pedagógica, mas tenho que dizer que têm, numa instituição escolar como a nossa. Numa escola e numa sociedade com estas características como é que as meninas (futuras professoras) não têm que se sentir apoiadas desde o primeiro dia que entram na instituição, no contacto com as instituições, no contacto com esta diversidade e complexidade de público?

Portanto, têm também públicos neste momento, de outras etnias, como os indianos os de leste e outros, que são grupos étnicos que frequentam as nossas escolas, fazem parte da nossa sociedade. E portanto temos neste momento uma grande invasão, não sei se lhe

deveria chamar invasão, mas temos um aumento populacional e de algum modo, infelizmente, porque quando estão clandestinos têm menos condições de vida e portanto menos condições de integração.

Embora eu esteja consciente das implicações que isso tem num país como o nosso, eu não lhe poderia chamar um país desenvolvido, ... nós lidamos com países desenvolvidos, estamos integrados nos países desenvolvidos mas não somos desenvolvidos. Nós gastamos como os desenvolvidos mas não produzimos como os desenvolvidos. E portanto cuidado com isso. E um país como o nosso em que as pessoas começam a ter um mínimo de condições decentes de vida e estamos a braços com um problema excessivo de imigração... eu não sei se conseguiremos responder de braços abertos com tanta facilidade a esta coisa da integração social e cultural... porque não sei até que ponto podemos ou não travar esta avalanche que está a ser desmesurada, quer das pessoas de Leste que vêm para vários países da Europa e que procuram nomeadamente Portugal, quer inclusivamente dos brasileiros que vêm atraídos pela facilidade da língua, portanto vêm para Portugal e não para outro país europeu. É claro que nós gostamos... se entendemos que o mundo é uma aldeia global, temos que entender isto nesta perspectiva. Mas se calhar vamos ter que sofrer consequências muito duras, que neste momento podemos não estar a ser capaz de antecipar. Isto não tem nada a ver com o caso, mas é evidente que em dinâmicas institucionais onde se trabalha com públicos diferenciados mas se trabalha para a inclusão social e cultural... ou em dinâmicas institucionais, normalmente de carácter privado, mas onde se trabalha para uma sociedade mais elitista e mais virada para valores culturais, mas valores muito europeus, e portanto muito elitistas em cima do europeu, nomeadamente alguns colégios que nós conhecemos, que o público é conhecido pelo estratos sociais que o frequentam...significa que os nossos alunos (futuros professores) têm que passar, têm que rodar por todas as dinâmicas institucionais, porque senão, não vão ter capacidade de análise, reflexão e de síntese e quando falarem de questões organizativas das instituições não são capazes de perceber e de analisar estas dinâmicas à luz das componentes administrativas e de gestão da escola...

**E qual é o critério utilizado por esta instituição de formação para seleccionar as escolas e os professores cooperantes que com ela colaboram...?**

Os orientadores pedagógicos das instituições cooperantes?

Normalmente, não é só por necessidade de termos colaboradores, é também por termos necessidade de ter colaboradores mas de todos os âmbitos, de todos os enquadramentos institucionais, e que tanto quanto possível os alunos que passam os primeiros anos pelo privado rodem também pelo ensino público. O que acontece é que normalmente no quarto ano já quase só temos instituições públicas. Este ano só havia duas ou três instituições privadas e não muito grandes, onde se podia trabalhar um bocadinho o projecto curricular de escola e o projecto curricular de turma com grupos pequenos de professores, e onde se podia tomar um bocadinho o pulso à situação... que tipo de organização, que projecto curricular da escola, como é que se organizava o projecto curricular da escola e os projectos curriculares de turma? Se era com uma determinada organização por disciplinas ou se por temas, enfim como é que elas estavam organizadas e como é que iam desenvolver a prática pedagógica? Portanto, instituição no máximo de seis professores, oito professores, para se poder perceber a organização e a instituição em si. E a gestão...

**Antes de chegarem lá têm a preocupação de contactar esses orientadores...e fazem-no porque conhecem um pouco o seu trabalho...?**

Conhecer um bocadinho... o que vai acontecendo comigo é que, como normalmente vamos renovando os contactos com escolas, tanto quanto possível nós temos a preocupação, por tudo o que foi dito, de manter alguma constância com os nossos professores cooperantes. E então, é também uma preocupação que os professores cooperantes vão ficando ligados à instituição formadora, que vão conhecendo os critérios dos formadores da instituição, para podermos ir aferindo, ir afinando pelo mesmo diapasão. Ou seja, afinamos os nossos instrumentos com diapasões semelhantes.

**Mas têm formação específica para...?**

Não, mas, normalmente, temos como preocupação, sobretudo para os que ficam com os formandos dos quartos anos, que tenham tido já experiência como cooperantes em anos anteriores. Temos também como preocupação que não sejam professores recém-formados, têm que ter pelo menos três a quatro anos de experiência profissional, ser licenciados e ter um currículo que de algum modo... quer dizer, temos mais exigências



para o quarto ano do que temos para os anos anteriores. E procuramos de ano para a ano manter essa constância, manter os professores cooperantes “presos” à nossa instituição. E nós procuramos dar contrapartidas aos professores cooperantes para que esse clima de trabalho se mantenha, esse clima de relação entre instituição formadora e escola e professores cooperantes. Porque é útil por todas as razões, como é óbvio, porque vamos conhecendo até o desenvolvimento dos projectos, as avaliações que são dadas aos projectos. Vamos percebendo um bocadinho até da mobilidade dos professores nas instituições. E vamos percebendo também a resposta que as instituições têm para projectos locais e regionais. Projectos mais ambiciosos que os pequenos projectos das escolas. Portanto vamos conseguindo apanhar o pulso a...digamos que a dinâmicas pedagógicas e a diversas dinâmicas de gestão.

**Tendo em conta a selecção, qual o perfil de professor cooperante que, para si, deve prevalecer ...?**

Os nossos alunos vão trabalhar naturalmente nas suas salas de aula, mas eu não quero acreditar que quem é professor, quem se prontifica para ser professor cooperante não tenha também características que são inerentes a um trabalho de grupo numa instituição formadora. Ou seja, que são professores resistentes a trabalhar com os seus pares, e a trabalhar com o conjunto dos professores da sua escola, com festas periódicas ou com eventos anuais. Ou inclusivamente, com análises de necessidades que têm que fazer relativamente à formação que sentem que têm necessidade de fazer formação contínua e em serviço. Portanto, a instituição escolar e a dinâmica da instituição escolar e a gestão da instituição escolar é sempre um elemento muito forte...na nossa mobilização para ir às escolas. Eu devo dizer-lhe que uma das coisas que me faz não deixar a escola N.º ... é exactamente pelo conjunto de professores que lá está e pela Direcção da instituição. E os projectos pedagógicos a que correspondem, a forma como gerem a auto-formação em serviço. Tudo isso nos leva a ter que continuar a colaborar com a escola da..., percebe? Porque em primeiro lugar está esta globalidade de acções e que já por si nos indica perfis dos professores. E depois é que vamos chegar às competências, porque os perfis... um professor que todos os anos participa e dá sugestões quanto às necessidades de formação, que baseia essas necessidades numa análise de necessidades baseada em balanços e avaliações feitas em intervenções dos anos anteriores, que faz uma reflexão

periódica, constante e contínua e continuada com os seus formandos estagiários a propósito quer das suas práticas quer das dos seus formandos, que participa em workshops, que procura fazer leituras actualizadas sobre este ou aquele aspecto em que considera que a sua formação ainda não é suficiente, que vem à instituição formadora sempre que é solicitado em alguma área de formação, algum workshop ou alguma conferência em que sinta que faz especial sentido para si...portanto, estas pessoas têm obviamente características que nos indicam um perfil de professor que não tem que estar relacionado com o fazer a sua obrigação apenas na sala de aula.

### **Como se fosse um funcionário...?**

Porque ele deve ser um profissional, um profissional da educação. Deve ter uma visão como profissional da educação, tem estatura pedagógica e parece-nos que procura estatura intelectual se é que não a tem já. E portanto, a sua estatura já nos indica um determinado perfil como docente. É um profissional da educação. E é um bocadinho atrás destes dois aspectos que nós andamos. É um bocadinho por aí que nós andamos atrás das pessoas. E portanto, é evidente que este perfil implica variadíssimas competências. Implica que os professores revelem em primeiro lugar um estatuto de professor-investigador, mas principalmente aquilo a que Zeikner, e a Isabel Alarcão também, chamam do professor prático-reflexivo. O professor que reflecte sobre a sua acção e na acção todos os dias, em todas as modificações, a partir das reflexões oportunas que faz e até baseadas nas auto e hetero avaliações que as sabe justificar conhece as fontes de erro, está em condições de lidar com elas, de reformular, de reinventar, de reorganizar e de construir...

É portanto o professor que tem que ter um perfil de prático e teórico. O homem que sabe deitar fundamento às suas práticas e que as adapta todos os dias em função dos contextos educativos, sociais e culturais com quem vai ter que manter a sua actuação.

### **E vai mantendo sempre uma relação com eles ao longo do ano...?**

O ideal seria... este ano foi muito fugidia, porque foram 100 alunos, não foi a relação que eu costumo estabelecer, mas a relação que estabelecemos com eles é de facto de muita interacção e de conhecimento do seu perfil...

**E depois ao longo do ano, enquanto desenvolvem o trabalho com os formandos, como é que consegue fazer a ponte...?**

Não queria chegar lá ainda... mas vou lá chegar. Porque aí já vou falar...

**Porque isso também tem que ver com a forma como se organiza, não é? Ou seja com os objectivos que tem em mente desenvolver quando, no início do ano, elabora o Plano da Prática Pedagógica?**

É que aí tenho que lhe falar... é que a forma como eu vou gerir isso, vou deixar para um segundo aspecto que tem que ver com a forma como estruturo na prática a disciplina de prática pedagógica, para desenvolver nessa escola.

Porque para eu levar os meus alunos a desenvolver determinadas competências...tenho que ir buscar as componentes da formação inicial que são as componentes teórica-científica das disciplinas... portanto, qualquer programa de formação de professores... qualquer programa de formação de professores deve ter como primeira orientação na opinião quatro componentes: a componente científica, científica de ordem geral, como a sociologia, antropologia, filosofia da educação, psicologia e por aí fora, que portanto, tem por detrás teorias gerais de disciplinas e que dão origem...são mãe das Ciências da Educação. Todas elas no seu conjunto são mães das Ciências da Educação. Por teorias específicas que são inerentes às disciplinas que os alunos têm que dominar do ponto de vista científico. Portanto, temos aqui a componente científica, quer das Ciências da Educação, que são um suporte para aquilo que nós fazemos na prática, para a estrutura dos nossos programas, quer das disciplinas científicas que os nossos alunos tem que ensinar ou levar as nossas crianças a aprender da melhor forma. Por outro lado, além da componente científica, a componente pedagógica. A componente pedagógica inscreve-se também em dois aspectos. Pedagógica, mas com orientações práticas, mas que bebem nas orientações teóricas das várias mães que deram origem às Ciências da Educação. Portanto, orientação teórico-prática virada para a intervenção pedagógica e aspectos didácticos que também vão buscar um bocadinho a essa orientação pedagógica, mas aspectos didácticos de cada uma das disciplinas. Eu deixava a componente científica, no geral e no específico, a componente pedagógica também no geral e no específico. Porque componente pedagógica no específico corresponde à didáctica das disciplinas

que elas têm que ensinar e que vão aprender aqui nas metodologias. Enquanto têm as disciplinas científicas e têm as metodologias para o ensino de cada uma, tratam também a componente pedagógica. Porque na componente pedagógica, ponho correntes pedagógicas gerais e depois ponho os aspectos didáticos de cada uma das disciplinas. E finalmente a componente técnica e tecnológica, que implica um domínio técnico, um saber fazer. E implica hoje um domínio tecnológico, que eu sou muito fraquinha nisso mas não admito às minhas alunas que sejam. Porquê?

Porque eu sou muito fraca. É talvez um dos meus pontos mais fracos. É que há coisas que domino mas em que outras sou bastante fraca, porque eu produzo textos mas tenho imensa dificuldade em folhas de cálculo e outras coisas que deveria dominar e que tenho que começar, não posso admitir a mim mesma não dominar certas questões informáticas. É de analfabeta funcional, não se pode ser assim, não posso dizer...e, portanto, o desenvolvimento técnico e tecnológico é a terceira componente. Mas os teóricos da educação hoje, como o Carrilho Ribeiro, como Perrenoud e outros, acrescentam a estas três componentes uma outra, que é a componente relacional. Que é a que está relacionada com a formação do indivíduo. Então o Perrenoud não prescinde. Por detrás de toda a formação que se tem estão os hábitos enraizados como pessoa e como aprendente ao longo da vida. E portanto a componente relacional tem tudo a ver com a pessoa que cada um deles é. Embora possam modificar o seu sistema de relações nas escolas com as pessoas, com o que aqui aprendem, teoricamente, o que é certo é que muito do que faz parte deles já vem com eles. É muito enraizado e nós temos muitas vezes aqui muito trabalho para desconstruir muitos aspectos da pessoa humana que eles são, para construir novos aspectos e novos domínios do desenvolvimento. Estas componentes, na minha opinião, tem que fazer parte de todos os programas de professores e estão por detrás, ... são para mim um pano de fundo da definição de grandes áreas de competência que nós temos que dar aos nossos alunos. E as grandes áreas de competências, desde a organizativa, a capacidade organizativa, desde a competência relacional, a capacidade para diversificar o ensino e a aprendizagem...a capacidade para diversificar a avaliação e para integrar diariamente a aprendizagem, a capacidade de resolver os conflitos sem ter que entrar no controlo disciplinar, ou seja, gerir as relações humanas na sala de aula a partir de uma aprendizagem facilitada, de um clima relacional favorável à aprendizagem. Para quê? Para que a disciplina seja cada vez mais uma consciência autónoma das crianças por necessidade de estar a trabalhar e

de terminar uma tarefa de que gostam, mais do que um controlo disciplinar sistemático do professor baseado em sucessivas admoestações.

### **Mais preventivo...**

É...isto implica que eles desenvolvam competências várias, eu tenho estado a falar sempre de áreas de competências, indicadores de competência digo-lhe depois alguns. Mas para mim, áreas de competência... há grandes áreas de competências, porque falar de competências para a docência é tão complexo, tão complexo, que se formos desfiar pelos indicadores de competência corremos o risco de tornarmos o trabalho pobre e deixarmos pouca matéria para discutir. Portanto, eu estou de acordo com o professor Paiva de Campos e também com o Carrilho Ribeiro quando falo de áreas de competência, quando eles falam de áreas de competência. E então considero que a competência organizativa é indispensável, serem capazes de organizar e estruturar a parte curricular do seu trabalho é primeiro ponto. E depois gerirem assiduamente e pontualmente a sua intervenção diária na escola. Mas serem capazes de organizar a estrutura curricular da sua intervenção é para mim o primeiro ponto, não pode haver bom professor sem ser capaz de pôr... ninguém vai para uma intervenção prática consistente, se não for capaz de ter uma organização e uma gestão curricular bem estruturada e bem organizada. Portanto, são guiões orientadores do professor que se não for capaz de o fazer no início a sua formação inicial, anda perdido lá fora. Para mim eu não poria isto gradativamente, mas teremos que dar alguma ordem...

### **Pelo menos há determinadas competências que tem em conta quando detecta dificuldades nos alunos estagiários...**

Que são prioritárias à intervenção. Há o domínio científico dos conteúdos a introduzir. E esse conteúdo científico... a primeira coisa que tem que ser é que os alunos têm que conhecer muito aprofundadamente e detalhadamente o instrumento chamado organização curricular para o nível de ensino onde vão intervir. Portanto, para poderem organizar curricularmente eles têm que, em primeiro lugar, saber técnicas de organização curricular. Ter noções, dominar quadros conceptuais de organização curricular e conhecer técnicas de organização e gestão de currículo. Depois, dominar os conteúdos que vão ensinar. Não passa pela cabeça que eles não sejam capazes de... o

que aprenderam nas disciplinas ditas científicas, nas Ciências, na História, na Geografia...etc.

Agora por exemplo na Geografia, nas Ciências e na História que sejam capazes de gerir um programa de estudo do meio com os blocos de informação que bebem na natureza específica de cada uma destas disciplinas. Portanto, há noções em blocos de informação de estudo do meio que pertencem na sua lógica disciplinar às ciências da natureza. Há outros que pertencem à Geografia e há outros que pertencem à História. Ora bem, quando pegam nos blocos de informação de estudo do meio têm que saber pôr esses conteúdos numa hierarquia muito bem feitinha, onde aparece a lógica da disciplina de estudo do meio, onde não perde a lógica disciplinar base que está por detrás, e onde aparece uma gradação dos conteúdos. Porquê? Porque vão ter grupos de desenvolvimento muito diferenciados e provavelmente até vão ter que pensar nesses conteúdos, no desenvolvimento que esses conteúdos têm no segundo ano, no terceiro, no quarto ano. Porque pode acontecer que tenha estes dois desenvolvimentos na mesma opção. Portanto, a hierarquização dos conteúdos das áreas curriculares disciplinares, mantendo a lógica da disciplina, não pode por isso perder uma organização curricular para que permita uma gestão, porventura, de projecto. Percebe agora o que eu quero dizer? Têm que dominar os conteúdos de tal maneira, científicos e numa estrutura curricular para o primeiro ciclo, que lhes permita fazer a montagem na lógica da disciplina e ao mesmo tempo irem buscar temáticas a uma estrutura de projecto de escola, por projectos, por temáticas, por ideias – chave, por conceitos. Portanto, o que é que eu quero em primeiro lugar, a estrutura curricular.

O que é que eu quero em segundo lugar? E aqui vamos depois buscar indicadores muito precisos no interior desta .. em segundo lugar quero o domínio científico. Porque com o domínio científico e com a avaliação curricular eles são capazes de gerir uma planificação a longo prazo respeitando a lógica das disciplinas e até estruturando o projecto curricular de escola e de turma, por projecto, por ideias chave, por disciplinas, por ideias, por temas, por aquilo que quiser. E trabalhando naturalmente numa perspectiva transdisciplinar ou interdisciplinar, mais do que por uma perspectiva pluridisciplinar. Isso era o último aspecto que eu gostaria que eles fizessem. De qualquer modo isto não é fácil e leva muito tempo. Normalmente para se conseguir desenvolver minimamente estas competências leva o primeiro semestre.

### **Do quarto ano?**

Do quarto ano. Normalmente ele chega a Janeiro, se eu tiver 40 alunos eu direi que mais ou menos estão no caminho certo. Se eu tiver mais, antes de Março não consigo ter isto.

### **O que quer dizer que esse trabalho deveria começar mais cedo, antes do quarto ano?**

Ou deveria ter sempre não mais do que estes alunos. Porque consegue-se. E consegue-se até de uma forma muito equitativa, que os grupos tenham desenvolvimentos muito parecidos. Porque normalmente os pares são formados... umas vezes são muito iguais, outras vezes são muito diferentes. E normalmente as pessoas aprendem muito umas com as outras. A ideia é essa. Mas depois a segunda competência, a segunda área de competência que eu acho que nós desenvolvemos nos nossos alunos, e que eu considero que ela não é isolada, porque ela anda aqui mas nós temos que a aprofundar, é a competência pedagógica e nessa competência pedagógica, porque ela já está subjacente à curricular, ela já subjaz à científica e didáctica, ao gerirem projectos. Curricular, científica, e agora a pedagógica. Mas é que esta competência pedagógica para ser mais específica eu tenho que a encaminhar já para uma intervenção na prática. Tenho que olhar vários... não, sim senhor, competência pedagógica. Na competência pedagógica o que é que eu vejo? Vejo um elenco de actividades ou de tarefas que eles seleccionam para trabalhar com um grupo mais ou menos diferenciado. Ou seja, suponha que para trabalhar, por exemplo, a noção de círculo, circunferência de círculo, que eu chego e vejo apenas uma ou duas actividades para trabalhar com os miúdos. Por exemplo, vejo um círculo desenhado no chão, estão a trabalhar o espaço, estão a preencher um canteiro ou qualquer coisa para dar noção de círculo e dos limites. E depois vejo uma circunferência no quadro e depois vejo uma circunferência feita pelos meninos, com o compasso, para os meninos desenharem essa circunferência, depois desenharem em vários... Ora bem, eu tenho que fazer muitas críticas. Primeiro, não acredito que todos os meninos sejam capazes de perspectivar o bidimensional e passá-lo para o tridimensional. Portanto, para mim a diversificação pedagógica ou a competência pedagógica passa pela capacidade de diversificar as práticas. E diversificar as práticas para mim passa, primeiro, pela observação do real, dos fenómenos concretos, dos objectos de estudo. O real. E o real significa que as crianças tenham que identificar ser

circunferências e círculos em objectos concretos. Em objectos reais, em situações, nas garrafas de Coca-Cola, no que a menina quiser. Só depois é que os meninos vão à procura da representação desse real que é a figura em si, o bidimensional. Portanto, identificam primeiro no tridimensional e no objecto real o conceito, e depois no bidimensional... e vão preencher os espaços e depois ainda para as crianças fazerem estas representações ainda acho que lhes devem pôr nas mãos vários instrumentos recortados pelo professor. Cartolinas, círculos de várias cores de cartão, dos materiais que a menina quiser, papel de camurça, de lixa, do que quiser. Vários círculos e depois fios de lã para os raios e para as circunferências. Só depois é que vai o papelinho no quadro, minha querida. Porque só depois, para mim, é primeiro o objecto de estudo real, depois é a representação desse real, bidimensional, depois é a representação gráfica ou plástica, a representação numérica e a representação esquemática. Portanto, isto tem que passar por várias representações.

A representação plástica está ao lado da representação temática. Portanto os meninos fazem o bonequinho e a seguir a representação gráfica ou numérica. Quando chegar a altura de dizer que tem tantos centímetros já lá está a numérica e gráfica também. É um diâmetro e tem tantos centímetros. Pronto e já usa instrumentos, já usa transferidor, já usa régua. Na prática, é competência para diversificar a aprendizagem é esta competência para diversificar a avaliação, é esta dinâmica comunicacional, a dinâmica comunicativa tem que ver com o ritmo que imprime à dinâmica de trabalho na sala de aula. E portanto, implica logo aqui a regulação dos conflitos. Se tem dinâmica comunicacional é capaz de ter capacidade para gerir os conflitos e regular as situações de indisciplina. A dinâmica comunicacional e a riqueza das práticas, na minha opinião, regulam a competência para organizar. Por isso é que eu estou a seguir esta estrutura organizativa. Para mim, depois, aparece já aqui subjacente, o clima relacional. Disto tudo resulta daqui um clima relacional favorável para a aprendizagem. Portanto, para mim, o clima relacional é muitas vezes uma consequência da capacidade organizativa, da capacidade de domínio pedagógico, de domínio avaliativo, da competência comunicacional. Aí tem já a competência para organizar, para gerir a relação pedagógica e a disciplina. A disciplina está controlada, a relação é favorável à aprendizagem. Não sei qual é que vem primeiro, vêm muito paralelamente.

E não precisam basear a disciplina no controlo disciplinar constante. Esta é a minha perspectiva. Haverá muitas outras, como por exemplo a criatividade é uma... o pensamento fantástico do professor e dos alunos, porque está subjacente à criatividade à



competência pedagógica do professor. A animação de leitura, capacidade para envolver os alunos em actividades de animação que é capaz de criar, são de facto uma competência pedagógica exemplar...portanto, a criatividade também entra aqui já nesta questão da disciplina e com muita força, como área disciplinar, não, desculpe, como área de competência e não como indicador de competência. A criatividade e o desenvolvimento do pensamento fantástico vai revelar-se aqui... temos que arranjar para aqui quatro ou cinco indicadores para esta competência. Depois outra competência que eu considero que é indispensável a qualquer professor é... bem, eu devo dizer que a organizativa já implica uma gestão na escola. Foi pelo que eu comecei. Quando chega à sala de aula já tem que ter trabalhado aquilo que têm em mãos com a escola, ou seja a competência organizativa já vem da capacidade de gerir o currículo na escola, e portanto saber fazer a ponte entre a capacidade de gerir o currículo na escola e a capacidade de gerir o currículo na sala de aula.

E portanto, que esta competência é a mãe das outras competências todas. Ou pelo menos, é o pólo que leva à integração das outras competências todas que o professor vai ter que revelar. E daí ter começado a falar da instituição escolar, que é por aí que normalmente me parece o princípio de tudo. Não existem... a escola não existe para resolver os problemas dos pais, a escola existe porque existem crianças. E portanto, é para responder às questões que temos que nos organizar. E é na escola que temos que organizar tudo. E depois eu poria a criatividade num plano muito em destaque, logo a seguir, entre a competência relacional e a competência para regular os conflitos na sala de aula e fora da sala. A seguir à criatividade e ao desenvolvimento do pensamento fantástico para animar e seduzir os seus alunos... há aqui uma competência que eu acho que é indispensável e que já anda por aqui a subjazer a todas que é a positividade na aprendizagem, na avaliação, ou seja, desenvolver expectativas óptimas para todas as crianças, desenvolver expectativas óptimas para todos os seus alunos, ou seja, fazê-los acreditar que todos são capazes de ir tão longe quanto quiserem, basta quererem. Essas expectativas óptimas...é preciso que o professor saiba pôr em marcha o princípio de positividade na aprendizagem e na avaliação. Valorizar o que o aluno sabe em primeiro lugar e não aquilo que ele não sabe, que é o que é muito frequente fazer-se. Imaginem que já ensinei isto, isto e isto, e aquele ainda não sabe. Lá estamos nós com o princípio da negatividade em vez de investir no de positividade. Ora parece-me a mim que nestas competências todas temos aqui os princípios que devem subjazer a toda a acção pedagógica que a Emília B. Santos refere nos seus *Aprendizes de Pigmalião*, os *Novos*

*Aprendizes de Pigmaleão*. Princípio de positividade, princípio de congruência empática, princípio de empatia, princípio de positividade, acreditar que todos são capazes. Respeito mútuo e por aí fora. Aprendizagem diversificada...

Da questão relacional dificilmente deixamos de fora os aspectos éticos. Porque quem mantém um bom clima relacional com colegas e com alunos não vai ter grandes dificuldades em gerir essas emoções e essas relações de interesses intra-institucionais e inter-pessoais. Não vai ter muita dificuldade em gerir os interesses e as necessidades dentro da instituição. Portanto, as questões éticas ficam reunidas quando o clima relacional é claramente favorável à aprendizagem na sala de aula. Às vezes, pode haver um bocadinho de braço de ferro com outras pessoas, o que pode acontecer. Mas os professores e os directores de escola, se calhar deveriam pôr nos seus projectos educativos, em vez de ficarem só pelo papel em muitas questões..., “desenvolver a cidadania”, aah?!, isso devem desenvolver todas as escolas, é competência básica de um professor. Agora, se nós pusermos nos nossos projectos educativos, resolver questões práticas, questões éticas que se colocam diariamente aos professores nas relações com as famílias, isso sim, resolver questões éticas, questões práticas-éticas que se colocam todos os dias aos professores... e para resolver questões é preciso pensar em dúvidas que se põem com frequência naquela escola e pensar em soluções. Fica no domínio do objectivo da meta que ninguém sabe onde chega nem quem chega lá., enquanto que nas resoluções das questões concretas, éticas, envolvem-se as pessoas e fica tudo muito mais claro para toda a gente. Continuo a achar que de projectos educativos as pessoas sabem pouco, precisam de muita formação. E de projectos curriculares de escola e de turma estão agora a querer arranhar, parece-me a mim. Enquanto as pessoas não segurarem nesses projectos, não se seguram nas suas áreas de competência em que a sua formação deve incidir.

Então é assim, para mim, com quatro grandes componentes para a formação de professores, a teórica, a científica, a teórica e específica, a pedagógica, que também é mais alargada e mais específica... portanto a pedagógica, a tecnológica e a relacional. Eu desenvolvo este conjunto de áreas de competência, que estão todas relacionadas gente si. Dentro destas áreas de competência, não sairíamos daqui hoje se lhe dissesse quais os indicadores de competência que considero. Mas acho que noutra contexto e noutra aula... noutra entrevista, poderemos aprofundar. O que considero é que na formação inicial a prática pedagógica tem que ser, desde o primeiro ano, uma entrada lenta, progressiva e muito bem mediada pela instituição formadora. Para que os alunos não

tenham que vão para as escolas treinar ou aprender com professores experientes, para que não tenham que se aprende a praticar olhando só para as práticas dos outros, mas que se aprende... pode aprender-se a praticar assim, mas dificilmente se aprende a ser bom praticante assim. Eles aprendem a ser bons praticantes tentando integrar concepções teóricas da formação inicial nas realidades educativas que observam com crianças, na relação ao aluno-aluno e na relação aluno-professor nas instituições escolares, nas salas de aula, nos recreios, nas visitas de estudo. Por isso, porque esta entrada no objecto de intervenção que é a prática pedagógica é muito complexa, e porque os alunos passam a vida num percurso a que Ramiro Marques e o Carrilho Ribeiro também lhe chamam um percurso de zigzagante entre a teoria e a prática. É preciso que tenhamos o cuidado de que a instituição formadora e a disciplina de prática pedagógica na instituição formadora deve ser mediadora desta integração. E portanto deve convidar para que esta seja lenta, progressiva, cuidada, para que os alunos percebam imediatamente que se pretende que sejam bons praticantes. E por isso desenvolvam competências teóricas relacionadas com a formação científica, na formação inicial, competências pedagógica e didácticas e competências tecnológicas. E que à luz dos problemas práticos que se colocam nas instituições vão progressivamente tentando integrar de forma articulada a teoria com a prática.

**E aí o seu papel é importante...**

Eu penso que sim...

**Como consegue conciliar isso...?**

Eu procuro conciliar. Acho que temos tido alguns bons resultados...temos outros que não conseguimos, cá está, o aspecto humano e às vezes o relacional...Este ano tive cem alunos. Mas o ano passado, o último ano em que se fez um trabalho de prática pedagógica em que consegui ver toda a gente três vezes por ano, tinha 40 alunos, 40 e tal alunos. Vi-os três, alguns cheguei a ver quatro...faço uma reflexão logo após a observação, na frente... para já, primeiro peço-lhes logo uma auto-reflexão. Depois peço uma opinião ao professor cooperante e só depois é que faço a minha. Porque se não eles dizem logo "ai, concordo inteiramente consigo". Portanto, primeiro peço ao professor cooperante se quer acrescentar alguma coisa à observação, depois faço a minha

observação. E a minha observação é sempre em cima do apoio que tiveram na preparação da aula, do que conseguiram fazer na prática e vou cobrando também aquilo que nas aulas teóricas eu integro, eu dou. Ora a disciplina de prática pedagógica no quarto ano é constituída por três componentes também ela. A primeira é a preparação teórica para projectos, para o projecto curricular de escola, para o projecto curricular de turma, integrado no projecto educativo que já trabalharam no ano anterior. Depois ir à procura de fazer uma análise de necessidades das áreas em que eles têm mais dificuldades em termos didácticos. E depois tenho uma grande preocupação, porque também me sinto mais à vontade nisso, que é a metodologia da língua portuguesa. Vejo como é que estão os blocos da língua portuguesa com a comunicação oral, comunicação escrita e a aquisição de linguagem escrita, e depois o funcionamento de língua. Portanto, vejo a comunicação oral, integro também em leitura oral. Vejo a comunicação escrita e nessa comunicação escrita vejo também a compreensão textual da mensagem escrita. E vejo entre a comunicação escrita e o desenvolvimento da linguagem escrita vejo a escrita criativa. E várias actividades de reformulação da escrita.

Os alunos que vêm à teoria, vem duas horas por semana, dez para teoria, têm algumas actividades, sugestões de actividades didácticas que eu faço, faço algumas...organizo isto de uma forma mais geral. Depois nos acompanhamentos grupais faço isto de forma mais específica.

Depois temos os atendimentos tutoriais ou grupais que é a organização do trabalho de planificação da intervenção e onde se vê, de facto, quais são as maiores dificuldades dos alunos na gestão curricular e até na criatividade e no domínio científico e pedagógico. Aqui joga-se logo tudo, joga-se o domínio curricular, o científico e o pedagógico. Tecnológico também, conforme as planificações que nos vêm às mãos. Portanto aqui jogam-se logo todas as componentes de uma forma claramente integrada, as componentes da formação de professores.

Depois tenho as aulas, onde no segundo semestre dou práticas de aprendizagem e práticas de avaliação, ou seja ponho a avaliação como o centro do processo de aprendizagem. Como é que planificam diariamente à aprendizagem? De que o modo é que planificam a avaliação formativa diariamente? E chego à conclusão que eles se vão gerindo muito bem com os instrumentos curriculares, já contemplam nas práticas de aprendizagem as de avaliação. Não se parte. Depois aprendem a construir instrumentos de natureza sumativa mas com rigor científico. E finalmente, o meu papel é o de fazer observações a cada um destes senhores na intervenção que preparámos, já quero ver a

matéria que dei nas aulas teóricas. E nas práticas quero ver a eficácia com que o fazem perante as áreas de competência que defini com eles. Devo dizer-lhe que essas áreas de competência são claramente definidas por mim e pelos meus alunos no início de cada ano. Quer as componentes da formação, as quatro componentes da formação são lembradas, e depois definimos áreas de competência de acordo com a literatura que se conhece sobre essa matéria. É a partir daí que vamos ver como é que os senhores estão em termos curriculares

**Porque eles próprios já conhecem o perfil de desempenho entretanto publicado e as competências que pretende que eles desenvolvam, ou porque há um conjunto de indicadores de competência que eles...**

Têm que conhecer. É por eles que são avaliados. E definem também a ponderação que vai ser atribuída, o peso que vai ser atribuído em cada um dos momentos de avaliação. Para o acompanhamento e a qualidade das planificações e a que é que se atribui. Para as aulas observadas, quer por mim, quer por professor cooperante e o que é que lhe atribui. Os trabalhos feitos nas aulas, porque fazem instrumentos para a prática pedagógica diariamente, e portanto é um trabalho terminal. e faz-se média em 23%, 20% para os trabalhos terminais e para as apreciações qualitativas sobre os trabalhos feitos nesse ano. E finalmente como esta disciplina prevê 100% de actividade, quem não tem 100% de actividade, se tiver 1,5 cai no patamar de baixo, se tiver meio cai no patamar de cima.

**Eles também vão desenvolvendo uma capacidade de auto-avaliação. Conseguem perceber as dificuldades que vão sentindo...**

Não, primeiro conhecem os critérios na literatura que está à venda no mercado, na literatura que se defende e que se acredita, sabem perfeitamente quais é que são as áreas de qualquer programa de formação de professores. E as áreas de competência que é preciso minimamente que cada professor domine. Os indicadores de competência... normalmente peço que construam instrumentos e que cada grupo coloque os indicadores de competência que considera que são relevantes. E depois fazemos combinações. Vamos lá ver, "o que é que achou relevante?". E depois eu dou palpites.

**Quando os seus alunos iniciam a sua carreira, quando saem daqui, já licenciados e iniciam a sua actividade profissional costumam contactá-la?**

Depende, uns dizem que ficam eternamente amigos, outros voltam muito raramente.

**Costumam pedir-lhe a sua opinião face a problemas ou dificuldades que vão sentindo?**

Os mais humildes e os que sabem mais são os que mais perguntas fazem. E os que mais sabem, que foram os mais humildes na formação, são os que mais voltam. Alguns voltam. É assim, o ano passado saíram daqui 60 pessoas, saíram daqui 20 ou 30 muito bons. Mas devo dizer-lhe que o ano passado eu já não consegui ver toda a gente como gostaria. Vi duas vezes as pessoas, não consegui ver... Normalmente não vêm durante o ano, mas vêm em Setembro no princípio de cada ano. Voltam muitos.

**Quais são os problemas que eles mais lhe colocam?**

Relacionados com, como é que eles vão trabalhar o método global de contos nas técnicas do método das 28 palavras? Questões pedagógicas e didácticas. Questões operativas. Não vêm com questões institucionais, vêm com questões concretas. " Professora, eu não entendi muito bem como é que vou fazer os planeamentos didácticos para produzir textos jornalísticos, pode fazer isso comigo?". E fazemos, nesse tempo fazemos. "Professora, não percebi muito bem estas grelhas aqui sobre comportamentos relacionais, ou isto ou aquilo"...

Eu devo dizer-lhe que duas senhoras que saíram daqui, são reconhecidas nas escolas onde estão como pessoas de excepção. Devo dizer-lhe que a S. e a E. quando chegaram às escolas, os colegas disseram "estas miúdas têm uma formação espectacular". São mesmo profissionais. Pronto, há de tudo. Eu devo dizer-lhe que apesar de ter tido gente muito boa o ano passado, considero que poderia ter sido muito bem sucedido se eu não tivesse também três anos de prática pedagógica do terceiro ano como o ano passado em que eu tive que administrar todo o trabalho que se faz e ver as pessoas uma vez e não mais. Aliás, os do terceiro ano nem foram todos vistos

**Muito obrigado pela entrevista. Desejo-lhe um bom trabalho para o próximo ano...**

Obrigada! Espero que tenha ficado com matéria para discutir e para dizer mal, ah ah ah!

## **ANEXO H**



## PROTOCOLO DA ENTREVISTA REALIZADA À PROFESSORA

### PRINCIPIANTE F

(Realizada em 27 de Outubro de 2003)

**ENTREVISTADORA** – Reportando-se ao último ano lectivo, que se constitui como o seu primeiro de serviço, qual é o balanço que faz desse primeiro ano...?

**ENTREVISTADA**- ...acho que foi muito positivo, foi muito positivo, tenho aprendido muito, acho que foi muito interessante, lá está tive a vantagem de ter uma turma pequena, dá para fazer um trabalho interessante com os meninos, dá para abordar mais as coisas, para aprofundar, acho que acaba por ser um trabalho giro, porque conseguimos fazer coisas que com turmas grandes não conseguimos. Eu o ano passado tinha uma turma com 13 meninos, portanto era uma turma relativamente pequenina, e acho que sim que está a ser muito giro...

**ENTREVISTADORA**-... e com os colegas como foi?

**ENTREVISTADA**- ...também,...com todos. Nós naquele colégio damo-nos todos muito bem a nível do corpo docente, quer professoras, quer educadoras temos um ambiente muito bom mesmo, damo-nos todos muito bem, funcionamos como equipa, trabalhamos em conjunto, ajudamo-nos uns aos outros quando é necessário, e a nível de corpo docente temos uma relação muito boa.

**ENTREVISTADORA** – ...essa ajuda mútua é feita só duma forma espontânea, ou também fazem reuniões onde vocês expõem os vossos problemas...?

**ENTREVISTADA** – ...há as duas formas, mensalmente temos uma reunião, portanto entre docentes todos, depois temos também outra reunião por mês só do primeiro ciclo, é a reunião de coordenação, portanto a coordenadora com as professoras de primeiro ciclo portanto resulta dessas duas reuniões e resulta também de conversas informais.

**ENTREVISTADORA** – ...para essas reuniões levam os vossos problemas e as vossas dificuldades e debatem-nas?

**ENTREVISTADA** – ...sim, sim, mas além disso, nós como já temos uma relação muito boa, vamos beber café juntas, estamos sempre juntas, almoçamos todas juntas, todos os tempos que temos livres estamos todas juntas, portanto acabamos por muitas das coisas resolver assim.

**ENTREVISTADORA** – ... sentiu que sendo a primeira vez que estava a trabalhar, foi bem acolhida pelos colegas, pelo corpo docente, pela direcção...?

**ENTREVISTADA-** ...sim, fui muito bem acolhida.

**ENTREVISTADORA-** ...e quais foram as maiores dificuldades que sentiu?

**ENTREVISTADA-** ...é assim, eu acabei por...eu nunca senti grandes dificuldades porque lá está, como tinha sempre o apoio dos meus colegas qualquer coisa que fui precisando fui falando com elas, acabei por ter uma orientação dentro do colégio para tudo o que eu precisei, portanto nunca senti aquela dificuldade de “oh meu Deus, o que é que hei-de fazer?”, acabei por nunca sentir muito isso, porque dentro do colégio tinha sempre quem... as minhas colegas uma já tem 5 anos de serviço, a outra 3, portanto, conseguiam-me sempre apoiar de uma forma completamente diferente, já tinham passado pelo mesmo que eu estava a passar na altura, e que podiam-me dar apoio.

**ENTREVISTADORA-** ... nas actividades que realiza na sala de aula e em todas as outras que normalmente é solicitado ao professor para fazer, não sentiu alguma dificuldade?

**ENTREVISTADA-** ...não, não, a única dificuldade que senti foi realmente a nível de pais, portanto do pai de uma criança que eu tinha...

**ENTREVISTADORA-** ...de uma criança?

**ENTREVISTADA-** ...exacto, em relação aos outros nunca tive nenhum problema, tive em relação a esses pais, que não aceitavam o problema do filho, porque de resto não tive problema nenhum.

**ENTREVISTADORA-** ... quais eram os com a criança?

**ENTREVISTADA-** ...de ordem psíquica...

**ENTREVISTADORA-** ...e criava-lhe problemas ao nível da sala de aula?

**ENTREVISTADA-** ...dava problemas a nível da sala de aula, a nível de recreio...

**ENTREVISTADORA-** ... problemas comportamentais, portanto de indisciplina?

**ENTREVISTADA-** ...comportamentais, muita indisciplina...

**ENTREVISTADORA-** ...a nível de aprendizagem não?

**ENTREVISTADA-** ...não, a nível de aprendizagem não tinha grandes dificuldades, porque acabava por ser trabalhado, de todas as formas..., e os pais também conseguiram que ele avançasse alguma coisa, pois era uma das grandes preocupações dos pais, teve apoio na sala de estudo, portanto ele tinha uma sala de estudo, e era uma criança muito inteligente, podia estar a fazer alguma partida, podia estar irrequieto e desatento, mas acabava sempre por estar a ouvir e nós pensávamos que ele não tinha ouvido absolutamente nada e tinha ouvido, só que era muito agressivo para os colegas, tanto dentro da sala de aula como fora, era muito imprevisível.

**ENTREVISTADORA-** ...e depois, como é que conseguiu resolver o problema com essa criança, mesmo ao nível da direcção, como é que conseguiram ultrapassar isso?

**ENTREVISTADA-** ...tivemos de chamar várias vezes os pais ao colégio, entretanto nós quando começámos a chegar ao problema, os pais tiraram-na da psicóloga do colégio, puseram-na numa psicóloga fora do colégio.

**ENTREVISTADORA-** ...ela era apoiada por uma psicóloga dentro do colégio?

**ENTREVISTADA-** ...inicialmente era apoiada por uma psicóloga educacional, entretanto a nossa psicóloga viu que não tinha capacidade porque era bem mais grave e pedimos uma psicóloga clínica exterior ao colégio que também não conseguia resolver o assunto, entretanto pedimos depois um psiquiatra e fomos sempre pedindo, mas os pais a partir da altura, sempre que começávamos a chegar perto, os pais fugiam, entre aspas...

**ENTREVISTADORA-** -...porque tinham dificuldades em aceitar o problema?

**ENTREVISTADA-** ...porque não aceitavam e no final do ano lectivo acabaram por o levar do colégio porque não querem aceitar, portanto foi para outro colégio e neste momento deve estar a passar exactamente o mesmo que passou o ano lectivo passado.

**ENTREVISTADORA-** ...e a nível de aprendizagem com as outras crianças...?

**ENTREVISTADA-** ...eu como tinha uma turma pequena consegui resolver o assunto.

**ENTREVISTADORA-** -...tinham todos um nível de aprendizagem homogéneo, ou havia situações diferenciadas?

**ENTREVISTADA-** ...havia 2 crianças com mais dificuldade, mas que com trabalho, conseguiram atingir todos os objectivos.

**ENTREVISTADORA-** -...atribui isso ao facto de serem turmas pequeninas e de poder diversificar mais as actividades para aqueles casos terem um maior acompanhamento?

**ENTREVISTADA-** ...eu acho isso muito importante, exacto...

**ENTREVISTADORA-** -...disse-me também que no primeiro ano esteve responsável pela biblioteca?

**ENTREVISTADA-** ...pela biblioteca, pela Internet. Pela Internet, estive responsável até Dezembro, porque depois o Ministério cortou, não sei se foi em Dezembro se foi em Janeiro, sei que depois deixámos de ter Internet porque era um acordo com o Ministério da Educação que depois foi cortado

e durante o ano lectivo inteiro, estive responsável pela biblioteca, a organizar os livros as horas que cada turma tinha para ir à biblioteca, foi basicamente isso...

**ENTREVISTADORA-** ...portanto, nesse tipo de actividade também não sentiu dificuldades?

**ENTREVISTADA-** ...não, não..também já tinha uma certa experiência como coordenadora de um OTL, ocupação de tempos livres...

**ENTREVISTADORA-** ...portanto, acha que essa experiência contribuiu bastante?

**ENTREVISTADA-** ...eu penso que sim, penso que sim, mesmo o à vontade é diferente, porque somos nós que estamos a gerir, portanto acabamos por ter um à vontade diferente e começamos logo a trabalhar, é diferente, já temos um contacto diferente com as crianças, é diferente....

**ENTREVISTADORA-** ...e essa actividade foi fazendo paralelamente à sua licenciatura, por iniciativa própria, nos seus tempos livres?

**ENTREVISTADA-** ...exacto, por iniciativa própria.

**ENTREVISTADORA-** ...portanto, isso deve ter ajudado agora nessas actividades que tem fora da aula?

**ENTREVISTADA-** ...eu penso que sim, eu lá também planificava, portanto acabava por ter tudo a ver com o ensino, com a organização, penso que facilitou muito.

**ENTREVISTADORA-** ...e relativamente à sua formação inicial, qual é o balanço que faz da sua formação inicial, tendo em vista o pequenino percurso que já tem como professora?

**ENTREVISTADA-** ...é assim, eu penso que o nosso curso é muito teórico, e acho que aprendemos muita coisa que não nos vai servir para absolutamente nada e o que eu notei é que as disciplinas, muitas delas, algumas tiveram interesse, mas houve algumas que não...

**ENTREVISTADORA-** ...portanto, está a falar da parte curricular do curso?

**ENTREVISTADA-** ...sim, não tiveram muito interesse porque eram muito teóricas.

**ENTREVISTADORA-** ...como por exemplo, quais as que achou mais teóricas?

**ENTREVISTADA-** ...por exemplo, havia... agora os nomes assim de repente não me lembro, mas por exemplo, tivemos um que, por exemplo, eu não gostei, eu achei que não tinha grande interesse, por exemplo, o inglês, tivemos inglês que supostamente seria para ensinar inglês, mas foi um semestre em que acabámos por não ter tempo para praticamente nada.

**ENTREVISTADORA-** ...será que é por ser muito teórico, ou porque não houve continuidade e aprofundamento?

**ENTREVISTADA-** ...exactamente, não há continuidade, por isso o que se aprende é também muito teórico sem tempo para vermos como podemos aplicar na prática, aliás todas as metodologias, foram sempre de um semestre, acho que seriam as disciplinas que deveriam ser mais trabalhadas, porque, por exemplo, tivemos metodologias da matemática um semestre, portanto acabámos por aprender muito pouca coisa, enquanto que havia coisas que eram bastante interessantes desde que fossem exploradas, mas que não eram porque não havia tempo para isso, e depois tínhamos outras disciplinas, por exemplo tivemos uma acho que foi Doutrina Cristã, não era...mas pronto, o livro é que era Doutrina Cristã portanto tinha a ver com Educação Moral e Religiosa, tivemos a parte de metodologia também, metodologia acho que já teve algum interesse, agora relativamente só à disciplina foi um ano, por exemplo eu estive a dar exactamente o mesmo que tinha dado na catequese há uns anos, portanto acabou por ser para mim tempo perdido...

**ENTREVISTADORA-** ...já tinha tido essa experiência for a porque desenvolvia actividades diversas.

**ENTREVISTADA-**...exactamente, por exemplo, Desenvolvimento Curricular supostamente era para aprendermos a fazer planificações, que acabámos por repetir no terceiro ano, quando nos ensinaram a fazer planificações e que não tinha nada a ver com planificações que tínhamos feito antes, portanto acaba por não ter uma ligação que deveria ter, acho que, houve mais disciplinas, acho que um curso de ensino acho que deveria estar ligado directamente ao ensino, formas novas de se dar a matéria, acho que deveria ser directamente direccionado ao ensino e acaba por não ser, porque é muito teórico.

**ENTREVISTADORA-** ...acha que a teoria que aprendeu não é importante ...?

**ENTREVISTADA-** ...a maioria acho que não, por exemplo, História de Portugal, o que demos acho que não tem nada a ver, também falamos daquilo que vamos abordar no quarto ano, mas é dito de uma forma completamente diferente, foi dado História como uma cadeira de História, que não tem nada a ver com ensino de primeiro ciclo, porque já que nós somos de primeiro ciclo, já que os professores são divididos entre primeiro ciclo e segundo ciclo e terceiro ciclo, acho cada um deveria trabalhar principalmente sobre aquilo que fala, e não é assim porque depois nós acabamos por ter essa dificuldade a nível do ensino, com novas formas, novas técnicas para trabalharmos os conteúdos das disciplinas do currículo, ...

**ENTREVISTADORA-** ...portanto, aprendeu muito sobre História de Portugal, digamos assim, mas depois não a sabe ensinar, aplicada à faixa etária com quem trabalha?

**ENTREVISTADA-** ...exactamente, acho que nesse aspecto o curso é um bocadinho desfasado, acho que não tem grande ligação. Lá está, nós quando chegamos ao ensino é que reparamos nas dificuldades que temos e acho que há certas coisas que...se prendem com as metodologias e a didáctica. Como por exemplo, necessidades específicas especiais, lá está, eu acabo por não ter grandes dificuldades porque sempre que preciso de alguma coisa tenho quem me apoie, agora se estivesse numa escola como sei que há muitas, em que o ambiente de trabalho é muito complicado, para os professores acaba por ser muito complicado resolver tudo se não têm apoio de lado nenhum.

**ENTREVISTADORA-** ...o apoio que tem é no próprio estabelecimento de ensino?

**ENTREVISTADA-** ...exacto, exacto, com uma psicóloga educacional

**ENTREVISTADORA-** ...e a componente da prática pedagógica, em que medida é que acha que ela foi importante? Vocês têm prática pedagógica desde o primeiro ano...

**ENTREVISTADA-** ...exacto, primeiro e segundo ano eram 2 horas de observação, terceiro ano eram 2 horas de observação e de intervenção e quarto ano eram 3 dias de intervenção. E é assim, como é que eu lhe hei-de dizer, acho que a disciplina de prática pedagógica é importante, acho que sim, mas lá está, nós temos muito pouco tempo de observação, apesar de estarmos 2 anos a observar, são apenas 2 horas, eu acho que era muito pouco.

**ENTREVISTADORA-** ...como é que trabalhavam essas observações?

**ENTREVISTADA-** ...não trabalhávamos, sei que neste momento já são trabalhadas, mas na nossa altura não, íamos para o colégio, observávamos, para a escola, para o colégio, observávamos e pronto. Tínhamos no final de fazer um trabalho, em que o trabalho consistia, não na turma que tinha sido observada, mas sim na instituição, acabávamos por fazer uma caracterização da instituição e de turma, mas não a nível de questões pedagógicas, apenas a nível de,... portanto mesmo caracterização básica, o número de alunos, o horário, nada de especial.

**ENTREVISTADORA-**...e as observações propriamente ditas eram orientadas, tinham grelhas de observação, qualquer instrumento que vos orientasse...?

**ENTREVISTADA-** ...as observações não interessavam na altura, só interessava para adquirirmos alguns conhecimentos, mas nunca tivemos de escrever nada, escrever relatórios, nunca fizemos nada nas observações.

**ENTREVISTADORA-** ...e nunca iam com uma orientação para observar algum aspecto em concreto?

**ENTREVISTADA-** ...não, não. Era uma observação assim, livre, cada um observava por si e depois daí não resultava...

**ENTREVISTADORA-** ...e depois, nos anos seguintes?

**ENTREVISTADA-** ...depois, no terceiro ano, também fizemos uma observação, portanto até Janeiro era observação do mesmo tipo e depois supostamente era intervenção, apesar de termos intervindo poucas vezes porque, portanto, nós,... a professora cooperante não concordava com o método que a nossa professora defendia. A professora cooperante utilizava o método tradicional...portanto, a nossa professora cooperante utilizava o método tradicional, tinha o primeiro ano de escolaridade, ensinava a leitura e escrita apresentando a letra e depois então formavam as sílabas...e a nossa professora da faculdade, de Prática Pedagógica, não queria esse método, e então acabava por não conseguir conciliar muito bem, tínhamos de tentar um lado e o outro, acabava por ser muito complicado, e então tivemos muito poucas intervenções.

**ENTREVISTADORA-** ...portanto, o método de ensino da leitura e da escrita da professora cooperante não coincidia com o que era defendido pela professora daqui?

**ENTREVISTADA-** ...cá era defendido o método das 28 palavras e lá era defendido o tradicional e acabava por não dar para conciliar, é obvio, e eram poucas actividades que conseguíamos fazer...e acabei por não sentir muito a responsabilidade entre aspas pela turma porque tínhamos sempre a professora cooperante, tinha muitos anos de experiência e aliás, já estava reformada do estado e estava no particular, e tinha muitos anos de experiência, tinha muito à vontade e nós acabamos por ser um bocadinho..., não sei, abafadas, entre aspas.

**ENTREVISTADORA-** ...sentiu-se um pouco intimidade, foi?

**ENTREVISTADA-** ...exacto, qualquer coisa que acontecia, era quase sempre ela a resolver, portanto nós estávamos muito protegidas, acabávamos por não ter a autoridade da turma que nos era exigida, ou pretendida neste caso. Depois o quarto ano, já foi diferente, portanto eu estava numa escola do estado, tinha primeiro, segundo e terceiro anos de escolaridade como níveis de aprendizagem numa só turma, e então conseguíamos conciliar, uma estagiária dava um ano, a outra dava o outro e a professora cooperante dava o outro. Aí, já tínhamos à vontade para tudo, era como se fossemos nós a professoras da turma, porque a professora saía, deixava-nos sozinhas com a turma, dávamos aulas 3 dias por semana, éramos nós que tínhamos de planificar e de intervir, portanto já foi completamente diferente e lá está, como era terceiro ano e segundo, já podíamos aplicar as nossas

planificações que preparávamos, já era diferente, porque conseguíamos ter um apoio daquilo que realmente fazíamos na sala, era muito bom na altura.

**ENTREVISTADORA-**...e como é que era feito esse acompanhamento da prática, na escola tinham a professora cooperante que discutia convosco a vossa intervenção, reflectiam em conjunto?

**ENTREVISTADA-** ...sim, sim, no final, no final da aula.

**ENTREVISTADORA-** ...e a nível aqui da faculdade?

**ENTREVISTADA-** ...nós tínhamos de fazer a planificação com uma semana de antecedência, tínhamos de a mostrar à nossa professora que era quem nos corrigia a nossa planificação, para depois então a podermos colocar em prática.

**ENTREVISTADORA-** ...e depois debatiam as vossas intervenções?

**ENTREVISTADA-** ...não, não...

**ENTREVISTADORA-** ...portanto faziam isso, só com a vossa professora cooperante?

**ENTREVISTADA-** ...sim, sim, cá de vez em quando tínhamos conversas, mas nada de especial. Tivemos de fazer no final do ano lectivo um relatório sobre como correu, mas muito geral, não tínhamos de especificar nenhum acontecimento, nenhum episódio específico...

**ENTREVISTADORA-** ...preparavam a vossa intervenção de prática pedagógica, aqui, apenas ao nível de planificação?

**ENTREVISTADA-** ...sim, a nível de planificação.

**ENTREVISTADORA-**...e depois o feedback da vossa intervenção era feita apenas pela professora cooperante?

**ENTREVISTADA-** ...sim, sim, a não ser na única observação que a professora fez...

**ENTREVISTADORA-** ...uma observação...?

**ENTREVISTADA-**...sim, só fez uma, mesmo. E depois aí já houve um feedback também da professora das práticas pedagógicas.

**ENTREVISTADORA-**...Não considera que foi importante a prática pedagógica no seu curso?

**ENTREVISTADA-** ...considero importante, acho é que deveria ser feita com parâmetros diferentes...

**ENTREVISTADORA-** ...como?



**ENTREVISTADA-** ...de forma diferente, porque neste momento, é assim, o que se nota no curso que eu tirei, é que nós acabávamos por aprender, como é que eu lhe hei-de explicar ... tínhamos de ser nós a tentar aplicar os métodos, mas acabávamos por nunca ter muita noção dos métodos se estávamos a fazer bem. Nós sabíamos o tipo de actividades que a nossa professora queria, sabíamos o que é que ela pretendia que fosse feito.

**ENTREVISTADORA-** ...professora aqui da faculdade?

**ENTREVISTADA-** ...professora aqui da faculdade, mas acabávamos por não ter um apoio que se calhar na altura precisávamos.

**ENTREVISTADORA-** ...como por exemplo?

**ENTREVISTADA-** ...é assim, nós como alunas temos sempre as nossas inseguranças, não é? Estamos a dar aulas, ainda não somos professoras, acabamos por apesar de ter a responsabilidade da turma, não somos professores titulares, não sentimos tanto essa responsabilidade, mas queremos fazer o melhor possível porque vamos fazer daquilo o resto da nossa vida profissiona e gostávamos de sair da faculdade a saber muita coisa e quando começamos a trabalhar é que vimos que realmente há muita coisa de que não tínhamos noção. Há coisas que são muito básicas que no dia a dia deveríamos ter aprendido cá.

**ENTREVISTADORA-** ...como por exemplo, dê-me lá um exemplo em que sente isso claro?

**ENTREVISTADA-** ...por exemplo, uma das coisas que senti foi quando a primeira vez, quando comecei a dar aulas, o ano passado não sabia portanto como preencher um registo de avaliação, nunca tinha preenchido, não sabia como é que se preenchia, não via um registo desses desde que andei no primeiro ciclo, porque nunca foi tratado cá; acho que era uma coisa importante porque todos os professores no final de cada período têm de preencher o registo. Por exemplo, nunca foi tratado nada a nível de testes, de fichas de avaliação, acho que é uma coisa muito importante, saber por exemplo, quando comecei a dar aulas fiquei a saber que tinha de fazer uma avaliação diagnóstica no início do ano.

**ENTREVISTADORA-** ...mas a questão da avaliação foi tratada?

**ENTREVISTADA-** ...tratámos da avaliação, mas de uma forma muito geral, teórica e eu acho que na prática, acabamos por não saber fazer as coisas, nunca fizemos, nós só fazemos quando começamos a trabalhar, na faculdade nunca fizemos nada disso. Por exemplo, eu sei que há várias formas de corrigir um teste, mas tentar ver o que é que é mais importante, o que é que é menos importante, as cotações que devemos dar, o número de perguntas que deveremos ou não fazer, acho

que esse tipo de coisas são interessantes para trabalhar e nunca são trabalhados portanto são coisas que nos passam completamente despercebidas, porque nós durante o estágio não nos apercebemos disso...

**ENTREVISTADORA-** ...nem tal coisa vos passou pela cabeça ser necessário fazer?

**ENTREVISTADA-** ...exactamente, eu acho que essas coisas, que são práticas, deveriam ser tratadas porque para mim a forma, por exemplo,...nós tratamos da avaliação, eu lembro-me bem perfeitamente das aulas de avaliação, quando nos davam um dossier com vários documentos e que cada grupo analisou um documento, portanto, não é ouvir um colega meu ou uma colega minha a ler uma folha que vou perceber o que é que é uma avaliação formativa. Nós sabemos o que é, mas a forma...

**ENTREVISTADORA-** ...sabem teoricamente?

**ENTREVISTADA-** ...exactamente, acho que deveria ser trabalhado de uma forma diferente...

**ENTREVISTADORA-** ...de que forma? Tendo em vista a vossa intervenção na prática...

**ENTREVISTADA-** ...exactamente, acho que as cadeiras que nos poderiam ensinar alguma coisa eram muito pequeninas, eram um semestre normalmente.....e acabavam por abordar só aspectos teóricos?

**ENTREVISTADORA-** ...mas depois, no estágio, poderiam perceber qual a aplicação que a teoria que estudavam tinha na prática...

**ENTREVISTADA-**...mas não se fazia, a prática pedagógica acabava por não servir porque quando estávamos a fazer observações eram só observações e quando estávamos a fazer intervenções, eu falo por mim, porque eu acabei, eu sinto que só intervimos no quarto ano, para mim o terceiro ano, em termos de intervenção não foi muito significativo, foi muito estranho, sinceramente foi muito estranho.de qualquer das maneiras, no quarto ano a preparação para a intervenção, resumia-se mais à planificação... acabávamos por..., éramos capazes de fazer uma ficha ou outra para realizar uma actividade com os alunos, para introduzir um conceito, mas não conseguíamos consolidar nada, porque não tínhamos hipótese para isso e lá está, tudo o que acontecia, portanto a parte de avaliação, mesmo, da avaliação dos meninos, do impacto ao nível da aprendizagem deles que devíamos fazer, acabava por não ser trabalhada, acabávamos por não trabalhar, acabávamos por fazer várias coisas mas ficávamos sem saber o resultado e sem podermos reflectir sobre ele.

**ENTREVISTADORA** – ...então são aspectos que se devem ter traduzido em dificuldades quando começou a trabalhar este ano com a sua turma...?

**ENTREVISTADA-**...senti, mas como tinha sempre apoio... Senti, senti falhas... acho que sentimos todos.

**ENTREVISTADORA-** ...que outras dificuldades encontrou?

**ENTREVISTADA-**...por exemplo, eu penso que, lá está, há uma coisa que neste momento eu não sinto dificuldade, mas que vou sentir se sair daquele colégio e for para outro, ou se for para o estado. Por exemplo, uma das coisas que nós, professores, temos de dar são as expressões. Nós, acho que tivemos uma boa expressão plástica na faculdade, mas lá está, um semestre, tudo o que tinha a ver com metodologias era um semestre e tínhamos também um..., tivemos também Expressão Dramática, mas acho que não interessava; por exemplo, Educação Física nunca tivemos, Educação Musical nunca tivemos, lá está neste momento temos professores no colégio que dão e que acabamos por não ter de dar, mas eu sei que se for para o estado, tenho de dar.

**ENTREVISTADORA-** ...são áreas curriculares que sente não...?

**ENTREVISTADA-** ...que não foram sequer trabalhadas, e as outras...

**ENTREVISTADORA-**...quais?

**ENTREVISTADA-**...Educação Física e Educação Musical, não estou minimamente preparada, tenho plena consciência disso, nem nunca falei disso na faculdade. Relativamente às outras áreas eu acabo por sentir exactamente o mesmo,..acho que apesar de termos tido Metodologia do Estudo do Meio, Metodologia da Matemática e Metodologia da Língua Portuguesa, acabou por ser uma coisa muito básica, muito geral, porque também não tínhamos tempo para isso, porque como eu acabei de dizer as metodologias, por norma eram um semestre, portanto passava muita coisa à parte. Nós conseguíamos fazer as planificações...mas não havia interligação, portanto os professores eram diferentes, não havia interligação. Nós podíamos dar uma coisa de uma forma, utilizando uma metodologia, mas depois tínhamos de fazer outra coisa. Por exemplo, Matemática, acho que aprendemos muita coisa, já tínhamos vários jogos, jogos diferentes para dar várias matérias, portanto acaba por ser diferente, formas giras e interessantes para trabalhar a matéria com as crianças. Acho que deveria ser isso, deveria ser feito em todas, enquanto que na maioria não, aquelas competências que deveriam ser trabalhadas tendo em conta a aprendizagem dos alunos, não foram, acabaram por ser muito em geral, acabávamos por falar planificações em todo o lado, em todas as metodologias e em toda a prática pedagógica. Cada grupo trabalhava o que ia dar naquela semana, mas lá está, tirávamos os objectivos específicos e pronto, não tínhamos, acabávamos por não trabalhar a fundo as coisas, eu acho que é mais aí, não é? Neste momento, começamos a trabalhar, vamos procurar livros que nos... de onde consigamos tirar alguma coisa e fazer algum trabalho.

**ENTREVISTADORA-**...portanto, também têm de recorrer muitas vezes à pesquisa para ultrapassar nomeadamente o quê? Quais foram as pesquisas que mais fez e qual era a dificuldade que queria a colmatar?

**ENTREVISTADA-** ...mais a nível de competências...

**ENTREVISTADORA-** ...que competências ...?

**ENTREVISTADA-**...para trabalhar competências em todas as áreas curriculares porque, lá está, planificação, fazíamos sempre de uma forma muito geral, por exemplo, fomos aos livros, víamos objectivos gerais, objectivos específicos, mas pronto, acabava por não haver muito aquele apoio de explicar como fazer. Nós tentávamos fazer, não é assim, arriscamos, e não era explicado se fizemos bem como se pode fazer melhor, outras formas de trabalhar, de diversificar as actividades...

**ENTREVISTADORA-**... não tinha a noção de como devia contemplar essa parte das competências na planificação?

**ENTREVISTADA-** ...eu acho que era um bocadinho insegurança e mesmo agora no primeiro ano, podemos ter tudo muito bem e achamos que não estamos preparados para tal, eu penso que tem também um bocadinho a ver com isso, porque queremos fazer tudo muito bem, queremos que corra tudo muito bem, lá está, ainda por cima começando com um primeiro ano, temos que preparar para aprenderem a ler, a escrever e que corra tudo muito bem e depois temos medo de falhar nalguma coisa, eu penso que passa também um bocadinho por aí, porque lá está, o que eu senti mais dificuldades a nível de tudo foi a parte das avaliações e a parte daquelas burocracias em termos de escola, as áreas de projecto...

**ENTREVISTADORA-** ... também sentiu dificuldade na elaboração de projectos,?

**ENTREVISTADA-**...na aplicação, ...por exemplo, nós a nível de faculdade trabalhamos a Língua Portuguesa, a Matemática e o Estudo do Meio, mas quando começamos a leccionar temos de incluir a Área de Projecto, o estudo acompanhado, a formação cívica, que nunca foram tratadas aqui na faculdade, nunca foi tratado aqui. Nós acabamos por ter de pesquisar...

**ENTREVISTADORA-** ...isso também foram áreas que teve de pesquisar e que precisou de ajuda?

**ENTREVISTADA-** ...exacto, porque apesar de...durante o meu quarto ano, eu só trabalhei Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio...

**ENTREVISTADORA-**...portanto, nunca teve acesso a, por exemplo, um projecto de escola, um projecto curricular de turma para analisar?

**ENTREVISTADA-**...tivemos acesso ao projecto, ao plano de actividades e ao projecto curricular de escola, agora por exemplo, o projecto curricular de turma quando saí aqui da faculdade não sabia fazer, portanto tive de aprender tudo. São este tipo de coisas que acho que era importante fazer na escola mesmo ao nível do estágio e acho que, ...por exemplo, eu tenho um familiar meu que neste momento que está a tirar o meu curso, mas está a tirar noutra faculdade e eu acho que a prática pedagógica já funciona duma forma diferente porque além de inicialmente ter o mesmo estágio que eu tinha, 2 horas semanais, tem depois um mês por ano, que está o mês inteiro só na escola, não tem aulas na faculdade, está só a leccionar, portanto é o estágio e acaba por ter noção de tudo o que se passa na escola, porque está lá a tempo inteiro e a fazer tudo o que os professores fazem...

**ENTREVISTADORA-**...porque vive o ambiente da escola, os problemas da escola, o que é o dia a dia da escola, está sempre integrado na escola.

**ENTREVISTADA-**...exactamente, está sempre lá, enquanto que nós...

**ENTREVISTADORA-**...portanto acha que este tipo de prática pedagógica era mais importante?

**ENTREVISTADA-**...acho que sim, porque aprende-se a fazer... Acho que, acaba por ser um a modalidade diferente, onde se consegue ter uma noção mais correcta da realidade.

**ENTREVISTADORA-** ...têm maior noção dos problemas que surgem no dia a dia, e vão percebendo formas formas de os resolverem...

**ENTREVISTADA-**...exacto, é completamente diferente porque nós, portanto penso que também terá a ver com a postura da nossa professora de prática pedagógica, porque acabava por...penso que tem, na minha opinião um papel muito importante e acho que nós aqui não tínhamos o apoio, falo um bocadinho por mim que precisávamos ou que achávamos necessário e acabávamos por ter de fazer tudo, entre aspas, por nós e havia coisas que corriam melhor e outras que corriam pior...

**ENTREVISTADORA-**...e sente que teve mais apoio da professora cooperante...?

**ENTREVISTADA-**...exactamente...dava-nos larga liberdade para fazermos aquilo que trazíamos planificado e depois, no final da aula, dizia se concordava ou não e no que é que concordava e no que é que não concordava.

**ENTREVISTADORA-**...portanto, para si, a prática pedagógica trabalhada de uma forma mais contextualizada, mais integrada na escola, seria mais importante para ajudar a ultrapassar determinados problemas ou dificuldades que sentiu...

**ENTREVISTADA-**...penso que sim...

**ENTREVISTADORA-** ...se agora lhe dessem a escolher duas acções de formação para frequentar, quais eram as áreas que escolheria?

**ENTREVISTADA-**...é assim, eu, uma que escolho sempre é tudo o que tenha a ver com necessidades educativas especiais, porque apesar de eu sempre achar que era complicado termos uma criança na sala de aula com algumas dificuldades, porque lá está, no curso também tivemos uma cadeira, mas que falámos nas diversas doenças que havia e nos sintomas das doenças, mas não falamos absolutamente mais nada, acabámos por não ter, ... é tudo muito teórico, acabamos depois por não ter noção do que é que podemos fazer. E então por isso, acabei por vir tirar uma pós-graduação...

**ENTREVISTADORA-** ...ah, está já a tirar...?

**ENTREVISTADA-**...sim, estou, ...já fiz uma acção de formação sobre dislexia, e sempre que aparece alguma coisa sobre algumas dificuldades tento sempre tirar porque, lá está, é o nosso papel dificuldades de aprendizagem, necessidades educativas especiais, acabam por ser coisas que nos dizem muito respeito, porque tudo o que se possa fazer é muito bom para tentar melhorar e conseguir fazer um bom trabalho. Depois duas coisas que eu acho muito importantes são as novas tecnologias porque acho que são muito importantes para eles para os alunos. Nós temos no colégio Informática que é dado por uma empresa exterior e notamos, portanto eles gostam muito, passar um texto a computador é muito melhor do que passar um texto à mão, há jogos didácticos neste momento muito bons, a própria pesquisa na Internet, nós temos trabalhado muito...

**ENTREVISTADORA-**...e sente que na sua formação, a prepararam também para lidar com as tecnologias ao nível de sala de aula?

**ENTREVISTADA-** ...não, nós tivemos Tecnologias da Informação e Comunicação no primeiro ano, em que a faculdade tinha mudado de instalações e acho que houve um assalto à faculdade que os computadores acabaram por desaparecer e então as tecnologias da informação foram teóricas e não práticas, deviam ter sido a trabalhar no computador...

**ENTREVISTADORA-**...mas se foram teóricas, era a teoria aplicada ao ensino e à aprendizagem dos alunos, ou as tecnologias eram abordadas na óptica do utilizador, como um recurso para o próprio trabalho do professor...?

**ENTREVISTADA-**...sim, sim, aprender a utilizar o computador e alguns programas mas acabávamos por não praticar nada, acabámos por, ... lá está, temos a teoria toda, mas a prática funciona de uma forma diferente e quem não tem muita prática a trabalhar com computadores, apesar de saber como é que se faz, ou apesar de saber que podemos fazer um acetato, ou um slide no computador ou

qualquer coisa para podermos continuar, acabamos por não saber fazer, porque foi tudo muito teórico, porque nós tínhamos, por exemplo, uma reportagem sobre qualquer coisa de tecnologias da informação, tínhamos apenas de fazer um relatório sobre a reportagem porque não tínhamos meios para trabalhar porque não tínhamos os computadores.

**ENTREVISTADORA** – ...mas por exemplo, a parte teórica, o que é que tratavam exactamente, tendo em vista a aplicação na prática pedagógica?

**ENTREVISTADA** – ...acabávamos por não aplicar grande coisa...

**ENTREVISTADORA** – ...o que é que aprendiam em termos teóricos sobre novas as tecnologias?

**ENTREVISTADA**-...as nossas aulas eram basicamente, aparecia uma reportagem numa revista, era retirada, e era trabalhada a reportagem, trabalhada a nível de relatório nunca... o relatório de ler a reportagem e fazer um resumo da reportagem, acabávamos por não ter...

**ENTREVISTADORA**-...isso também se pode fazer sem tecnologias...?

**ENTREVISTADA**-...exactamente, acabávamos por não ter grande aplicação. Eu acho que, também se calhar lá está, foi um ano de mudanças na faculdade...

**ENTREVISTADORA**-...mas isso foi só no primeiro ano, depois nos outros anos,....

**ENTREVISTADA**-...depois não tivemos mais, tivemos no quarto ano uma aula em que aprendemos a fazer os tais acetatos para aplicar, portanto com os computadores, agora não me lembro do nome.

**ENTREVISTADORA**-...power point...mas a lógica do uso da tecnologia seria então na óptica do professor apenas para leccionar a matéria, não para ser explorada do ponto de vista da aprendizagem do aluno, como uma ferramenta de aprendizagem, em pesquisas..?

**ENTREVISTADA**-...não, isso nunca trabalhámos, supostamente deveria ter sido no primeiro ano.

**ENTREVISTADORA**-...nem as planificações contemplaram actividades ligadas ao uso das tecnologias...?

**ENTREVISTADA**-...nunca...

**ENTREVISTADORA**-...e sente que isso lhe faz falta...?

**ENTREVISTADA**-... penso que sim, porque neste momento todas as crianças têm um fascínio muito grande pelas tecnologias e acabam por pesquisar e se nós formos sempre os orientadores na pesquisa as coisas funcionam duma forma completamente diferente, agora quando nós não temos formação para, também não nos aventuramos a fazer essas inovações..., se não nos sentirmos preparadas para os orientar, também não o vamos fazer e acaba por, lá está, as novas tecnologias são muito

importantes e se nós não temos formação para conseguir trabalhar com eles, não vamos estar a levá-los para uma coisa que não sabemos fazer, apesar de achar que isso seria muito importante. Lá está seria outra das acções que eu iria frequentar, porque apesar de neste momento, haver no colégio há uma empresa que vai dar Informática e as planificações em Informática estarem, de acordo com as nossas planificações...

**ENTREVISTADORA**-...o que é que os alunos aprendem nessas aulas de Informática, ou seja em que medida é que os temas que trabalha com eles na sua aula são depois utilizados para as actividades ligadas ao uso das tecnologias?

**ENTREVISTADA**-...por exemplo, posso dar-lhe um exemplo, eu dei as profissões numa semana e comuniquei à professora de Informática que ia dar as profissões, ela na aula seguinte trabalhou as profissões com eles. Portanto partiam por exemplo de um polícia e o polícia dizia o que era e eles tinham de saber, depois tinham de ligar a nível da informática, o que para eles acaba por ser mais interessante. Por exemplo a higiene alimentar, também trabalhei na sala de aula, disse-lhe e portanto, aparecia uma teoria em Powerpoint, ela fez uma apresentação em Powerpoint da teoria, mas depois tinham de responder a um questionário, mas no computador, portanto são coisas que eles acham interessantes, são diferentes, mas lá está, tenho sempre uma pessoa que trabalha...

**ENTREVISTADORA**-...portanto sente que essa é uma lacuna da sua formação também, saber utilizar as tecnologias como um recurso do ensino e da aprendizagem,...

**ENTREVISTADA**-...acho que sim, eu acho que sim, eu acho que, lá está, o nosso curso acaba por ser muito teórico e o que nós precisamos na prática é daquelas coisinhas básicas que temos de fazer ao longo do dia a dia e que acaba por ser esquecido a nível de formação, porque se calhar também lá está, para quem nos dá formação são coisas tão básicas que nunca pensam que nós no início em que começamos a trabalhar vamos sentir essas dificuldades e por exemplo, eu tenho uma colega minha que este ano é o primeiro ano que está a dar aulas e então pergunta muita coisa porque aí eu noto que ela não tem, por exemplo, como eu, um bom ambiente para se precisar de alguma coisa, ir perguntar. Noutra dia estava-lhe a dizer não te esqueças de preencher os registos de avaliação, e ela, mas o que é que é um registo de avaliação, nem sequer tinha a noção que tinha de fazer um registo de avaliação para entregar aos pais no final do período. Acho que são coisas tão básicas que deveriam ser tratadas, porque é o nosso dia a dia.

**ENTREVISTADORA**-...quer dizer, em nenhum momento em que sentiu essas dificuldades, digamos assim, recorreu à faculdade para pedir ajuda?



**ENTREVISTADA**-...não, não, porque...porque sou muito apoiada pelas minhas colegas e acabo por ter, lá está, o ambiente no colégio é tão bom que antes de eu ter de fazer as coisas, tenho sempre alguém que, “olhe vamos ter de fazer isto assim”, “então como é que se faz?”

**ENTREVISTADORA**- ...orientam-na...

**ENTREVISTADA**-...exactamente, “é assim, assim”, são capazes de ir buscar do ano lectivo anterior para eu ver, portanto acabo por ter sempre, por exemplo, uma acta, nós na faculdade nunca aprendemos a fazer uma acta, chegamos ao, começamos a trabalhar, há reuniões dos conselho dos docentes todos os meses, há reuniões de coordenação todos os meses onde têm de ser feitas actas. Eu não sabia fazer uma acta, percebe? Eu não posso dizer que senti muitas dificuldades no início, porque me senti sempre muito apoiada se eu for dizer, “ah foi muito complicado”, não foi, não foi porque estava sempre acompanhada.

**ENTREVISTADORA**-...e portanto isso não a deixou muito angustiada?

**ENTREVISTADA**-...não por isso, porque como tinha tanto apoio e como eram as minhas colegas que me avisavam tens de fazer isto, tens de fazer aquilo, como é que se faz, acabei por não sentir muito, agora noto que quem não têm esse apoio sentem muitas dificuldades, e noto isso pelos meus colegas que estão a trabalhar neste momento que me telefonam muitas vezes, e que não têm esse apoio, não têm noção de como as coisas funcionam porque não tivemos a ligação que há, tudo na escola está interligado, nós temos de nos reger pelo regulamento interno, temos de ter em atenção o projecto curricular de escola, temos de fazer o projecto curricular de turma e temos de saber lidar com tudo, e para isso devíamos ter formação para tal e acho que aí há muitas lacunas porque são coisas que são completamente esquecidas na nossa formação inicial, eu penso muito nisso...

**ENTREVISTADORA** – ...claro...

**ENTREVISTADA**-...porque, lá está, há coisas que são tão básicas que nós...

**ENTREVISTADORA**-...acha que se não tivesse encontrado esse bom ambiente e esse apoio todo o seu primeiro ano na profissão teria sido um ano angustiante...

**ENTREVISTADA**-...exactamente, penso que sim, penso que não deve haver muitas escolas com o ambiente que nós temos ali e isso realmente para nós é muito bom, é muito bom porque conseguimos ter um à vontade diferente e eu acho que a nossa profissão, nós na nossa profissão temos de estar confiantes naquilo que fazemos para podermos transmitir isso às crianças, se nós andamos inseguras e acabamos por ter um ano muito instável, porque não sabemos o que é que havemos de fazer, porque temos de fazer isto e aquilo e como é que se faz e onde é que eu vou à

procura, acho que é muito complicado e transmitimos essa insegurança às crianças, enquanto ali acaba por não acontecer, porque como nos apoiamos tanto e nota-se este ano temos uma colega nova e todas temos a mesma preocupação, às vezes chegamos as 3 professoras, portanto nós somos 4, às vezes as outras 3 dizem a mesma coisa, uma lembra-se e vem dizer e também ajuda os outros.

**ENTREVISTADORA-**...uma vez que aconteceu consigo, também já tem a preocupação de ir apoiar os outros...

**ENTREVISTADA-**...exactamente, mas lá está, acho que são coisas que deveriam ser tratadas na faculdade porque... o apoio à planificação era fora do nosso horário lectivo, era na faculdade, mas eram horas à parte e as aulas de prática pedagógica do quarto ano principalmente no segundo semestre, como é que eu hei de dizer, na minha opinião não tiveram utilidade nenhuma.

**ENTREVISTADORA-**...mas porquê...?

**ENTREVISTADA-** ...nós tínhamos aulas teóricas...

**ENTREVISTADORA-** ...o que é que faziam nas aulas teórica?

**ENTREVISTADA-**...tivemos de comprar um dossier de práticas de avaliação.

**ENTREVISTADORA-**... trabalhavam aspectos ligados à avaliação?

**ENTREVISTADA-** ...acabávamos por não debater nada, porque cada um fazia um resumo, era o que eu estava a dizer há pouco, as únicas coisas que foram tratadas em termos da avaliação foi assim, nós comprámos um livro, um dossier, cada um ficou com um documento, aquilo era dividido por documentos, fazíamos um resumo e líamos à turma, portanto a matéria ficou dada, não havia debates sobre nada.

**ENTREVISTADORA-**...e depois na preparação da intervenção na prática propriamente dita,

**ENTREVISTADA-**...não havia, eram só as planificações....

**ENTREVISTADORA-**...em momentos fora das aulas, próprios para acompanhar os grupos de estágio?

**ENTREVISTADA-**...exactamente, lá está, estas aulas, em vez de estarmos a debater a avaliação da forma como debatemos, se tivesse feito de uma forma diferente, se tivéssemos debatido os problemas que íamos encontrando na prática, era diferente, assim acabamos por ter sempre aquelas lacunas.

**ENTREVISTADORA-** ...já tinham questões concretas que sentiam necessidade de debater...

**ENTREVISTADA**-...exacto, por exemplo, eu hoje estive a ajudar a minha colega de primeiro ano a fazer um registo de avaliação porque ela sentiu exactamente a mesma dificuldade que eu, tem de fazer, tem 4 dias úteis para entregar, o que é que eu vou escrever, o que é que eu vou fazer, como é que se faz, porque nós não temos essa noção.

**ENTREVISTADORA**-...quais são os parâmetros que eu vou considerar para a avaliação?

**ENTREVISTADA**-...exactamente, por exemplo, uma coisa que eu acho que também deveria ser tratado na faculdade e que não é, lá está, é uma coisa também muito prática, outra é o processo do aluno, o que é que o processo do aluno tem de ter, o que é que não tem, nós nunca aprendemos, nunca falámos nisso, o processo do aluno só falei quando entrei no colégio quando comecei a trabalhar...

**ENTREVISTADORA**- ...são aspectos que se prendem com a avaliação formativa, contínua, que sente serem de facto muito importantes e que fazem parte do dia a dia, do quotidiano do trabalho do professor e até do processo de ensino...

**ENTREVISTADA**-...exactamente, o que nós sentimos quando começamos a trabalhar, a única coisa que trabalhámos mais e que sabemos fazer realmente acaba por ser as planificações, porque de resto, é assim, é verdade que dava aulas todas as semanas e até tinha uma boa professora cooperante boa que nos dava apoio, que nos dizia “não debes fazer assim”, “deves fazer doutra maneira”, “se fizeres assim dá mais resultado”, “se calhar se tivesses feito de outra forma as crianças estavam mais motivadas”, acabava por ter esse apoio. Mas, por exemplo, faltou-me passar pela experiência de ensino ao nível do primeiro ano em que vamos ensinar a ler e a escrever e para nós é muito complicado, será que vão aprender a ler, será que não vão, será que sabem, será que não sabem...

**ENTREVISTADORA** – ... porque na sua prática de estágio não passou pela experiência de ensino do primeiro ano de escolaridade? Portanto, acha que ao longo do curso, devia fazer intervenções ao nível de todos os anos de escolaridade para se sentir mais segura...?

**ENTREVISTADA**-...eu penso que sim, e acho que não deveríamos começar a estagiar no final de Outubro ou início de Novembro, mas sim sempre no início do ano lectivo, porque é crucial, para uma adaptação quer das crianças quer nossa enquanto estagiários...

**ENTREVISTADORA**-...portanto, estariam a recebê-las também com o professor?

**ENTREVISTADA**-...exactamente, acho que sim, deveríamos começar mais cedo e ser de uma forma diferente, porque acho que, lá está, acaba por falhar muita coisa, por exemplo, uma coisa que eu não

tinha até começar a trabalhar a mínima noção, é que no início de cada ano lectivo, tínhamos de fazer uma avaliação diagnóstica e que tem de constar no processo do aluno.

**ENTREVISTADORA**-...no entanto, trabalharam a avaliação...?

**ENTREVISTADA**-...exactamente, exactamente...mas não demos, não são tratados, acabam por ser esquecidos...

**ENTREVISTADORA**-...e em sua opinião são importantes, porque também contribuem para fazerem um diagnóstico das dificuldades dos alunos e do seu nível de aprendizagem...

**ENTREVISTADA**-... é a mesma coisa que o projecto curricular de turma, eu quando fui chamada para trabalhar, a minha directora disse-me em quanto tempo tinha de fazer o projecto curricular de turma, e eu, “o que é um projecto curricular de turma?”, lá está, tive de ir pesquisar, de ir à procura de livros onde explicassem como...

**ENTREVISTADORA**- ...se faz um projecto curricular de turma...

**ENTREVISTADA**- ...exactamente, lá está, tive a sorte de estar num colégio onde as minha colegas acabam por me apoiar e acabei por fazer, mas lá está, eu não tinha a noção que no final do ano lectivo tinha de fazer uma avaliação ao meu projecto curricular de turma, tinha de fazer um relatório para saber se tinham sido necessárias alterações ou não, se o projecto era ou não adequado à turma, não tinha a mínima noção... chegámos ao final do ano lectivo, eu tinha de fazer um relatório, lá está, as minhas colegas avisaram-me, mas é o que eu digo, se eu estivesse numa escola diferente não tinha a noção, ...exactamente a mesma coisa com a área de projecto, eu nunca falei na área de projecto na escola, na faculdade, chego e tenho um projecto... “está aqui o projecto”. Tudo bem, comecei a olhar para aquilo, “o teu tema é este”, então expliquem-me o que é que eu tenho de fazer, Nós também não temos essa noção de estudo acompanhado, o que é que se trata no estudo acompanhado, o que é que é formação cívica, o que é que temos de fazer na formação cívica, são coisas que se não pesquisarmos não sabemos porque são coisas que nunca foram debatidas. Eu acho que as lacunas acabam por se sentir mais aí...

**ENTREVISTADORA**-...sim senhora, mas está contente?

**ENTREVISTADA**-...ah, estou, estou...

**ENTREVISTADORA**-...está bem na profissão, acha que escolheu bem?

**ENTREVISTADA**-...estou, estou, sim sim, isso estou...

**ENTREVISTADORA-**...o primeiro ano não foi traumático, apesar de tudo, até pelo contrário, fez um balanço positivo...

**ENTREVISTADA-** ...sim, sim, sim...

**ENTREVISTADORA-** ...e em seu entender contribuiu para isso o ambiente de acolhimento na escola...?

**ENTREVISTADA** – ...bastante, eu penso que o que fez com que o primeiro ano fosse assim foi realmente o ambiente, que, foi como já lhe disse várias vezes, noto isso nos meus colegas, que não têm o ambiente que eu tenho, que se sentem completamente desamparados.É diferente se nós formos para a uma escola onde não haja este ambiente, onde cada professor faça o seu dia a dia, portanto da sua forma, onde não haja diálogo, acabamos por nos sentir sozinhos, acabamos por sentir que se for perguntar alguma coisa que estou a incomodar, que tem de estar sempre a perguntar e como uma colega minha noutra dia me dizia, vocês não tenham vergonha de perguntar, ...parece que eu não sei fazer nada e preciso de ajuda para tudo e que são coisas que nós nunca trabalhamos, como é que nós podemos saber fazer...

**ENTREVISTADORA-**...pois, e acha que pode haver o receio de os colegas pensarem que não sabem nada, e que pelo facto de terem acabado de se licenciar, deveriam saber fazer coisas novas, não é?

**ENTREVISTADA** – ...exactamente, que devíamos saber mais do que eles...

**ENTREVISTADORA** – ...exacto, exacto...

**ENTREVISTADA-**...que estamos mais actualizado, e eu acho que não, que não estamos...

**ENTREVISTADORA-**...acha que aprendem depois lá, na escola no dia a dia, e com os colegas...?

**ENTREVISTADA-**...penso que sim, exacto, é verdade...

**ENTREVISTADORA-**...muito obrigada pela sua colaboração, foi um bom contributo, desejo-lhe felicidades para a sua carreira ...

**ENTREVISTADA-**...para mim também foi bom falar sobre estes aspectos todos, ajudou-me a fazer um ponto da situação, muito obrigada também...

